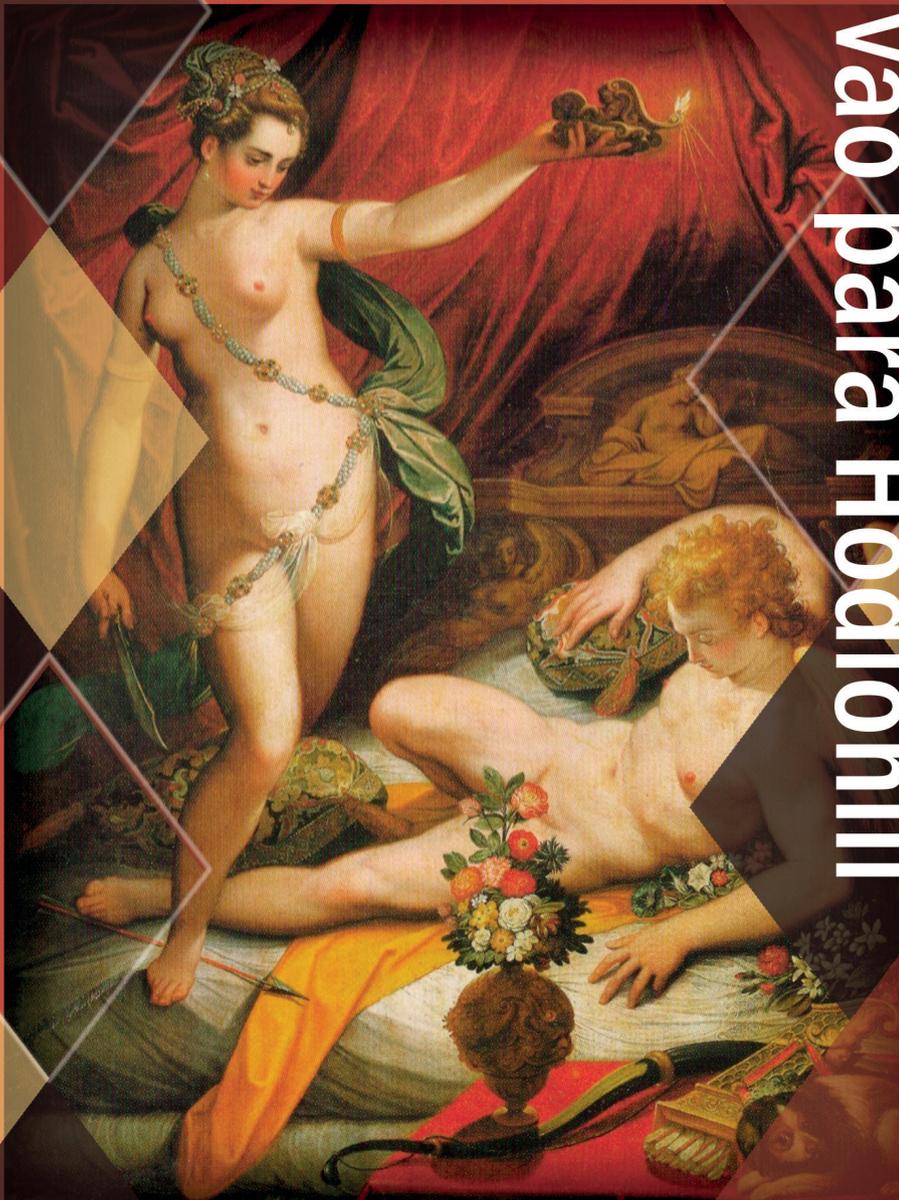


# Psyché e Hamlet

Vão para Hodionhill



# (C) Aquarela Brasileira Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M561p Merije, Wagner

Psyché e Hamlet vão para Hodiouill / Wagner Merije. – São Paulo :  
Aquarela Brasileira, 2019.

164 p.; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-92552-20-6

DL: 461950/19

I. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título.

2019-1744

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Ficção 869.8992
2. Literatura brasileira : Ficção 821.134.3(81)

**Aquarela Brasileira** Livros  
[www.aquarelabrasileira.com.br](http://www.aquarelabrasileira.com.br)  
[facebook.com/aquarelabrasileira](https://facebook.com/aquarelabrasileira)  
E-mail: [faleaquarela@gmail.com](mailto:faleaquarela@gmail.com)

Brasil - Portugal

Projeto gráfico: **Aquarelistas**  
Editor convidado: **Paulo Branco Lima**  
Design: **Rômulo Garcias**  
Produção: **Bella Rossi**  
Revisão: **Maria Rita Cândida**

Arte da capa a partir de resignificação da  
arte de Jacopo Zucchi (1541-1598)

1ª edição: Coimbra, Novembro 2019

Um fogo devora um outro fogo.  
Uma dor de angústia cura-se com outra.

**William Shakespeare**

Do atrito de duas pedras chispam faíscas;  
das faíscas vem o fogo; do fogo brota a luz.

**Victor Hugo**

Um cessar fogo entre os homens depende  
de um cessar fogo com Deus.

**Max Lucado**

# SUMÁRIO

6 Dedicatória do autor

7 Antes do nome

## 9 LIVRO I

### **Em Hodiohill tudo pode acontecer**

10 P e H

16 A História é um frankenstein

19 Das cinzas de Hodiohill, a autópsia de um livro e de um povo

25 Meme

26 Duelo de pai com filho

31 Fábrica de escravos mirins

32 Sumiço de passaportes termina mal

49 Concurso letal

52 Tragédia anunciada no circo

55 O taxidermista

61 Populares pedem canonização de suicida

69 Jantar de empresários transformado em carnificina

## 74 LIVRO II

### **Consuma-me ou te devoro, desafia o Minotauro de Hodiohill**

75 Fora do lugar

76 O esgoto

80 Cão de guerra

83 Desassossego

- 88 O dia em que Patricia fez uma revelação  
93 Em mim todos os sonhos do mundo  
96 Hacker  
99 A velha presença  
102 Cenas de um hospital  
105 Teias  
108 A desadaptação de P e H

### 111 **LIVRO III**

#### **O amor é uma vertigem constante em Hodiohill**

- 112 A dança da solidão  
115 Prepotência  
120 Cabeça dura em bandeja de prata  
123 Ascendente em Câncer  
129 Gente de bem  
138 Atenção para o prazo de validade  
139 Jardins extremos  
146 Adeus

### 148 **LIVRO IV**

#### **Dentro do fogo**

- 149 Siga a seta  
152 Um mundo em comum para P e H  
156 Memórias do fogo  
159 Museu do nada

## DEDICATÓRIA DO AUTOR

Pois dedico esta coisa aí aos meus antepassados, que são hoje ossos, aí de nós.

Dedico-me aos terremotos, às tempestades, à vibração das cores neutras, ao som que me amolece os ossos, me espanta e com os quais voei em fogo. Dedico-me a uma nova mordida da vida, ao processo de palavra, efetuo a escritura afetando-me a mim próprio, coincidindo a ação e a afeição. Dedico sobretudo aos obscuros, camaleões, leões, anões, sílfides e ninfas que me habitam a vida. Dedico-me a colecionar pequenos acontecimentos, abraçado à solidude, a correr nu pelas ruas. Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, tudo sobriedade e dignidade e eu nunca havia comido lagosta. Nem vem ao caso. Dedico-me às pessoas doidas, que estão doidas por viver, por falar, desejosas de tudo ao mesmo tempo e que ardem, ardem, ardem como fogos de artifício riscando a noite. Dedico-me ao autoconhecimento e ao alargamento do conhecimento do mundo. Mas isso é tudo demasiado forte. Dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu dos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos – a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: nós.

Que se fale, não apenas as nossas cicatrizes. Que se cure, não só as nossas feridas. Que em Hodiohill a paz abraçe a razão e o amor beije o ódio.

# ANTES DO NOME

Antes do nome assim se chamar,  
há o tatear que se insinua NO ESCURO da galáxia das palavras:

ESSA VIDA É BANG BANG

OU

A CAMINHO DO DESATINO

OU

OS OBSCUROS

OU

PEQUENA COLEÇÃO DE ACONTECIMENTOS

COMO VIVER MUITAS VIDAS

OU

A ERA FENIX

OU

A DOLOROSA LUZ DAS CADEIRAS ELÉTRICAS

OU

O MUNDO É UM MOINHO

BASTA! JÁ TEMOS O INFERNO NO CORAÇÃO

OU

O ÚLTIMO INFERNO DO CORAÇÃO

OU

VIVEMOS NO CORAÇÃO DO INFERNO

OU

NO CORAÇÃO DO INFERNO

OU

PSYCHÉ E HAMLET VÃO PARA HODIOHILL

# LIVRO I

Em Hodiohill tudo  
pode acontecer

## P e H

O que me arrasta ao longo destas noites que ainda não se aquietam em deserto, tal como esse outrora de que falo, é o caso de P e H.

As velas estão molhadas, a primavera alvoroça-se lá fora, o que me excita a escrever é o desejo de me esclarecer na posse de minhas faculdades mentais, disto e daquilo que conto, um alarme que persegue o barco, um peixe-pássaro que insiste em voar ao invés de estar em águas profundas, um reflexo por revelar na própria não-posse o desejo de perseguir o alarme que me violentou e ver-me através dele e vê-lo de novo em mim, revelá-lo na própria carne sem posse, livre de prisão ou de prisioneiros, que é possível recuperar isso pela evidência da desvantagem de não saber bem ao certo o certo. Escrevo para ser, escrevo para tentar ser P e H na mente aqui minha que podia ser a deles, eu que os quero encontrar para segurar nas suas mãos inábeis, para que fulguem um bocadinho antes de dizer de novo adeus.

Oh, me deixem, me permitam lembrar de P e H, que me visitaram e que habitaram minha casa por dias e noites a fio. Diariamente me desafiavam a decifrar quem eram os donos (nem tanto assim) daqueles corpos e daquelas almas.

O que cito é de cabeça, é de corpo inteiro, de imaginação fecundada. Preciso falar deles.

As identidades estão sempre para serem descobertas.

São construções, são identificações, são lembranças que deixam marcas.

Afinal, como dizer sobre P e H? Quando tentamos decifrar quem somos ou quem o outro é, o primeiro empecilho é a confusão provocada pelo decorrer do tempo, pelo pêndulo entre o passado e o presente. Vejamos.

P se deixava estar perto de pequenos animais, guardava caracóis, maternal e explosiva, enquanto H colecionava folhas secas, postais de viagem e sonhava com bibliotecas.

P gostava de enroscar-se nas próprias pernas e de poder correr como se fosse uma estrela longe de telescópio. H tinha ideias mirabolantes que o movia dias a fio por longínquos planetas.

P inventava onomatopeias, que anotava num diário sem capa nem data, sem fim nem começo. H era instável e agitado, fogo com ar, saliva e língua.

P mordia os dentes, gostava de beijos e de chuva de verão. H era confuso, rebelde, vulcão em erupção.

P se interessava pela morte, pela desobediência, tsunami à beira mar. H é um leopardo, labiríntico, corpo de pedra, fotografia em preto e branco.

Guardado na estante, na prateleira três, o livro de gramática pede a palavra para dizer:

— Fique atento, os tempos verbais se alteram com o tempo, tomam outros tempos! Às vezes o que era pode não ser mais, pode ter mudado de vida, de forma, mudado o jeito de encarar as coisas. Eu bem já passei horas pensando nisso.

O que digo é que conviver com P e H, com H e P, foi intenso, em todos os sentidos, e isso transparecia em muita verdade e muita troca. E por mais que qualquer um de nós tente apreendê-los para contar para vocês, e quanto mais se tenta racionalizar, o que era mágico vai se transformando, de forma que seria muito difícil falar de P e H com precisão.

Parece que foi ontem. Tenho dúvidas se eles ainda não estão no quarto. Não estou certo se escrevo ou se penso e digito por voz e pensamento. Sei que preciso continuar, para me sentir perto, próximo.

P carregava a leveza de uma coruja, mítica, matéria de sombra, quadro em cores, crônica. H tinha habilidades que o fazia fora de série, como uma escultura de arames e barro.

P usava cordas e tecidos, experimentos epistemológicos e estava sempre desconfiada. H falava em linhas pós-abissais, mas se sentia frágil na descrição do que sentia.

P parecia valente, falava alto, mexia com quem via, e logo se recolhia. H abria o peito para falar que estava ali, que não recuaria, que poderia ter se chamado Wolfgang.

Pausa. Respira. Lembra da sua mãe, do seu pai, da família toda, dos velhos, dos adultos e das crianças. Faz um esforço para lembrar dos vizinhos, de quando você começou a tomar consciência do mundo ao seu redor. Gosto quando você pensa, passa um ar de maior amadurecimento. Pois bem, sinta no íntimo a aparição fantástica das transformações. A vida é uma criação, o amor é uma criação, a História é uma criação, os personagens foram criados, o que mais falta perceber? Se você fosse existencialista não creeria no poder da paixão, mas consideraria que o homem é responsável pela sua paixão.

P gostava de imaginar com que outros nomes poderia ter sido batizada. H colecionava alcunhas. Naturalmente Transformers nesta vida cheia de mistérios. O ser humano é indecifrável!

Conviver com P e H foi uma profunda epifania. Nossos dias não eram nunca iguais.

P ouvia vozes e as dizia em voz alta. H fazia zumbidos e ruídos quando andava.

P falava horas sobre zumbis quando tomávamos vinho.

H preferia café, teatro e não levava vampiros a sério.

P era observadora, ligava os pontos, boa de considerações. H tinha rompantes filosóficos, se retraía quando lhe desafiavam, mas dizia poemas como ninguém.

Pareciam espelhos, frente e verso, mas eram inversos, diversos, dispersos como poeira cósmica. Porém, como todo corpo de luz, brilhavam. Brilhavam um para o outro. E tinham almas infinitamente grandes. O drama, desde sempre, foi o de querer preenchê-las. Acontece que de vez em quando a eternidade sai do seu interior e a contingência substitui-a com o seu pânico. Lembro-me como se fosse hoje deles a contar como se conheceram.

H e P estavam em uma fila. Longa, ruidosa. Os dois com febre. Tempo imenso parado, cabeça rodando, dois corpo derretendo e se desequilibrando naimensidão desequilibrada dos acontecimentos.

H e P precisavam um do outro. Se abraçaram: Cuida de mim! Antes que eu caia!

Abraçaram-se! Se apertaram como quem não sentia o aperto de um abraço e o calor de um corpo há séculos.

— Estou me sentindo tão culpada!

— Quer falar? O que se passa?

— É a minha família...

— Católicos?

P acenou positivamente com um aperto na espátula de H. Era pesado demais para ela.

Respirando fundo, H disse:

— Percebo! É preciso aprender a lidar com nossas heranças! Alguma vez você já disse: obrigado pai, obrigado mãe, obrigado por terem se conhecido? Obrigado ao cavalo que puxava a carroça naquela noite? Obrigado a ambos por terem bebido um pouco a mais?

P estava confusa e dolorida demais para acompanhar aquele pensamento difuso de H.

— Ouça-me. Será que sou uma amaldiçoada? Será que nunca poderei viver na plenitude do meu ser?

Mas na cabeça dele o fluxo do pensamento seguia, mesmo sem dizer em voz alta, pensava que lá para o sul na terra da soja os hotéis estão cheios e mesmo assim os negócios vão à falência. Não, não penses nisto H. Fale de você, seja sincero, mostre suas fraquezas.

— Meus pais me abandonaram quando eu tinha 13 anos. Mamã era cigana e papá funcionário do serviço secreto. Não conseguiram sustentar uma relação de paz e cordialidade. Desde então, parece que caminho sozinho numa estrada sem ninguém para pegar a minha mão... e dizer... vá por ali...

— Senhoras e senhores, chegou a hora do embarque.

O calor era imenso. Os dois olharam pelo vidro para o pátio à frente e notaram que as luzes da fuselagem do avião estacionado do outro lado haviam sido acesas. Agora se via bem. Era uma imensa máquina pintada de vermelho, preto e amarelo, obra de quem teria pensado em imitar um pássaro de fogo.

— Documentos e tickets nas mãos, se faz favor.

Alvoroço na fila que dava voltas entre as colunas de concreto do salão de espera para o embarque.

Também estava ali, logo à frente de P e H, com cara de cansado, um senhor velho, magro e curvado.

— Prioridades e Cartões Gold Doctor Plus. Venha senhor, ticket e documento.

— Para onde estamos indo?

— O senhor não sabe?

— Claro que sei, só quero confirmar, para ver se não estou na fila errada, há tantas horas que estamos aqui nesse

lugar medonho, esperando não se sabe o quê ou quem...

— Bem, Senhor D de Destino, o que me avisaram aqui pelo rádio é que este vôo vai para Hodiohill.

— Hodiohill é o não-lugar. Confesso que cheguei a pensar que um dia ia descansar no Jardim des Justes.

D olhou para o pássaro de fogo, ajeitou no ombro a bolsa que carregava e saiu arrastando os pés no chão.

Assim que o velho pisou o tapete vermelho que se estendia da porta automática atrás da funcionária até a porta do avião, ouviu-se a voz delicada a dizer:

— Bem-vindos! Passaporte e ticket, se faz favor.

P e H tinham feito suas escolhas. No caso, de embarcarem para Hodiohill, mesmo sem ter muita ideia do que os esperava. Todos nós fazemos escolhas, o difícil é conviver com elas. É a tragédia que dá valor à vida neste século ainda sem nome nem luz.

Então foi a vez de P e H cruzarem o tapete vermelho.

## A HISTÓRIA É UM FRANKENSTEIN

Depois de desembarcarem e recolherem suas malas, P e H tomaram um bus que partiu do aeroporto na direção do Centro de Hodiohill.

Logo avistaram uma placa enorme, onde se lia: “Hodiohill, eleita Top Hot Holiday Destination pelo quinto ano consecutivo, vos recebe de braços abertos”.

Surreal. Pela janela do veículo via-se a paisagem desoladora: paredes cinzas e mal cuidadas emolduravam as ruas sujas e cheias de gente de olhar perdido; carros e motos circulavam a toda velocidade, buzinando e avançando uns sobre os outros e sobre os pedestres; um calor infernal; um ar seco e mal cheiroso, carregado de um pó espesso que logo entrava pelas narinas e deixava todo mundo com comichão, a ponto de várias pessoas terem os narizes inchados e vermelhos de tanto coçar; tudo isso enquanto as pessoas corriam de um lado para o outro, sem se olharem nos olhos, sem se acenarem, nitidamente com pressa e com desconfiança uns dos outros.

Em pé, apertados contra os outros passageiros, sacolejando na velocidade além do limite em que o autocarro seguia, P e H olhavam para os lados, silenciosos, apreensivos e com a tensão estampada nas faces.

Num canto, encostado à janela, um velho lia o Diário de Hodiohill com o jornal quase encostado na cara. As manchetes da capa, escritas em tintas fosforescentes, sem

papas na língua, sem censura, eram escabrosas, pensadas para chocar, para causar comoção: misturavam crime, violência, sexo e corrupção com religião e fofocas.

“Que lugar é esse?” - P quis perguntar a H, mas ficou só na vontade.

H estava entretido com aquele zoológico humano, com aquela selva hipercontemporânea, sua atenção era chamada para todos os lados. Ele ia longe e voltava e parava os olhos no velho e no jornal. Algo lhe dizia que o que estava escrito naquele papel, que deixava as mãos do senhor à sua frente cheias de tinta, seria o roteiro do que eles viveriam e presenciariam em Hodiohill. Nem mais nem menos. A realidade é aterrorizante.

Um motoqueiro entrou na frente do ônibus, obrigando o motorista a fazer uma manobra arriscada para não passar por cima da motocicleta. No movimento brusco, todos os que estavam distraídos foram ao chão. Uma senhora foi arremessada contra uma das janelas. Partiu o vidro e o sangue escorreu da boca dela.

O velho do jornal tentou se segurar como pôde, mas também foi ao chão, caindo aos pés de P e H, que logo se dispuseram a lhe ajudar, estendendo as mãos.

Nervoso, ele se levantou, fez um gesto para os dois no sentido de agradecer e, dirigindo-se a eles, perguntou com forte sotaque:

— É a primeira vez de vocês aqui, pois sim?

P e H acenaram com a cabeça, mudos.

Baixo, gordinho, com cara de uns sessenta anos, pele parda, o velho olhou para os lados e projetou a voz para que o máximo de pessoas pudessem ouvi-lo:

— Preparem-se! Isso aqui não tem pé nem cabeça! Em Hodiohill a História é um frankenstein! Tudo pode acontecer!

Pois, hoje vocês agradecerão por estarem vivos. Amanhã rezarão para saírem com um mínimo de sanidade!

P, H e os outros passageiros, homens, mulheres, crianças, gays, lésbicas, travestis, brancos, negros, pardos, amarelos, mal se olharam, mas sentiram um arrepio coletivo.

Sem esperar resposta, o velho tornou a se encostar em seu canto, puxou o jornal na altura da cara e voltou a se enterrar em sua leitura, expondo as manchetes da capa incrivelmente pesadas: “Duelo de pai com filho”, “Sumiço de passaportes termina mal”, “Concurso letal”, “Tragédia anunciada no circo”, “Populares pedem canonização de suicida”, “Jantar de empresários transformado em carnificina”.

Nesta altura, o bus aproximava-se de uma rotunda. Nas placas de trânsito se lia: Babilônia, primeira à direita; Babel, segunda a direita; Centro, em frente; Sodoma, primeira à esquerda; Gomorra, segunda à esquerda. Sem nem ver quem já fazia o trajeto de circulação no entroncamento, o motorista que os conduzia entrou acelerando, fez a curva e tocou o gigante de ferros e rodas em frente. Era o que ele tinha que fazer. Era o que fazia sentido naquela hora, naquele lugar. Em Hodiohill a morte andava a cavalo.

H então chegou perto do ouvido de P e disse baixinho:

— Guarda bem o que as manchetes do jornal do velho dizem. Tenho a impressão de que vamos viver uma temporada de acontecimentos insólitos e bizarros.

— Que sentido faz isso?

— Não procure sentido, apenas se proteja e viva!

De facto, o que os aguardava parecerá às sensibilidades mais sensatas como algo muito maluco e monstruoso. Como se os anjos do apocalipse tomassem a direção do teatro da vida, misturando passagens da Bíblia com a mais distópica das narrativas.

## DAS CINZAS DE HODIOHILL, A AUTÓPSIA DE UM LIVRO E DE UM POVO

Antes de continuar, é preciso assinalar que o que se lerá aqui aconteceu há um tempo atrás.

Algumas pistas começam a ser reveladas graças ao trabalho de investigação empreendido pela renomada arqueóloga Mirian Larsen e um grupo interdepartamental, formado por antropólogos, sociólogos, arquitetos, médicos, psicólogos, jornalistas, fotógrafos e estudantes.

Todas essas pessoas estão debruçadas em tentar descobrir o que terá acontecido a Hodiohill cem anos depois do seu desaparecimento.

Depois de longos meses de escavações, o grupo deparou-se com um embrulho plástico, sem identificação aparente. Sua condição era de franca degradação, apesar do plástico demorar séculos para se desintegrar. Tal embrulho encontrava-se entre uma placa de tijolos e azulejos. Parecia - e foram longas as horas de avaliação daquele material para se chegar a um diagnóstico - que alguém havia feito um esconderijo num buraco secreto da parede.

De antemão, intrigou-nos como aquele embrulho conseguira sobreviver ao fogo e ao tempo. Ao abri-lo, com todo o cuidado que a circunstância exigia, percebemos que continha umas tantas folhas impressas, algumas com comentários e anotações a caneta, típicas de um livro em preparação.

A mim foi-me incumbida a tarefa de guardar e decodificar o material. Confesso que só aceitei pelo fato de que, como redator convidado para integrar aquele grupo de investigação, a minha função era analisar tudo que estava ligado às letras, à escrita, aos hábitos de leitura e de lazer da população de Hodiohill.

Depois de um cuidadoso processo de restauro, que tomou outros tantos meses, ao debruçar-me com mais atenção sobre o conteúdo, foi ficando claro que se tratavam de textos contundentes, escritos no calor das horas, meio premonitórios, uma pequena coleção de acontecimentos de tristes lembranças.

Entretanto, o conjunto de capítulos ajuda a compreender parte do que foi Hodiohill, como viviam certas pessoas, e como seus atos e escolhas geraram sua própria destruição.

No meio da explosão de textos nessa trama não-linear, chama a atenção a ausência de limites - físicos, morais ou de gênero, sobressai o questionamento acerca dos sentimentos bons e ruins que nos guiam ou dominam. O que se evidencia, em parte, é que, apesar do ser humano ter adquirido consciência da importância da equidade social, a mesma é delicada, tanto a nível pessoal como da vida em comunidade, e a sua própria integridade tem sido constantemente lesada, enquanto a sua capacidade de intervenção é cerceada.

Para contrabalançar, há o comovente encontro de P e H, dois seres únicos e cativantes. Ao tomar consciência deles, não há como ficar indiferente a essas almas turbulentas e cheias de amor para dar. Interessante é que, mesmo sem participar ou tomar parte de todos os episódios relatados, P e H, H e P, são colocados como fio condutor da narrativa ora mencionada, exercendo assim papéis cruciais de testemunhas sensoriais da História. Fora que muitos de seus próprios

dramas aparentemente refletiam os dramas vividos por parte significativa da população de Hodiohill naquela época.

Mas, antes disso, não há como seguir sem lembrar do que se falava de Hodiohill nos bons tempos. Várias fontes, que ainda precisam ser catalogadas, ajudam a dar conta dos vestígios do tempo e do lugar.

Diziam que era a terra da união, do afeto e da alegria; que carregava, por outro lado, um karma enorme; que era grande, não só em extensão territorial, mas de possibilidades e representações no mundo; que tinha originalidade; que sua população era altamente miscigenada. Diziam mesmo que era muita coisa. E por isso despertava muita inveja, muita cobiça.

Uma vez, no meio de uma crise institucional brutal, resultado de ingerências internas e externas, um intelectual teria dito: “Sabem por que fazem tudo para não dar certo? Porque se der certo é muito. Então a reação é muita. E a reação tem sido muita, mas a gente aguenta. Eu vou em frente.”

Por todos os lados há indícios de que nas suas paragens se vivia e se acreditava no amor, como prática e teoria, mesmo de maneira às vezes ingênua, como nesse trecho de uma entrevista, em que um escritor dizia: “A coisa mais importante do mundo é a possibilidade de ser-com-o-outro, na calma, cálida e intensa mutualidade do amor. O Outro é o que importa, antes e acima de tudo. Por mediação dele, na medida em que recebo sua graça, conquisto para mim a graça de existir. É esta a fonte da verdadeira generosidade e do autêntico entusiasmo - Deus comigo. O amor ao Outro me leva à intuição do todo e me compele à luta pela justiça e pela transformação do mundo.”

Diziam que tinha um clima bom para a agricultura, onde tudo que se plantava dava, sem pesticidas e agrotóxicos; que a terra era rica de tudo, solo fértil para as palavras, plantas

e animais, recheado de minerais; que suas águas eram puras e caudalosas, que irrigavam as terras, forneciam peixes e davam a todos de beber com prazer.

Sim, haviam ufanistas, acidentalistas, utopistas, distopistas, comunistas, socialistas, capitalistas, que conviviam com diálogos e embates possíveis, dentro das normas de conduta civilizada; haviam patriotas, nacionalistas, liberais, neoliberais, racionais, sentimentais; grande parte se dizia democrata e a bem e a mal iam tocando a grande banda para a frente no cortejo das nações.

Como na maioria dos lugares, haviam os ricos e os pobres, e as distâncias na pirâmide social eram dignas de revolta, mas isso não foi capaz de jogar uns contra os outros em guerras fratricidas, como em outros sítios se passou. Havia mesmo um estranho e admirável equilíbrio naquilo tudo.

Certa vez, de volta de uma temporada de estrondoso sucesso na terra do Tio Sam, um reconhecido e festejado músico declarou: “New York? New York é bom demais, mas é uma merda. Hodiohill? Hodiohill é uma merda, mas é bom demais!”

Não raro parecia que haviam opiniões dissonantes sobre isso, e era verdade, as opiniões se dividiam, entre os que defendiam e os que criticavam Hodiohill. Mas, ao final e a contento, depois de pesar-se os prós e os contras, a balança sempre pesava favorável à mística que associava Hodiohill a um “paraíso perdido”.

Por isso, a curiosidade sobre esse lugar atravessou o tempo e reverbera na academia, na literatura, no cinema, na música e cabeça dos admiradores de civilizações perdidas.

Hodiohill talvez tenha sido um belo exemplo de sonho intangível, de fantasia coletiva inalcançável, e enquanto durou foi de fato um recanto aprazível.

Muito gente ao redor do planeta alguma vez já afixou

um postal com uma paisagem idílica de Hodiohill na porta do freezer, por iniciativa própria ou por que recebeu um postal de alguém que por lá viajou e se encantou. Era típico, e essas paisagens tinham o poder de fecundar a imaginação, a ponto de não poucos embarcarem em viagens festejadas e nunca esquecidas pelas estradas, praias, campos e montanhas de Hodiohill. Mas chega de especular, ou melhor, de devanear!

Depois de catalogar e organizar tudo que foi possível identificar, decidimos em conjunto com a equipa de investigação que a melhor maneira de apresentar os resultados para a comunidade científica e para a comunidade em geral seria disponibilizar esse acervo para leituras livres.

A partir daqui todo esse material passa a ser um documento público, aberto a consultas, análises e interpretações. Espera-se que essas leituras possam servir como reflexivo tônico para recordar ao leitor da esperança e da ação necessária para evitarmos que a sociedade mergulhe em trevas, ou se aprofunde a distopia.

Da mesma maneira que aos escritores é exigido imaginação, o mesmo se deve esperar dos leitores, pois deles depende uma compreensão mais alargada do que há entre as linhas das frases e por detrás dos significados das palavras.

Nada acrescentei, nenhuma correção foi feita. Eis o que os mortos viveram, eis o que foram os últimos dias e pensamentos do povo de Hodiohill e daqueles como, Psyché e Hamlet, que embarcaram numa viagem e tanto.

Apesar de sua dedicação, a pessoa que trabalhava nesse material infelizmente não viu seu desejo realizado. Não deu tempo.

As investigações apontam que as queimadas e desmatamentos na Grande Floresta Mãe, parte dela então ocupada por imensos rebanhos bovinos geradores de gases

poluentes; aliado aos vazamentos nas usinas termoeletricas; os pneus queimados nas estradas e avenidas pelos movimentos dos sem teto ou terra; o gás carbônico dos automóveis; a fumaça suja dos bancos incendiados por blackblocks; as fogueiras de corpos queimados vivos nas praças públicas em rituais religiosos; mais as labaredas do circo, tudo isso foi gerando uma pressão sem tamanho sobre Hodiohill.

Ao que consta, na noite fatídica em que teve início o Imenso Incêndio, o fogo surgiu de um descuido doméstico, e de pequeno foi crescendo, crescendo, até engolir o que viu pela frente.

Se Alexandria, Roma ou Notre-Dame não conseguiram resistir, imagina Hodiohill. Ardeu tudo em pouco tempo, restou apenas um amontoado de cinzas.

Isso já foi há um século. Quase ninguém se lembra dessa história. Se você perguntar a um adolescente de hoje sobre Hodiohill, ela ou ele vai olhar para sua cara com espanto, sem ter a menor ideia do que você esteja falando, nem do que lá se passou.

Mas em algum lugar do passado, sonho e pesadelo entraram em combustão juntos. O cheiro resultante de enxofre ainda se percebe no ar.

Em nome da Ciência, mas não só, dou fé.

**Professor Doutor W. R. A.**  
Universidade Nacional do Jardim dos Justos

# MEME

Certa manhã, depois de mais uma noite de sonhos intranquilos, milhões de smartphones de Hodiobill foram invadidos por um meme com fundo amarelo, letras escritas em preto, em que se lia:

**O Ódio não pode vencer.**

**O ódio não vai Vencer.**

## DUELO DE PAI COM FILHO

Klaus era um homem grandão, branquelo avermelhado, de poucas palavras, filho de Hodiohill do Norte, apaixonado pelo dinheiro. Por meio de negócios excusos ganhou tanta bufunfa em pouco tempo e vislumbrou tantas oportunidades, que montou banca. Por vinte por cento de comissão fazia qualquer negócio.

Para aproveitar das delícias da terra e fazer uma média, o gringo, como era conhecido, escolheu uma negrinha que conheceu na rua para esposa. Fez fama e logo um filho. Em alguns círculos era saudado como liberal. Em outros, como ousado. Para muitos não passava de um baita de um aproveitador, escravagista, aventureiro.

Ao filho com a negrinha deu o nome de Cauán. Mestiço de boa estirpe, cresceu coroado de louros e ouros. Fortão ficou, como Klaus, mas da mãe o menino herdou as dores da alma. E isso, para um pai com noventa e nove por cento de tino para os negócios e com menos de um por cento de tempo para outras coisas (como cuidar do filho), gerou desgosto.

Vendo que a criança não era como ele queria, Klaus se dedicou mais ainda à vida fora de casa, nos braços de sua verdadeira paixão: o dinheiro. Tanta distância do pai deixou na alma sensível de Cauán profundas marcas. E mágoas.

Os conflitos com o pai se tornaram constantes. Para

controlar os distúrbios, o menino foi tratado pelo pai na rédea curta. E quanto mais curta a rédea, mais o vazio na alma do filho foi crescendo.

Aos treze as crises epilépticas. Aos quinze as brigas de bate-bocas e correiadas. Aos dezessete o olho no olho, a vontade de resolver no braço. Aos vinte o pai chamou a polícia para o próprio filho.

Aos vinte e um Cauã está sem lugar no mundo. Seu organismo, fraco para remédios e anti-depressivos misturados com álcool, gerava nele crises de ansiedade.

Transtornado, ele saía pelas ruas fazendo discursos para atingir o pai, usando um megafone que o progenitor tinha trazido de presente para ele diretamente da Alemanha.

As pessoas iam aglomerando em volta, curiosas para entender de que falava o jovem com ar de desamparo. E Cauã soltava o verbo:

— Meu filho vai se chamar caos! Longa vida ao caos! E ao Senhor Klaus! Ele vai matar, ele vai morrer... O que mais ele poderá fazer? O ódio é o que ele traz em seu coração, um gosto pela guerra, pelo desgosto... Vontade sem limite de desconstruir. E curiosidade de saber se há vida além da vida!

Era um discurso louco, com palavras que alguns não entendiam direito, mas isso não impedia um filho abandonado de tentar currar o próprio pai em praça pública.

— Meu filho nasceu cheio de vida, podemos comemorar! Você vai conhecê-lo, vai se tornar seu inimigo, vai lembrar dele para sempre. Digamos, todos juntos: Longa vida ao caos e aos filhos do caos! Longa vida ao caos e aos filhos do caos!

Alguns passantes acabavam entrando na história e repetiam junto com Cauã: “Longa vida ao caos e aos filhos do caos! Longa vida ao caos e aos filhos do caos!”

Estava quente. O clima estava carregado naquele dia. Ainda não havia chovido. Parecia que o ar estava parado. Um mormaço de fundir cucas. Klaus foi avisado por um comerciante amigo, que o alertou:

— Seu filho surtou e está atacando a dignidade do meu amigo para todos os ouvidos inimigos dessa nossa Hodiohill. Vem dar um jeito nele, pois se não a gente vai começar a ser atacado pelos opositores políticos que a gente quer derrubar de uma vez por todas!

A gota d'água para Klaus. O homenzarrão saiu enfurecido do escritório e chamou seus homens para segui-lo imediatamente. Entraram no carro e o motorista saiu cantando pneu.

— Seguinte: é meu filho! É para resolver rápido. Peguem ele e ponham aqui dentro do carro e vamos embora. Entendidos?

Os três homens, dois na frente e um atrás, disseram que sim com as cabeças e ajeitaram-se em seus bancos. Sabiam os métodos e metas do patrão, ganhavam bem para atendê-lo da melhor maneira possível. Sabiam que o pai estava precisando resolver essa pendência.

Mas a praça já estava cheia de gente, várias camadas de pessoas circundavam Cauán e seu megafone. Ele havia virado uma atração. Tinha muita gente curiosa para chegar perto e ouvir o que ele dizia:

— Ser ou não ser? Que seja o caos! O Klaus! Sr Klaus! Homem caos!

Brincar com o nome do pai, chamando-o de caos, foi uma arma que o filho descobriu e que sempre estocava e feria o pai. Ele não sabia explicar por quê, mas não gostava de ser chamado assim, ficava indignado. Principalmente se vinha do filho. “Que desgosto! Esse menino não tem nada de mim!”, pensava.

Pararam o carro na esquina e os homens de Klaus

desceram obstinados. Com força, tentaram se infiltrar no meio da multidão, gerando empurra-empurra e reclamações. Ninguém queria abrir espaço.

E então o tempo fechou. Ou melhor, uma chuva pesada começou a cair.

Vendo que ninguém arredava pé, Cauãñ continuou debaixo de chuva:

— Na terra do caos e do sonho caos não há senão. Os dias e noites, os homens e a mulheres, os bons e os maus... Que sigam. E venham. O sonho e o caos. E mais. Não há senão. Tudo isso.

A multidão inflamada e molhada começou a urrar, a gritar, a pular, a bater nos próprios corpos, como se todos tivessem entrando em transe juntos e assim tentavam se libertar de seus opressores.

O primeiro homem de Klaus entrou em atrito com um outro senhor e a briga dos dois virou um conflito de vários braços, punhos, pernas e pés. O segundo homem foi agarrado por uma mulher, que o acusou de tentar encoxá-la. Várias mulheres partiram para defendê-la. O terceiro homem tentou dar meia volta, mas tropeçou e caiu. Três rapazes o cercaram e o imobilizaram com a cara no chão.

Klaus parecia não acreditar no que via. Seu filho iluminado por um raio de sol no meio da chuva se contorcia como um pássaro pronto para deixar o ninho no alto de uma montanha. Puxou de baixo do banco um revólver de cano longo, deu um último trago no charuto antes de arremessar mais de meio pela janela, abriu a porta do carro e saiu caminhando lentamente.

A chuva caía e Klaus sentia aquela água quente o molhando todo como quando ele era criança. Na mente veio a imagem do pai batendo na mãe e saindo de casa bêbado e quase voando ao volante. Sentia na pele as porradas que havia tomado no tempo em que esteve no exército. Lembrou

de quantos homens já havia matado ou mandado matar para proteger os negócios e o patrimônio. Contou na mente os filhos que fez nas amantes e que não vingaram. A alma dele era uma alma alemã, ascendência atordoada através dos séculos e das guerras. Nunca soube explicar isso para o filho. Nem ele sabia como isso se manifestava nele. Só sabia falar de uma coisa: dinheiro. E quem tinha dinheiro tinha poder, sua segunda palavra preferida.

O pai ia caminhando lentamente sem tirar o olho da multidão ou de Cauán, que no meio parecia um pajé fazendo um culto para encorajar os guerreiros para a guerra.

— Filho meu, seu pai te ama!

A multidão se aquietou. A chuva parou. Cauán viu o pai chegando e ficou olhando para ele. As pessoas abriram espaço.

Klaus se aproximou, puxou o filho para perto de si, o apertou forte entre os longos tentáculos. Estava emocionado. E engasgado. As palavras não saíam.

De dentro da multidão surgiu um homem que, ciente do revólver enfiado no cinto de Klaus, sob a camisa, se projetou sobre ele e tomou a arma. As pessoas se assustaram e alguns correram. Alvorço!

Mas a arma escapuliu e caiu no chão.

Zelão, o mendigo que se dizia o rei do pedaço, pegou o objeto de metal, apontou-o para o céu e apertou o gatilho.

Mais correria. Quem ficou paralisado não desgrudou os olhos do revólver, que reluzia e soltava uma fumaça branca.

Um dos homens de Klaus se levantou e partiu para cima de Zelão. Pow! O gatilho foi apertado outra vez.

A bala 44 é rápida e poderosa. Atingiu Klaus pelas costas e Cauán no peito. Mais fatal impossível. A multidão quase que gritou junto: “Oh, não! O quê?”

Filho e pai caíram abraçados. Nos olhos de todos. No meio do caos de Hodiohill. Viver é negócio muito perigoso.

## FÁBRICAS DE ESCRAVOS MIRINS

As Fábricas de Escravos Mirins, também conhecidas como FEBEM, fizeram tanto sucesso quando surgiram, que logo se espalharam por várias regiões de Hodiohill.

Desempregados, pais e mães todos os dias levam seus filhos e filhas de cinco a sete anos para as filas de recrutamento.

Os escolhidos, aqueles que não têm doença, são assumidos pelos donos das fábricas, que passam a ter a guarda das crianças e obtém o direito de escravizá-las para o resto de suas vidas em Hodiohill ou mesmo vendê-las para outros países escravagistas.

Filas enormes se formam dias e noites a fio. Há extensos acampamentos de famílias desiludidas e destruídas pela miséria que buscam desesperadamente uma salvação para seus filhos pequenos.

Acontece que, sem filhos e sem futuro, muitos são os pais e mães que surtam, enlouquecem, e é comum ver muitos deles se matarem das mais diversas maneiras nos arredores das FEBEMs, nos ditos Territórios de Sacrifícios.

Já as crianças doentes ou descartadas, ou sem pais, viraram um outro problema: vivem em gangues atazanando a vida da população nos bairros ricos e de classe média.

Reativo, o novo chefe recém-empossado da PosPol (polícia de intervenção de Hodiohill) já mandou avisar:

— Vão morrer na rua igual barata, e tem que ser assim.

## SUMIÇO DE PASSAPORTES TERMINA MAL

A parte que ignoramos é muito maior do que tudo quanto sabemos de Hodiohill e da psicopatia que aflorou de suas entranhas. De repente pessoas muito próximas umas das outras começaram a se estranhar, a violência explodiu, as armas de fogo viraram brinquedo na mão de uns poucos e os limites do escárnio foram ultrapassados. Como nesse caso que se segue.

Lúcio esfregou as mãos, a pasta aberta sobre a mesa de vidro, procurava alguma coisa na gaveta. Estava tenso e excitado. Fim da semana e do expediente, onze da noite.

— Eu te pedi para só fumar essa porcaria quando eu não estivesse aqui! Oh, garoto, você é um puto. Se pode beber? Ah? Chamar garotas? Escuta aqui, seu puto, não me enche os ouvidos de asneiras, não vê que eu estou tenso? Já até esqueci o que estava procurando. Vai, me faz um duplo, sem gelo!

Mauro obedece e vai até o balcão de bebidas preparar um aperitivo para o chefe, que continua:

— Ó, eu estou mesmo precisando de uma boa relaxada, de umas férias longe dessa merda! Amanhã, depois que o avião aterrisar, a primeira coisa que eu vou fazer é dar uma boa gozada pra descarregar, pra jogar um pouco de adrenalina fora – diz e dá uma golada no copo de whisky que o assistente lhe entrega.

Mauro senta-se no canto, põe o fone de ouvido e dá play em um vídeo. Assim, pensa, pode fingir que não ouve, que está entretido com o notebook.

— Ei, o quê é que é isso? Você está nessa merda de internet pornô? Vai te foder! Desliga esse computador, me faz um duplozinho, agora com gelo, e depois vamos embora.

Mauro obedece calado.

Lúcio vai ficando eufórico. Enquanto mexe na gaveta, debocha e tira sarro do serviçal:

— Aquela coitada da sua namorada já deve estar com outro!

Riso sarcástico no rosto, liga para a esposa:

— Benzinho, alô benzinho, está tudo pronto? E a sua mãe? Eu estava deixando as coisas prontas para o Mauro não cagar na minha vida enquanto a gente estiver viajando. Eu só estou um pouco tenso. Não. Estou com problemas. Quer dizer, aqueles estúpidos não toparam a comissão de 20%. Não, já mandei uma antena parabólica de presente para o general. Eles vão topa! Mas isso pode ficar pra quando a gente voltar. E a Camila? O quê, ela está no quarto com o namorado? Puta que pariu! Eu vou mandar alguém dar uns cascudos nesse garoto. Não. Eu sei o que eu devo fazer! A gente vai tomar aquele banhozinho juntos mais tarde? Tudo certo com minha mala? E quantas gravatas? Mauro? O Mauro está aqui se masturbando na internet. Já deixei tudo acertado. O mais importante é transferir aquele dinheiro para aquela conta em Genebra. Não se preocupe! E você, mandou entregar aquela cama que a filha do deputado adorou? Primeira-dama é para cuidar dos desejos das outras primeiras-damas. Você é a minha, e é a única primeira-dama! Mas toda perua acha que

se o marido está lá em cima, ela tem que ter tudo que vê na revista Caras, na revista Hola.

Como uma metralhadora, Lúcio comenta e ri, enquanto ele mesmo se serve de um novo duplo, sem gelo.

— Mauro... Oi, sim, está tudo certo. Tudo preparado para nossa segunda lua de mel! Maurôôo... Não sei para quê levar sua mãe e a Camila. Olha, não quero discutir essa merda de novo. Maurôôoo.

Lúcio faz sinal para o outro agilizar. E prossegue na conversa com a mulher:

— Mas não põe aqueles sais esquisitos. Esquece, Camélia! Eu prefiro rosas. Está bom? Agora, põe aquele garoto para fora da minha casa, ok?

Já vermelho como um peru, Lúcio torna a esfregar as mãos excitado. Abre o cofre, pega o revólver de prata, deixa o outro lá. Põe a arma carregada na pasta aberta sobre a mesa. Al Capone ele queria ser. Tranca o cofre. Tranca a pasta. Tranca a gaveta. Veste o paletó. Mauro no computador.

— Mauro... Mauroôoo... O quê? Vamos embora! - grita e se põe a caminho da porta.

O outro vem atrás, ágil como um gato.

As últimas luzes acesas no prédio são apagadas. Elevador, 11º, 10º, 5º, 3º, 2º, G.

— Mauro, você me deu os passaportes? - pergunta Lúcio, ofegante.

— Eles estavam juntos com o outros documentos e as passagens.

— Aonde?

— Na gaveta.

— É isso. Era isso que eu estava a procurar e acabei

me enrolando. Volta lá e pega os passaportes para mim. Toma aqui as chaves. Não esquece de trancar a gaveta! E vai rápido como um foguete. Te espero no carro.

Mauro corre. Pega o elevador: G, 2º, 10º, 11º. Chega, entra, tranca a porta por dentro. Mauro também precisa relaxar e aproveita para tomar um duplo antes de pegar os passaportes.

Se passam dez, quinze, vinte minutos.

— Filho da puta, deve estar lá se masturbando! - pensa Lúcio, alto e furioso, a cabeça encostada no banco do carro.

Elevador: 11º, 10º, 5º, 3º, 2º, G. Mauro corre e entra no carro.

— O chefe pegou o envelope creme que tava na gaveta? - pergunta para Lúcio, os dois dentro do carro, na garagem do prédio.

— Que merda! Onde é que está a chave da minha pasta? E essa porra que não abre! (para pasta) Que coisa, será que coloquei no cofre? Mauro, você me viu pôr no cofre?

— Não. Acho que não!

— O quê você fica fazendo na porra daquele escritório o dia todo, seu calhorda, se não for para me ajudar? Seu puto! - diz, cuspidando marimbondo, enquanto vai saindo do carro. Me espera aqui, seu imprestável!

Lúcio bate a porta do carro atrás de si tão forte que a máquina balança como barco no mar. Elevador: G, 2º, 10º, 11º. Tenso.

Na porta, as chaves não funcionam, não encontra a certa. Chuta a porta. Fala palavrão. Abre. Vê o notebook ligado, que Mauro esqueceu de desligar.

— Esse veado tem que tomar umas porradas para

aprender a viver! - enquanto pensa alto, esfrega as mãos de nervosismo.

Abre a gaveta, passa os olhos e a mão rápida, vê logo que não estão lá os passaportes. Abre o cofre agoniado, vê revólver e dólares, mas nenhum envelope.

Espumando, vai ao telefone. Liga. Chama uma, duas, três vezes, na quarta ouve do outro lado uma voz empostada:

— Lúcio falando.

— Vai te foder, bastardo! Aonde você colocou os passaportes? Tê dou dois segundos para me apresentar esses documentos ou eu te enforco.

Mauro deixa o carro num pulo só. Pega o elevador de serviço. Aperta para subir. G, 2º, 10º, 11º. Vê a porta aberta. Lúcio já esperneando.

— Cal-ma! Cal-ma que nós vamos encontrar! - Mauro gaguejou, tentando aliviar a barra.

— Calma o caralho! Se você não me der conta desses passaportes agora, sua mãe vai chorar sobre o seu caixão sem reconhecer a sua cara! - respondeu Lúcio quase gritando, esfregando as mãos, coçando a cabeça, inquieto.

— Mas eu trouxe o envelope com tudo, passaportes, tickets e os euros.

— Aonde???

Mauro vai ao computador e o desliga.

Lúcio pega o revólver no cofre.

— Aonde estão esses papéis, seu miserável? - pergunta o patrão, enquanto enfia o cano dentro da boca do subalterno, rasgando a gengiva na parte acima dos caninos. Sangue.

— Cal-ma, que eu voooooou acharrrrrrr, eu te-nho cer-te-za... - tenta se safar Mauro, a voz embargada, a dor pulsando, o medo latindo.

Telefone móvel toca.

— Aonde você pensa que eu estou, hein? No escritório ainda!!! Mas não demoro. Os passaportes... Só faltam os passaportes agora! O quê? Esfriou? Porrra, faz outro. Faz outro banho, qual o problema? O estúpido do Mauro enfiou os passaportes no rabo. Mas eu sei como fazer esses passaportes aparecerem agora... Tá, tchau. Estou indo.

Enquanto põe o telefone na mesa com uma das mãos, com a outra esfrega o revólver na própria cabeça.

— Mauroooooooooooooo...

Mauro senta e olha para Lúcio. Levanta as mãos vazias. Balança a cabeça.

É dar boqueira e já tomar um tapão na cara.

— Devem... Só... - Mauro tenta dizer algo, gaguejando.  
- Só podem ter ficado na agência, boss.

Sem dó, Lúcio parte para cima e Mauro perde boa parte dos cabelos.

— Meia noite e meia. Você tem meia hora para me dar esse passaporte ou morre.

— Amanhã cedo.

— O caralho, seu merda. O vôo é daqui a quatro horas e meia. Te vira, seu verme!

— Calma, calma, me deixa pensar... E se você ligar para a companhia aérea... E se você falar que te roubaram?

Mauro então se lembra de um detalhe e engole seco. Sem querer, deixa escapar:

— Mas hoje já é sábado. A agência... só segunda... Calma... Calma... Alá, me ajude! - rumina e parece que o cérebro dele fica engasgado, pára de funcionar por um segundo. Volta, volta, para o seu bem:

— O telefone da agência...

Lúcio olha pela janela e vira em um gole, outro duplo. As luzes do prédio em frente estão todas apagadas. Abre a janela. As últimas vozes na rua se vão. À meia noite o shopping center localizado nos três primeiros andares é fechado. No edifício em que estavam, naquela hora, só os dois e os porteiros lá em baixo.

— Calma.

Lúcio olha para o revólver, uma mão no bolso, a outra no gatilho, na altura do olho. Roda a roleta. Cospe pela janela. Pega o telefone e chama:

— Alô...

Quem atende é a filha Camila, que tenta ser simpática:

— Paizão!!!

— Escuta, eu decidi que você vai ficar duas semanas sem dinheiro algum!

— Mas, pai...

— Chama a sua mãe.

A mãe pega o aparelho, ofegante:

— Ó, vou demorar um pouco. Não, está tudo bem...

Tu-do bem, ouviu? Acho que vou ter que dar um passeio com o Mauro. Não me ligue! Tchau!

Mauro roda pela sala. O corpo começa a doer. A gengiva dói pra caralho. Mas ele tem um ideia:

— Alô... Anás? O Anás está aí? Quem está falando? É urgente! Me deixa falar com o Anás.

Anás, em um escritório do outro lado da cidade, sai do banheiro se enxugando.

A estrela pornô boliviana lhe passa o telefone dourado.

— Sim... Quem?? Fala garoto. O quê... há... há...

Você não tem nada para fazer, não? Onde você está? O quê

— você quer que eu faça? Manda esse seu chefe tomar no cu. E vai te foder! - diz o homenzarão de origem libanesa, que era conhecido na Zona Sul como o “MacGyver dos trambiques”, e desliga sem cerimônia.

Mauro, rápido, disca de novo:

— Anás... Alô, por favor. Me ajuda! O quê que eu faço? Você tem que me ajudar!

Lúcio no computador. O outro telefone toca. Trim... trim...trim...trim... Lúcio joga o sapato no aparelho, que cai no chão. O revólver na mesa de vidro, em frente a Mauro.

— Anás, por favor!!!

— Te ligo daqui a meia hora! - responde o libanês.

— Não, não, escuta, me diz alguma coisa agora. O vôo é daqui a pouco!

— Te ligo daqui a pouco então!

— Ei Anás, você não vai desaparecer e me deixar na mão, né?

— Cala essa porra e me espera!

— Ok. Então você vai arranjar outros passaportes?

— Bip... bip... bip... sinal de chamada encerrada do lado de lá.

Lúcio, já sem sapatos, mantém um olho no computador e outro no revólver.

Mauro simula uma conversa, com os olhos no telefone no chão.

— Ok, uma hora, ok, ok, ok, ok... Hãhã... Ok.

Mauro põe um telefone móvel no bolso e em seguida pega o outro do chão.

— Trim... - o telefone de Mauro toca e ele se empolga, pois é Anás a chamar.

— Alô... Cacete... Ia ligar para um parceiro meu e me confundi. Me dê um tempo.

— Não vai me enrolar, né? - Mauro preocupado.

— Não. É que a gente está ocupado com algumas coisas aqui. Aí te ligo amanhã. É melhor. Tempo custa dinheiro. Te ligo amanhã. Hoje o dia ta foda, devo ir para casa quando terminar aqui.

— Você sabe que eu te respeito e sempre fui ponta firme com você, não é mesmo? - Mauro pronto para encrespar.

— Ok... Ok... Ok... hãhã... Ok. Bye! - Anás desliga sem piedade.

Mauro olha para o revólver.

Lúcio levanta-se em silêncio e olha para ele.

O telefone toca de novo. É Anás:

— Alô? O quê, me confundi de novo? Troquei as bolas ou os números?

— Não vai me foder, hein! - Mauro tenta se impor.  
- Lembre-se que você já estragou uma noite minha.

— Porra, vai te foder! Caralho, estou aqui no trabalho e vem falar que eu fodi a tua noite. Me liga amanhã, ok?

— Mauro, essa com certeza é a sua última noite!  
- intervém Lúcio, pressentindo a falta de saída.

O chefe caminha até o limpa-botas e sai descarregando o escárnio:

— Aproveite para me contar todas as merdas e as sacanagens que você fez comigo. Não vai te ajudar, mas vai me dar mais ódio para te mandar para o inferno com categoria, seu veado! - diz com o revólver na mão direita.

O telefone toca. Mauro se apressa em atender.

— Alô? Anás? E aí? Há... Não te ouvi... repete...

— Aonde é que está aquele puto? - Anás pergunta. - Há? Fala com a boca! Há? Ele está aí no escritório? Olha, liguei pra um amigo que ficou de pensar em alguma coisa. Relaxa, que aquela desgraça vai viajar hoje ou qualquer outro dia.

— O quê???????

— Hei, hei, relaaaaaxa! Ele não vai ficar sem o passaportezinho dele não! - diz e desliga o telefone.

— Háhã... Ok, ok!!! - balbucia Mauro.

A dor é grande e Lúcio nem espera ele dizer qualquer coisa:

— Eu já perdi minha noite, mas você está fodido, seu chupador! - e arranca outra tocha de cabelos de Mauro, que deixa o telefone cair da mão.

— E então você tentou me enganar! Vendeu meu passaporte para aquele canalha do Anás? Vocês dois estão conspirando contra mim? Vai, me conta tudo!!!! Põe essa língua para funcionar!

— Olha, eu devo ter esquecido o envelope lá na agência. Você sabe, tem aquela espanhola que trabalha lá, eu estou afim de foder aquela bitch!! Acontece, porra! A gente vacila de vez em quando! Mas, ó! O Anás sempre me ajudou. Um amigo dele também está no esquema. Me dá mais um tem...

Antes de terminar de pronunciar o que queria, toma mais um tapa na cara e joelhada nas genitálias. Mauro cai em cima da mesa do chefe e o vidro que a cobre é despedaçado em várias partes.

Ligeiro, Mauro pega o telefone e disca.

— Anás?

— Fica frio, menino! Você pode relaxar. Qual é o nome da agência?

— La Vie en Rose.

— Há...há... E você sabe o nome do dono?

— Não!

— Há.... O sobrenome... Não????? E o telefone dele? Há... Não... Como que não? Porra! Essa vai custar caro! Essa vai custar muito caro!!! - Anás desliga com raiva. Não sem antes dizer: - Filho da mãe!

Sentada na cadeira de Anás, a estrela pornô boliviana aproveita para fazer beicinho.

— Não é contigo não! - se apressa em dizer Anás, mandando um beijinho para ela.

— Olha, chefe, eu vou trazer os passaportes antes das seis. Toma mais um duplo.

Lúcio desabotoa a calça e mija em Mauro, ali, no meio do escritório.

— Antes de eu te foder, escreve aí um bilhete para a faxineira lavar e perfumar esse tapete com odor de rosas.

O telefone toca:

— O cara não foi localizado em lugar algum. Você cagou direitinho, seu merda! Isso vai me custar caro!! - Anás diz e desliga.

Não passa cinco segundos, e o libanês liga em seguida:

— Ah, fala para o seu chefe que eu desejo a ele uma boa viagem... para o inferno! Háháhá!!!! - diz e ri alto. - Fica aí seu vacilão, me espera que eu volto.

Mauro tenta disfarçar, para não mexer ainda mais nos brios do patrão.

Anás respira fundo, faz pose de concentrado e disca outro número:

— Hola... – diz, tentando simular uma voz diferente, com sotaque espanhol. Boa noite. Quem fala? Dr. Carrazcoza, boa noite, como vai? Já é tarde, não? Mas final de semana, a gente fica acordado até tarde. O doutor recebeu o meu presente? Eu mandei junto com a nova moto para a filha do general. Foi junto também uma nova parabólica. Viu a TV gigante? Há... há...

Anás com o telefone num ouvido enfia o dedo médio na boca e o tira com estralo, mostrando para a estrela boliviana.

— Ah, o senhor não abriu? Há... Há... Doutor, eu preciso de um conselho do general. Há? Eu pensei que ele estivesse acordado. Não, não é nada grave. Coisa pequena. Não... Sim... Se você puder, vai ser ótimo!

Desliga. Liga para Mauro para confirmar o nome da agência. Desliga.

Liga para Dr Carrazcoza novamente:

— Os dados são esses: La Vie en Rose Turismo. Sim, é de um italiano. Pietro. Shopping InterEstações. Quatro passaportes. É. Hãhã. Outra TV e a sua prenda... hãhã. Vai pensar em alguma coisa mais. Sem problemas! Eu mando entregar aí!

Mauro sentado no sofá, olha para Lúcio, entre o revólver e os duplos. Os dois exaustos. A monotonia é quebrada pelos sons da sirene lá em baixo.

— Eu devia enfiar isso pela sua goela.

— Há?

Lúcio roda o revólver no dedo.

— Você me faz ficar doente com a sua estupidez!

Mauro levanta-se, dá uma volta em torno de si mesmo, vai até o computador. Olha para Lúcio. Pensa em falar algo.

Desiste, senta-se e torna a discar o telefone. Ocupado.

— Filho de uma puta! - pensa alto e um gosto de sangue lhe vêm à boca.

Levanta-se novamente, de sofreguidão, chuta o pé da mesa, a cadeira cai sobre um pedaço do vidro que se parte em vários outros pedaços. Cospe. O olho segue a trajetória do cuspo. O sangue na sua boca tem gosto de ódio.

Lúcio pega Mauro pelo pescoço, revólver na outra mão, e com um chuto arremessa longe o computador com a cadeira juntos. Mauro cai no chão e é chutado.

— Você me faz sentir pequeno. E eu não gosto disso, seu lixo! Mas você não é maior do que eu. Aliás, você não é ninguém!

Olha para o relógio, limpa o canto da boca com a mão suada, esfrega a mão na calça:

— Você já era!

Mauro tenta falar algo, mas um chute no meio da testa o leva quase a nocaute.

— É, eu não sou ninguém. Eu não tenho amigos, minha mulher e minha filha são umas frescas. Mas por quê eu devo deixar um verme como você me fazer me sentir pequeno, nojento? Não! Levanta, seu porco!

Mauro não se mexe. Um chuto forte, com o bico do dedão, faz sangue brotar por entre as vértebras de Mauro, por debaixo do braço direito.

O telefone trim... - Lúcio, mais do que rápido, atende sem falar nada.

— Hei garoto, depois dessa você tem que me prometer que vai cagar na cadeira vermelha do escroto.

— Há?

— Perdeu a língua? Relaxa, que o esquadrão de choque

já foi acionado. Tantarantan...

— Sim, eu sou pequeno, quase nada, mas você já era!  
- balbuciou Lúcio. Entretanto, Lúcio deu mais um chuto em Mauro, nem aí para o quê ele ouvia de Anás.

Mauro, ajoelhado, tentando se levantar, com o smartphone pregado ao ouvido, mas já sem ouvir quase nada.

Lúcio veste o paletó e com o revólver na cintura, diz:

— Vamos embora! – e puxa Mauro pelo cabelo.

Passam os dois pela porta, que fica aberta. O elevador estava parado no andar. Entram. 11º, 10º, 5º, G.

Lúcio desliga o alarme do carro e abre o porta-malas, para onde arrasta o outro.

— Você vai à merda, mas vai me devendo muito, seu porra! - chuta as costas de Mauro, que tomba pra dentro do porta-malas.

Para completar o serviço, Lúcio empurra as pernas de Mauro, que não reage. Em seguida bate a porta com violência, nervoso, enquanto busca as chaves do carro:

— Caralho!

Entra, senta e dá a partida.

Antes de sair, resolve voltar e conferir se o porta-malas está trancado. Abre a porta e mijá de novo em Mauro. Depois, cospe. Uma gosma espessa cai sobre a cabeça de Mauro.

Confere o relógio: duas da manhã. Ele devia estar no aeroporto às três para o check in internacional.

Manobra o carro, aperta o botão para o portão eletrônico. Ainda está escuro. Ninguém na garagem, ninguém à vista, ninguém na rua. Vira à esquerda. Na mente uma caçamba de lixo que ele viu em chamas quando passou debaixo

do viaduto na Avenida Grande de Hodiohill, noite passada: “Um bom lugar para jogar esse traste!”

As luzes do sinal de trânsito que dá acesso à outra grande avenida que passa em frente ao Shopping InterEstações amarelam. Arisco, automaticamente ele fecha os vidros da janela. Aproveita para ligar o rádio. Abre o porta-luvas à procura de um cigarro.

Tudo é muito rápido no trânsito.

Os carros do esquadrão de choque da PosPol acionados por Anás vêm em alta velocidade, nas duas pistas da avenida, sirenes ligadas, homens nas janelas com metralhadoras.

São homens de perícia, acostumados a todo tipo de situação desfavorável, mas até mesmo eles sofrem para desviar das valas na pista.

Ao tentar escapar de um desses gigantescos buracos no asfalto, o motorista do terceiro carro perdeu o controle, e o pesado veículo andou uns metros em apenas três rodas, sem direção, até colidir com o carro de Lúcio, na parte de trás. Estrago de um tanque de guerra sobre um carrinho de plástico de brinquedo. Mauro não teve tempo nem de rezar. Tudo é muito rápido!

Lúcio, atordoado, bateu a cabeça no vidro, mas manteve-se lúcido. Mal percebeu que tinha escapado ileso, lembrou-se do empregado e pensou: “O serviço pior foi feito! E eu não precisei sujar as minhas mãos!” Frio como uma coluna de gelo, fora de si.

Os outros cinco carros que vinham atrás quase que entraram dentro do Shopping InterEstações.

Ninguém nas ruas.

Os seguranças do estabelecimento, que naquele

momento estavam na copa a tomar café, conversar e a mexer em seus telefones, nem se deram conta do que estava a acontecer lá fora.

Sem dizer uma palavra sequer a Lúcio, rápidos e ágeis, quatro homens com coletes à prova de balas e pesado armamento nas mãos, pularam fora do camburão bastante avariado e dispararam para a entrada do shopping, onde outros vinte soldados de elite já posicionados abriam os portões à força.

Lúcio encostou a cabeça no volante por um instante, em alerta. Mas logo que conseguiu, acendeu um cigarro, abriu a porta e saiu cambaleando em direção aos portões do shopping.

Os porteiros, que haviam sido atropelados por uma avalanche e estavam caídos no chão, nem perceberam quando Lúcio entrou por ali.

Na penumbra daquele centro de consumo vazio, uma operação se desenrolava.

Enquanto alguns homens faziam a guarda, outros se dirigiram para a porta de uma das lojas. Em poucos segundos os homens estavam dentro dela.

Parado a alguns metros, Lúcio observava sem entender o que se passava. Atrás dele apareceram três vigias, armas engatilhadas, assustados com a confusão, sem saberem muito bem o que fazer.

Foi quando o alarme geral soou. Imediatamente do teto começou a cair água contra incêndio. No impulso, Lúcio tentou se aproximar da loja, mas um dos homens lhe deu um empurrão que o arremessou longe.

Tudo foi muito rápido. A tropa gritou o lema dos vitoriosos. A operação tinha atingido o alvo. Papéis molhados se espalhavam pelo chão. Em silêncio e perfilados, os soldados, com o comandante à frente, passaram pelos vigias e por Lúcio sem manifestar conhecimento. E sem serem interpelados.

Antes do esquadrão deixar o centro de compras, num relance rápido, Lúcio teve a oportunidade de ver na mão do comandante os quatro passaportes que ele buscava.

## CONCURSO LETAL

No Concurso Anual do Querosene, vencia quem bebia mais da bebida. Os candidatos aos \$500 de prêmio eram bastante para uma fila.

Martinho, o fornecedor oficial da querosene, ressentia-se de, até aquela hora, não ter recebido o pagamento pelo fornecimento no ano passado.

— Que cachorrada é essa? Eles vêm me pedir de novo no fiado? - resmungava para um funcionário no fundo do estabelecimento comercial. Por mim, eu quero é que esse concurso acabe logo, para que essa gente sem vergonha pare de me pedir fiado!

Cuspia marimbondo o homem forte e baixo, com uma corcunda entre a cabeça e o tronco, braços curtos, feio de dar dó.

De tanto insistirem e até ameaçarem a família do dito cujo, ele consentiu:

— Ó Maicon, manda aquele barril azul ali da direita. Diz para esses “índios” que não precisam pagar não, que é uma prenda minha. Está temperadinha com um ingrediente especial! Eles vão gostar do gosto e nunca mais vão me aporrinhar! Ah, e anota aí o pensamento do dia: “A língua resiste porque é mole; os dentes cedem porque são duros.”

Derivada do arbusto *Conium maculatum*, nativo da Europa, do Médio Oriente, da bacia mediterrânica e

da América do Norte, cujas folhas e sementes contêm um alcaloide (cicutina, conicina ou conina) muito tóxico, a cicuta é utilizada há milénios como veneno. Ministrada na forma oral, como pó ou líquido, a substância ataca o sistema nervoso central, causando uma grande estimulação seguida de depressão. Primeiro vem as convulsões, a dificuldade de respiração, seguida de paralisia e morte. Além do seu uso para a ponta de flechas, na Grécia antiga, era aplicada na execução de prisioneiros políticos. Platão, em seu livro *Fédon*, relata a morte do filósofo Sócrates, que foi condenado a ingerir a substância por ser acusado de ateísmo e corrompimento dos jovens gregos. Antes de falecer, Platão relata que seu mestre incutiu uma dúvida a seus acusadores: “E agora chegou a hora de nós irmos, eu para morrer, vós para viver; quem de nós fica com a melhor parte ninguém sabe, exceto os deuses.”

Já havia passado mais de 20 anos daquele acontecimento que deixou muita gente de luto. Muitos corpos foram enterrados no cemitério local.

Martinho agora é um homem destruído pelo cancro, pela solidão, pela falta de amigos, pela falta de esposa e filhos. Praticamente todos se foram embora e o abandonaram.

Ele teve que gastar o que tinha e o que não tinha para varrer a verdade para debaixo do tapete, à custa de comprar vários funcionários públicos para conseguir que no laudo da perícia da PosPol de Hodiohill fosse decretado “motivo fútil”, algo como febre do rato.

Para lidar com a rede de corrupção instalada no serviço público e no privado é preciso ter estômago, mas com a PosPol, a poderosa polícia unificada e robotizada de Hodiohill, a conversa tem que ser certa e bem paga, caso contrário, não sobra ninguém para contar a verdade.

— Deve ser algum problema no sangue... Sangue ruim! - tripudiava lá do fundo do bar o Maicon, negro, careca, magro, com covas fundas nos olhos de tanto ver coisas erradas e não dizer nada, o único que restou daquela época.

— Ó Maicon, de que me serve esse seu bÍlis vomitado em todo canto do meu bar? O que vocÊ espera ganhar contando essa sua versão fajuta da história? De mim, ninguém tira mais nada!

Martinho  desses que vai até o fim, se l no fim estiver escrito inferno e esse é o endereço que deram para ele. E ele segue firme, não tem motivos para olhar para trs. O velho, de caquético, passou a delirante e bradava aos quatro cantos:

— Fi-lo por que quilo!

Imediatamente após dizer aquilo, o tempo fechou, o sol escureceu. Relâmpagos vararam as nuvens.

A trovoada foi imensa. Um barulho dos infernos. O céu caiu na cabeça dele.

## TRAGÉDIA ANUNCIADA NO CIRCO

Em Hodiohill os absurdos estão nos detalhes.

O faz-tudo do circo, depois de conferir os equipamentos, procura o dono:

— Patrão, me dá sua permissão.

— Diga.

— Agora há pouquinho eu vi um trilho quebrado lá dentro do globo da morte.

Disse baixinho, sem olhar nos olhos do outro, cabeça baixa igual à jumenta Danila, que era a única coisa que ele chamava de sua – família, companheira, propriedade.

— Que horas são? - perguntou o patrão no tom alto habitual, sem nem olhar no focinho do outro, escondido atrás da mesa desmontável que ele dizia ser seu escritório debaixo da lona.

— Estou sem relógio por que nunca tive mesmo, mas pelos meus cálculos deve de ser umas 16 horas. O espetáculo começa daqui a sessenta minutos, se eu não estou enganado.

— E que horas o homem do conserto vem?

— Tenho a impressão que ele num vem hoje não, é domingo, patrão, ele mora a duas cansadas de égua daqui, ó.

— Então para que serve o que você fala, seu asno, se o homem do conserto não vem hoje?

— É que eu pensei que o senhor ia ficar preocupado.

— Eu ficar preocupado nesse fim de mundo, quase

falido, vendendo ingresso mais barato que pipoca para manter uma companhia que era o sonho do meu pai, não o meu?????????

— Mas patrão, os rapazes novos das motos, eles são bons, o público anda a adorar o globo da morte!

— Bom era meu pai, mas ele já morreu!

— Se o trilho parte, eles voam não sei nem para onde.

— Se o homem do conserto não vem, melhor a vossa senhoria ir cuidar do seu serviço, que eu tenho muito o que fazer.

— O sangue vai voar todo no povo das duas primeiras filas. Se a perna quebrar cai na quinta fila. Fico preocupado é com uma cabeça voando.

— Quanta imaginação, eu devia colocar você era para vestir-se de palhaço enquanto limpava a merda do elefante. Escuta bem: a imaginação é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais. Ou seria a mentira a que se referia Fiódor Dostoievski? Eu sei lá! Mas preste atenção aqui, ó: eu sou um doente terminal, a qualquer hora esse coração pára e tudo se acaba, ouviu, tudo, o circo pega fogo, e todos vocês voltam a ser andarilhos. Ouviu? Me deixa em paz, que daqui a pouco mais uma sessão começa.

Dito e feito. Voou pedaço para todo lado.

O feito provocou o delírio da plateia, que gritava pedindo mais.

— Mais! Mais! - ecoava em coro.

Mas teve gente que viu terror naquilo e entrou em pânico. Na correria para a saída, muitas crianças e velhos foram pisoteados.

Não bastasse tudo isso, alguém sem coração acendeu um cigarro e deixou cair propositadamente na grama seca, onde a lona fora hasteada. Não demorou nada e as labaredas cresceram rápidas e escandalosas como balão ilegal em Noite de São João.

No outro dia cedo, ainda com as cinzas quentes, a perícia da PosPol deu uma declaração para o Diário de Hodiohill informando que 63 corpos haviam sido reclamados por parentes.

O dono do circo, como era de se esperar, havia fugido. Antes, no entanto, segundo depoimento de populares, ele passou uns minutos chorando como criança pela morte de sua principal atração, o grande tigre branco de olhos azuis, tido como o último exemplar da espécie, que agora se tornava oficialmente extinta.

O único detido foi o faz-tudo do circo.

## O TAXIDERMISTA

O pensamento humano ainda não é capaz de prever a que deslumbrantes sóis psíquicos desabrocharão as obras do futuro. Enquanto esperamos, vivemos num corredor cheio de sombras. Tateamos nas trevas. Falta-nos uma alavanca. A terra desliza sob os pés. O ponto de apoio nos faz falta. Estamos à deriva, todos nós aqui, na fronteira improvável onde algo acontece, quando não deveria acontecer. Ninguém é normal, mas parece que a cada dia nos acostumamos com a anormalidade. O pior é não saber mais a hora certa de rir ou de chorar.

P entrou em casa com cara de assustada, bateu e fechou a porta. H achou estranho. Nem precisou perguntar nada.

— Preste atenção nessa história de mais uma personagem de Hodiohill que ouvi lá no abrigo de gatos e cães. Batman é o nome da figura. – falou P, ofegante.

— Batman? Você está brincando? – retrucou H.

— Pode acreditar! - respondeu P, que sentou-se e se encolheu no sofá da sala .

— Ninguém sabe porquê? Como?

— Ouvi as veterinárias lá do abrigo de animais contando essa história e fiquei impressionada. Elas disseram que os pais dele eram meio loucos. Segundo a que parece ser a chefe, o progenitor, que passou a noite inteira na bebedeira em comemoração pelo nascimento, ainda estava bêbado quando foi registrar o filho. O funcionário do cartório refugou, falou

que não podia registrar aquele nome. Dizem que o pai não quis saber, falou que era uma homenagem a um grande herói, que a mãe estava de acordo, e foi puxando uma prenda da carteira, a qual mudou os ânimos do escrivão. Assim foi que ele foi registrado com o nome de Batman Felipe Henriques Vaz.

— E o que ele faz da vida?

— Ele é empalhador, embalsamador, taxidermista, sei lá como se diz. Embalsama animais.

— Sinistro!

— Só que a onda do Batman é escolher os animais mais nojentos e ameaçadores, tipo ratos, cobras, urubus, javalis.

— Sinistrão! Cabuloso! Mas, e daí?

— E daí que uma delas me perguntou se eu tinha compromisso naquela hora, eu disse que não, que tinha passado para fazer um carinho nos animais, e então ela me pediu com muito jeito se eu não podia acompanhá-la até a casa do Batman. Confesso que fiquei com receio, mas também tive curiosidade e dó dela ir sozinha, sabe?

— P, você é um amor de pessoa!

— Quando eu cheguei na casa dele, me deu vontade de sair correndo e ir embora. Mas só consegui chegar no banheiro e vomitar.

— O que houve?

— O cafofo do Batman é alucinante! Tenebroso! Tem um monte de bicho embalsamado, cachorros com cara de loucos, morcegos, abutres, gambás... Nunca vi nada igual.

— Imagino!

— Ele também tem um rosto esquisito, selvagem, parece um homem lobo.

— Esse tal Batman deve ser perigoso!

— Pensei nisso, mas não. É o jeito dele, vive num outro mundo.

— Mas o que a veterinária foi fazer lá?

— Estava procurando alguém para empalhar o gato dela.

— Um gato? Ele morreu? E aí?

— Você acredita que o Batman não deu muita bola para ela, desconversou, disse que estava ocupado?

— Mas esse não é o trabalho dele?

— Pois é, por isso ela insistiu.

— E ele?

— Falou que só podia pegar novas encomendas no mês que vem.

— Mas até lá o gato dela vai estar fedendo e em estado avançado de decomposição.

— Ela disse que pagava o dobro, que o gato era o maior amigo dela e que não podia ficar sem ele.

— E o Batman?

— Pegou ela e eu pelos pescoços, todo brutão, eu tentei me safar, mas ele nos empurrou para dentro de um cômodo lá que estava fechado, e quando nós duas vimos, tinha dois cadáveres sobre uma mesa. Tomei o maior susto e imediatamente vomitei até as tripas. Não deu para segurar.

— Então ele é matador? É assassino? Trabalha para a máfia ou para a PosPol? Porquê, pensa bem, um cara desses deve ser muito procurado. E também deve ser perigoso.

— Olha, eu estava tremendo da cabeça aos pés, precisei até me escorar na parede para não cair. Gaguejando ela falou:

— Tu-tu-tu-do bem, está pe-la ordem, não está mais aqui quem falou. Fi-fi-fi-ca tranquilo, que nós somos discretas, não vimos nem ouvimos nada. Na-na-na-da! Agora deu a

nossa hora! - e fomos dando meia volta, em busca da porta de saída.

— Se fosse comigo, eu nem sei o que eu faria.

— Eu incomodada e impressionada com a cena, olhei para o funcionário dele que estava lá, por sobre o cadáver, de máscara e luvas, e o homem começou a rir de mim. Aí que eu fiquei mais alucinada para sair dali. Mas o Batman me segurou de novo pelo pescoço, ele é maior do que eu, puxou minha cabeça e disse:

— São meus pais!

— Na hora eu lembrei do drama para registrar aquele nome, e percebi que estava em um filme de terror!

— Pesado, hein!

— São meus pais! - disse ele de novo.

Batman, então, abaixou a cabeça no meu ombro direito e começou a chorar, a ponto das lágrimas molharem as alças do meu vestido. Precisou do funcionário parar o que estava fazendo e ir até ele, para tentar consolá-lo. De frente para mim, com uma mão no cabelo do chefe, ele disse bem baixinho:

— O patrão é muito sentimental! Por isso que eu estou a fazer o serviço nos velhos dele, para aliviar um pouco a barra. Percebe?

Batman levantou a cabeça e, depois de um longo e profundo soluço, balbuciou:

— Entendo sua dor pelo seu gato, mas não posso aceitar nenhuma nova encomenda neste momento. A porta da saída está aberta, é só ir pelo corredor ali. - e fez sinal nos apontando a direção.

— “Bem-vindo ao zoológico humano, Hump!”, diria o Wolf de Jack London. Mas que situação! Numa hora dessas o coração pula para fora da boca, vai lá na China e volta num segundo, de tão acelerado, não é não?

— Situação? Eu achei que eles iam apagar a gente ali e nos empalhar na mesma hora!

— E como é que vocês conseguiram forças para sair de lá?

— Para não ser indelicadas, nós agradecemos, as duas falando ao mesmo tempo, dissemos que entendíamos perfeitamente a agenda dele, que sentíamos muito pelos pais dele, que ele estava certo, que precisamos mesmo manter próximas de nós as pessoas que amamos, e nem sei mais o quê. Tudo em poucos segundos, atropelando as frases como um gago bêbado. Imediatamente miramos o corredor e saímos correndo. Passamos pelo portão e o batemos atrás de nós sem nem olhar para trás.

— Dá cá um abraço, o pior já passou! - falou H.

— Foi uma cena tão impactante em minha vida conhecer o Batman, que eu acho que nunca mais vou conseguir assistir a qualquer filme com o Homem Morcego, por melhor que seja o diretor, o ator ou a história que vierem a inventar.

— Pelo menos eles não magoaram vocês. Ou aconteceu algo mais?

— Algo mais? Já não basta? Acho que vou ficar uns três dias com medo de sair de casa e encontrar aqueles dois homens em alguma esquina. Temo ter pesadelos por uma semana.

— E o gato?

— Ao sair de lá, ela disse que ia enterrá-lo no fundo do quintal e prometeu nunca mais ter outro animal de estimação.

— Já pensou se esses senhores estivessem em um dia ruim, sei lá, de mal humor? Talvez a gente nem estivesse conversando aqui agora.

— Vou te contar: tem certas coisas que a gente não deve se meter. Com um taxidermista, por exemplo. Ainda mais em Hodiohill. Eu nunca mais quero ter contato com um

sujeito que ganha a vida embalsamando bicho e gente. Quem é que quer flores depois de morto?

Nessas horas, H sabia, a única coisa que podia fazer era oferecer um calmante para P, além de ficar ao lado dela, abraçando-a, até que aquelas impressões se dissipassem. E foi o que fez.

## POPULARES PEDEM CANONIZAÇÃO DE SUICIDA

Começou com um vazamento no tanque de óleo de freio do Volkswagen do namorado. E não tinha mecânico que desse jeito. Em casa, a torneira do tanque vivia pingando. Letícia se aborrecia fácil.

Um dia, enquanto tomava banho, descobriu vazamentos terríveis no chuveiro e no bidê, e uma infiltração que começava no alto, no canto, e se multiplicava, atingindo todo o teto. Não bastasse isso, enquanto enxugava o corpo viu um azulejo solto à direita da pia, e isso chocou-a.

Estava determinada a pôr um ponto final naquela história, a se mandar daquele lugar. Depois de se enxugar, vestiu-se a rigor. O vestido vermelho e branco lhe pareceu perfeito.

Foi até a zeladoria e pediu ao síndico - um homenzinho acabrunhado que lhe lembrava seu tio Adamastor - as chaves dos portões que davam acesso ao terraço do prédio situado na zona oeste de Hodiohill. Disse que era para consertar a antena de TV.

Subiu as escadas com um pouco de medo e uma expressão quase feliz. Olhou pela última vez a decadência, pensou nas goteiras da garagem e se atirou. Caiu no pátio interno, distribuindo sangue aos quatro cantos.

Depois do estrondo, muitos dos vizinhos correram para se chocarem com a cena. E uma sinfonia de goteiras ecoou pelo Edifício Saquarema.

No velório, nas páginas do jornal do bairro na internet e até no noticiário de TV, o tom era de consternação com o triste fim de Letícia, bonita, inteligente, agradável, boa vizinha, boa companheira de trabalho, a melhor pessoa do mundo, que se suicidara por causa de um vazamento.

As más línguas diziam que ela teria ficado ainda mais deprimida depois que estorou um cano na rua e nada das autoridades resolverem o caso.

Ocorre que, poucos minutos depois de aberto o velório, em plena vigília ao culto do corpo inválido de Letícia, um estranho acontecimento, difícil de ser descrito, ali se manifestou. Pareceu uma iluminação, uma conspiração de deuses errantes e de demônios pagãos.

De cochicho em cochicho, conversas ao pé do ouvido, histórias e debates, os vizinhos descobriram uma magnífica e instigante circunstância em comum. Eram todos torturados pelos vazamentos há anos, dependentes de buchas, veda-rosca e encanadores incompetentes.

Como se fosse um milagre, todos se abraçaram radiantes e muito emocionados, unidos na dor e na tristeza.

Em certo momento a euforia chegou a tal ponto de grupos de enlutados começarem um enfrentamento na defesa de seus pontos-de-vista em relação ao tratamento da ‘vazanite’. Alguns gritavam que estavam sendo roubados pela companhia de águas, que lhes vinha cobrando mais caro de que de outros por vazamentos similares; outros diziam que a culpa era da construtora que ergueu o edifício. Poucos se entendiam.

Envolvidos naqueles rios turvos de sentimentos e reações, muitos foram os que se esqueceram da defunta, da pobre menina que morreu por uma causa que deveria ter sido um campo de batalha de todos.

Distraídos, muitos abandonaram as rezas por Letícia,

menos Lacerda, que morava numa casa dois números depois do Edifício Saquarema. Levantando as mãos espalmadas que deixou ficar horas por sobre a mão da morta, ele deu um rodopio na direção do grupo maior e mais barulhento, e com as mãos para o céu, o olhar procurando o crucifixo pendurado na entrada da sala, pediu a atenção:

— Senhoras e senhores, Deus pede um minuto da atenção de vossas senhorias. Por obséquio, senhores e senhoras.

A esposa de Lacerda, que estava entretida noutro grupo, correu para o lado dele. Os parentes da falecida, pais, irmãos e tios, também se voltaram para o homem que falava.

— Deus escolhe as suas ovelhas e os seus lobos. Olhem bem para essa criatura – falou com um tremido nas bochechas murchas e descoradas, o que desviou por três segundos o foco do olhar dos presentes. E continuou:

— Letícia morreu por nossa guerra, por nossa batalha de tantos anos.

O velho Lacerda falava com uma voz que não era a dele, mais rouca, e em cada respirada ia diminuindo o volume, chegando quase a sussurrar.

Como num conchavo do além, a iluminação do local diminuiu sem ninguém mexer nos controles, aumentando o poder das velas acesas na cabeceira do caixão. No reflexo, os cabelos e os olhos abertos da morta brilhavam intensamente, de maneira sublime.

— Quantos de vocês não sofrem há anos com os vazamentos que não têm santo que ajude a eliminar? Eu e Marlene criamos nossos filhos, casamos os seis, vimos os netos crescerem, já enterramos os dois mais velhos e nada de conseguir acabar com o vazamento da torneira do jardim...

Com os ouvidos atentos, Dona Cássia teve um arrepio e sentiu um tranco na cabeça que a fez executar cinco sinais

da cruz seguidos. Como Deus fala com o vento, ela assumiu a palavra por designação invisível. E, de lá mesmo onde estava sentada cochilando até poucos segundos atrás, a vizinha do primeiro andar do prédio interpelou:

— Estou vendo, vizinhos, neste momento em que a alma sente frio e amarga tantas lágrimas, que o problema dos vazamentos é um teste que Deus vem nos submetendo nesses anos todos.

No momento em que ela abria o coração, Lacerda abraçou Matilde e Nestor, os pais da defunta, e deu um grito:

— Santa Letícia, esteja conosco a vossa graça!

Todos os presentes se ajoelharam, como se fosse a coisa certa a se fazer, olhos enormes e brilhantes, processando em suas mentes o testemunho de um genuíno milagre.

Alguns minutos depois, como se Deus tivesse designado com justiça uma missão a cada um, os vizinhos de Letícia no prédio e os moradores da mesma rua, a Rua Rio Amazonas, se levantaram e partiram para cumprir seus desígnios. Restaram na sala apenas o pai, a mãe da suicida e os parentes mais velhos.

Miguel, o carrancudo morador do apartamento 202, que vivia em pé de guerra com a família da morta por causa dos estragos dos vazamento no teto da sua casa de banho, deu ordens pelo telefone móvel para que seus funcionários providenciassem um trono digno de rainha.

Ele mesmo saiu colhendo rosas do jardim do velório e trançou uma coroa, com botões de cor amarela, branca e vermelha. Fez um trabalho minucioso, calculando com precisão o tamanho da cabeça enfaixada de Letícia.

Cada um ajudava como podia, e o que impressionava é que muitos eram os que se sentiam leves, aos passos de balé, tamanha era a felicidade que chegara aos seus corpos.

Navarone, o vitrinista que organizava as festas na Rio Amazonas, providenciou um manto cor de abóbora com carne, chiquerésimo, para cobrir a ‘poderosa’.

Tony e Zeca, irmãos da defunta, recolheram instrumentos de percussão e sopro, e convidaram um grupo para um canto para combinarem um repertório.

Às cinco da tarde, hora marcada para que o corpo de Letícia fosse levado ao cemitério, partiu do velório a maior, mais animada e mais carnavalesca das procissões que Hodiohill já viu.

Na frente da fila imensa de carros com faróis acesos, os mais velhos seguiam com faixas e cartazes que diziam: ‘Viva N.Sra. Letícia’, ‘Olhe por nós, Rainha dos Entediados’, ‘Protetora dos desesperados com vazamentos’, entre outras frases.

Na saída do cortejo quase houve uma tragédia que poderia ter gerado muitas horas extras de trabalho aos coveiros. Se não fosse por interferência santa, acreditam alguns, a morte teria sorrído largamente.

Quem não gostou nada daquilo foram os empregados do cemitério que, de um lado, exigiam que a morta fosse liberada para ser enterrada. Era fim do expediente e ela era a última cliente agendada. Gritavam: “Tirem o pé da nossa cova!”, “Queremos o justo descanso dos vivos!”.

Mas as testemunhas do milagre que se processara poucos minutos antes acharam aquela provocação de má-fé, coisa do esganiçado. E queriam partir para o confronto. Benevides puxava a tropa:

— Ninguém vai enterrar a nossa santa!

A dona da funerária contratada para preparação e transporte do corpo viu ali uma oportunidade de faturar milhões e incitou a guerra.

Mas a 'santa' interveio de novo, desta vez na voz de Dona Dolores, a 'matriarca' de toda a 'Família Rio Amazonas', velha caduca que se orgulhava de três coisas: ser a primeira moradora da rua, ser a mulher mais velha do mundo e também ser a rezadeira oficial, responsável por dar a extrema unção a todos os defuntos locais.

Dona Dolores convenceu os brigões a destinarem suas energias para rezar e pedir graças para a 'santa'. Além disso, conseguiu com jeitinho que os coveiros se engajassem na peregrinação.

Logo à frente desse grupo paramilitar estava a fanfarra, que ia tocando no improviso o que vinha à cabeça dos 'músicos'. Começaram solenemente executando uma marcha militar, depois evoluíram para uma batida parecida com a de folia de reis. Lá pela décima quadra já estavam afinadinhos e sincronizados na AxéMusic.

Ainda tinha a ala dos nobres, onde estavam os vizinhos mais ricos da rua, que sempre se gabavam de suas posses e vestimentas.

Na dianteira, puxando o cortejo, ia a 'santa', lindamente amarrada em uma cadeira de madeira forrada com um grande tapete persa (falso), cuja base suspensa era amparada nos ombros do namorado, do irmão mais velho, do pai e do síndico do prédio onde ela morava.

Iam descendo uma rua repleta de puteiros, que àquela hora começavam a ferver de homens. Pensando ser um ato festivo, muitos eram os que entravam na 'folia', fazendo coreografias e engrossando as muitas alas, que naquele momento já somavam doze.

As putas, impressionadas com a algazarra, interrompiam suas atividades e chegavam nas janelas dos edifícios do amor para distribuir beijos e acenos. Um grupo delas, encantando

com a ‘santa’, inventou uma chuva de calcinhas e sutiãs para homenagear aquela que para elas passaria a ser, ao mesmo tempo, inspiração de beleza e protetora das horas venéreas.

Quem deu notícias que um grande número de pessoas naquela altura já se aglomerava por ali foi o cabo Muniz, da PosPol, que tomou notas numa prancheta e as passou para a Central. Imediatamente recebeu ordens superiores para acompanhar a ‘manifestação’ de perto.

O cortejo rumou na direção do viaduto que começava no final daquela rua, subiu até o fim, seguiu por uma rua curta e chegou ao início da avenida principal do Centro de Hodiohill. Lá foi recebido por uma multidão ensandecida, que aplaudia e gritava palavras de apoio.

Um repórter de um canal de TV, que cobria tudo do alto, de dentro de um helicóptero, dizia em voz empostada que a “manifestação de protesto era um colosso”, sem entender o que se passava.

Alguns, mais exaltados, jogavam papel picado e água por sobre a multidão. Outros batiam palmas das janelas dos escritórios. O céu estava branco.

O combinado, entre os ‘organizadores’, era ir à sede do Poder Executivo e ao Palácio da Cúria, visando pedir a intervenção das autoridades para que fosse referendado em lei a idolatria à ‘santa’.

\*\*\* \*\*

Mais conhecida como a “Rua da Goteira”, a Rua Rio Amazonas é hoje um território santo, um lugar sagrado onde peregrinos do mundo inteiro vão visitar, orar e rogar graças à Santa Letícia.

No meio da rua, agora proibida para os carros, foi construído um altar e lá colocada uma imagem à semelhança de Letícia quando criança.

Depois da beatificação da santa, os antigos moradores da rua, os parentes e amigos da moça, resolveram em comum acordo mudarem-se para bem longe dali.

Segundo contam alguns garotos que se oferecem como guias turísticos pelos ‘Caminhos da Santa Maior, a mais poderosa de todas’, o motivo da mudança coletiva foi ter começado a aparecer muitas novas infiltrações e vazamentos em todos os imóveis. Era sofrimento demais para quem conheceu Letícia.

## JANTAR DE EMPRESÁRIOS TRANSFORMADO EM CARNIFICINA

O jantar de confraternização anual do Clube dos Empresários e Empresárias de Hodiohill foi, como sempre e como era de esperar, preparado com muito zelo e todo o requinte que a ocasião exigia.

“Sem miséria!”, repetia a dona do restaurante, rindo pelos cantos da boca com a bolada que faturava com organização de banquetes. A proposta era fartar a malta com bebida e comida à vontade. Cobrava bem por isso.

E se fartaram!

De tempos em tempos a dona do restaurante perguntava para um cliente aqui, para uma amiga ali, se a comida estava boa, se estava faltando bebida ou alguma coisa, de modo atento para que não faltasse nada, a fazer com que os funcionários investissem no bem servir, para que tudo corresse nos conformes.

O clima de festa transcorria bem, a satisfação era visível nos olhares, nos botões de paletós abertos para aliviar a barriga crescente, nas vozes altas da conversação das mulheres, nos arrotos nem tão discretos dos mais velhos, nas travessas e pratos a esvaziarem-se com facilidade.

A certa hora, uma madame que tinha um blog de culinária pediu à dona do restaurante que transmitisse ao *chef* os cumprimentos, “pela soberba e refinada combinação de ingredientes e temperos, o que revela um pé na tradicional

cozinha hodiophilense ao mesmo tempo em que flerta com a trapcuisine”.

— Isso é chic, é trend topics, meu amor!

Sentindo-se o centro das atenções, a madame levantou sua taça de vinho e propôs um brinde:

— A nós, chiques e poderosas, emponderadas e belas!  
- e o tilintar de sete ou oito taças foi esfuziante.

Envolvido naquela conversa descomprometida, um dos homens sentados na mesa sugeriu à dona do restaurante que “valorizasse o passe” e “introduzisse aquela nova futura estrela Michelin aos convidados”.

“Pois bem”, ela titubeou um pouco, “nossa satisfação é a vossa satisfação”, e enquanto servia, pensava rápido, pensava que o novo cozinheiro contratado, um jovem com pouca rodagem, estava a surpreender todos.

E lembrou que foi um deus nos acuda arranjar alguém para substituir seus velhos amigos, Pierre e Jacques, que na semana anterior haviam desaparecido num acidente automobilístico fatal quando retornavam a Hodiohill após uma semana de descanso na praia. Compensando a tragédia, pelo menos aquela noite parecia transcorrer ao nível de sua fama como empresária do ramo dos alimentos e das festas.

Envolvida naquele ambiente e naqueles pensamentos pesados e dolorosos, ela falou no ouvido do *maitre*:

— Traga-o até aqui.

Discreto, o novo *chef* deixou a cozinha e foi até à mesa onde estava a dona do restaurante, que o introduziu como “o prodígio dos sabores exóticos”, ao que foi apreciado com uma salva de palmas discretas.

Uma senhora de cabelos compridos, loiros, de vestido branco, lambeu os lábios e disse ao marido:

— Diga para ele o que você me disse.

— Ora, não preciso de ninguém para me dar ordens!

— Pois, eu digo: o que o meu marido, o desembargador Petrônio, mais gostou foram as carnes, especialmente a costela. Ó garoto, diz para ele qual é a receita.

O jovem *chef* não se fez de rogado e começou por dizer que aquela foi a primeira vez que ele fez aquela receita, que era um experimento, que haveria de aprimorar, que agradecia a atenção dos ilustres, que o retorno era importante, que, por fim, não era difícil, que se podia fazer em casa. Tirou uma folha do bolso e passou a lê-la:

**Tipo:** Prato Principal

**Preparação:** 10 min

**Cozedura:** 25 min

**Pronto em:** 35 min

**Dificuldade:** Se na primeira vez ficar um pouco cru ou queimado, não se preocupe. Com o treino passa a ser muito fácil.

**Calorias:** Depois de comer as costelas de um porco da região de Ganância você se sente leve e recompensado, como se tivesse alimentado a alma de uma dúzia de famintos.

### **Ingredientes**

- Costela de porco de Ganância.
- Sal e alho (Esses ingredientes são para expurgar o gosto amargo de terra devastada que a carne do porco de Ganância carrega.)

A leitura firme e compassada que o *chef* fazia do que estava impresso no papel não passou despercebida pelas mesas ao lado, que foram silenciando enquanto ele prosseguia.

- Limão (para purificar os pecados).
- Pimenta do reino (A pimenta ajuda a realçar o sabor de ajuste de contas que este prato proporciona.)

### **Preparação**

**Passo 1:** Primeiro tire um pouco da gordura da costela do porco de Ganância e separe.

**Passo 2:** Corte as costelas, que são grandes, em três pedaços cada uma. Tempere com uma mistura de alho e sal, limão e pimenta do reino.

**Passo 3:** Arrume as lenhas para que o fogo fique bem alto e coloque as costelas na panela. Deixe soltar toda água para que cozinhe por dentro.

**Passo 4:** Em outra panela, dê uma refogada na gordura, que estava separada, até ela derreter, e nessa mesma gordura frite bem as costelas, até elas ficarem bem vermelhas.

E pronto! Sirva-se sem reservas! Bom apetite!

Acompanha bem uma aguardente.

(Esse prato é bastante indicado para celebrações coletivas, pois rende e alimenta.)

No final, o salão era um silêncio só. A começar pela dona do restaurante, que parecia uma estátua de gelo após um castigo fulminante de uma entidade superior. Convidados e convidadas, garçons e seguranças, estavam todos com fisionomias e corpos paralisados. Faces rubras, umas em tons de fúria, outras em choque de compreensão.

— Deus do céu! - disse em tom de pânico a mulher loira. Tremendo, desesperada, suando frio, ela olhou para o marido estrebuchando na cadeira, babando pelos cantos da boca, com os olhos virados, e não pensou duas vezes: enfiou a mão dentro da bolsa, tirou uma pequena pistola dourada e disparou no abdômen do homem:

— O meu marido não merece isso!

— Socorro! Que loucura é essa? Quer dizer que nós comemos carne humana? - gritou a blogueira quando o homem baleado tombou para cima dela.

— Que absurdo!

— Que infâmia!

— Quem está por trás desse show de horrores?

— O que está acontecendo aqui?

— Me deixem sair daqui!

Vozes, gritos, apelos ou urros explodiram no salão, seguidos de ruídos de mesas tombando cheias de louças, taças, garrafas e cadeiras voando.

Para se safar da faca que a dona do restaurante, mal se recuperou do baque, remeteu na sua direção, o *chef* se jogou no chão e saiu arrastando na direção da cozinha.

— Peguem este maldito impostor!

— Prendam esse bandido!

— Matem esse delinquente!

— Acabem com a raça desse energúmeno!

Ao aturdimento que envolveu a todos, somou-se uma mistura de ódio e repugnância dirigida àquele que havia feito toda aquela elite comer de seu próprio veneno. Só um milagre salvaria sua vida. E milagres acontecem.

Ao ver do lado de fora pelos vidros blindados do restaurante a confusão que havia se instalado, um grupo de cerca de cinquenta mendigos que vivia rondando por ali, se aproveitou do descuido dos seguranças e invadiu o salão, voando como lobos famintos sobre os pratos e os pertences deixados nas mesas.

O pânico então foi ao grau máximo. A madame loira mirou um dos homens esfarrapados e atirou bem no olho esquerdo dele, fazendo jorrar uma cascata de sangue.

Como um meteoro que cai do céu e impõe um silêncio profundo na selva, metade dos presentes olhou para a mulher, metade para o mendigo. Num gesto instintivo, uma mendiga que estava comendo debaixo da mesa, mordeu as coxas da mulher com tanta força que metade da carne foi arrancada do fêmur.

Sem mais, todos se jogaram aos dentes, facas e garfos, uns sobre os outros.

## LIVRO II

Consuma-me ou te  
devoro, desafia  
o Minotauro  
de Hodiohill

## FORA DO LUGAR

Alguma coisa está fora da ordem. Mas que ordem?

Ultimamente, há tantas coisas fora de lugar, de tempo e de contexto, Hodiohill é um exemplo extremo: é normal que toda a gente se sinta perdida, desanimada, sem forças para reagir. A anormalidade virou realidade. “A Montanha das Palavras Exauridas (...) desabou e tudo que ela armazenava se esparramou. Falsidades, mentiras, desculpas, fraudes (...)”

Uma pesquisa tentou mostrar que 92% das pessoas que moravam em Hodiohill tinham ou estavam sujeitas a ter algum transtorno mental. Os outros 8% se perguntavam: qual o limite da crueldade humana?

E o governo acaba de instituir a Censura Nova. Faz parte do poder totalitário. Calando a boca das pessoas, você as proíbe de ter opinião, de ver, de assistir, de ouvir. A censura é o braço direito do governo totalitário. Querem, por exemplo, mudar os livros de História, mudar a história de Hodiohill. Como bem definiu um filósofo político, é um jogo de xadrez a sobrevivência mental, física e social em Hodiohill. Ou, como diria, um filósofo do morro, o mundo é um moinho.

Pobre daquele que, pobre ou rico, cruzar o caminho da Suprema Máquina de Triturar Carnes e Mentas, a SMTCM, tida como a maior máquina já inventada pelo homem. Além de altamente produtiva pelo facto de trabalhar sem parar 365 dias por ano, a SMTCM é movida por um novo combustível fóssil descoberto recentemente e encontrado exclusivamente em Hodiohill.

Pois, digam-me: “Quem são vocês? Um povo imaginário? Uma raça perdida? Humanos fossilizados?”

## O ESGOTO

Jonas era o nome dele. Gostava desse nome. E tinha a história da baleia, de Jonas dentro da barriga da baleia, ele gostava disso, era divertido, sentia conforto e pensava que dentro de uma baleia nunca faltava comida.

Jonas vivia no rango, faminto, com aquele buraco no estômago por falta do que comer, desde pequeno. Não era subnutrido, como se diz, era magro e alto, mas na maioria dos dias e noites sentiu fome e não teve o que comer. “Bem, tudo bem”, pensa, “esse tempo já passou.”

Hoje Jonas é vigia de trem. Entrou por concurso. Agora se sentia mais seguro, tinha salário, assistência médica, comprou um carrinho e os dois filhos estão na escola municipal.

De farda, batebute e cacete, há dois anos dá plantão de segunda a sábado na Estação Cidade Jardim. Uma puta vista de Hodiohill: uns prédios modernos, enormes, cheios de balangandás, a Marginal no seu incessante vai-e-vem de carros e o Rio Caralhos... Puta rio.

Desde então, Jonas sente uma dor de cabeça que não passa e ataca sem avisar, em casa, no trabalho, no campo de futebol (onde ele encontra os amigos lá no Itaim de Hodiohill), na cama com a mulher, no refeitório da estação.

— Ó diacho! Maldição! Puta que pariu! Parece até castigo, eu aqui nessa puta vista, ganhando meu cascalho para ficar de olho em todo mundo, inclusive nas dondocas que botam terninho e querem virar executivas, e essa dor de cabeça enchendo o saco!!! - falava para si próprio.

Quem olhava para o sujeito parecia que estava sempre falando pelos cantos. E estava mesmo. De vez em quando falava alto, o que obrigava os superiores a intervir:

— QAP. Está na escuta?

— Na escuta.

— QRM. Está sendo interferido?

— 4. Severa! Essa maldita dor. Mas num pega nada não, mano, tudo em ordem, são pensamentos altos que a cabeça emite de vez em quando, tá tudo em ordem por aqui.

— QTL. Qual o seu rumo verdadeiro?

— Te confessar que nessas horas eu fico meio desorientado, viu.

— QAP. Permaneça na escuta.

— TKS.

Uma tarde, quando Jonas comemorava a formatura do primogênito no Fundamental e finalizava a casinha que estava fazendo no lote do sogro, as dores aumentaram. Sem limites. Mas fazer o quê?

Dias depois viu uma reportagem na TV, no jornal do meio dia, falando que a poluição junto com o esgoto tinham matado o rio para sempre, que o perigo de doenças era cada vez maior e que o mau cheiro estava mil e trezentas vezes maior do que o maior nível tolerado pela Agência de Esgotos de Hodiobill.

O movimento na estação era intenso. Era inverno, mas tinha duas semanas que o calor estava forte e o ar seco, seco, seco.

Jonas almoçou e sentou-se num canto para descansar por dez minutos. Ficou vinte. Um companheiro foi quem acordou ele dizendo:

— Bora trabalhar, meu chapa!

Jonas acordou zoad, grog, a cabeça estava estourando,

parecia que não era ele quem estava ali. Ou devia ter ficado louco, pensou, pois acordou sentindo um puta cheiro de esgoto. Forte para caralho.

Um cheiro insano de merda que no reflexo do sol na água gerava uma névoa de vapor de merda que impregnava os terninhos das moças, os ternos e sapatos dos moços, as fardas e batibutes dos vigias e tudo mais em volta. Sobre todos o mau cheiro se impunha.

— QAP. Que cheiro de esgoto forte é esse?

— QRM. Está sendo interferido? Como assim? Esse é o cheiro de todo dia. Não estou sentindo nada, não!

— Pode ser que minha cabeça esteja explodindo, por que está forte demais e eu não sei se vou aguentar.

— Fica firme e mantenha o olho aberto!

— TKS.

Um pouco depois, Jonas pediu para ir ao banheiro. Zonzo, ele se confundiu no caminho e entrou por um corredor onde estava escrito Central de Controle. A porta estava aberta e ele foi logo mijando na mesa cheia de botões. Para sair, apertou um botão vermelho, sem conseguir ler que estava escrito Emergência.

Passos cambaleantes, deu meia volta na direção da plataforma. Parecia que algo havia acontecido, as pessoas começaram a correr, a gritar, a fazer movimentos bruscos. Jonas sem entender mais nada.

— Quem é Jonas agora? Será que o trem demora? Senhoras e senhores, venham por aqui, por favor, para dentro da baleia!

Um barulho de fios se partindo, de faíscas virando lastros de fogo, de aço sendo lavrado contra aço, e a cabeça de Jonas entrando em parafusos.

Enquanto isso, toda a equipe de operações da estação

tentava conter a situação sem saber direito o que havia acontecido.

— QAP. Alguém mijou na mesa de controle e apertou o botão vermelho. Deve ter sido o maluco do Jonas. Peguem ele! - gritou o chefe da segurança.

A essa altura, Jonas já estava lá do outro lado da plataforma, no ponto em que ele dava plantão, e que ficava estrategicamente na entrada dos trens, bem na beira do rio. Foi então que um grande estouro, tipo de curto-circuito, foi ouvido. Todas as luzes se apagaram.

Os maquinistas do trem que chegava e o do trem que saía, sem obterem orientações da cabine de controle, pisaram nos freios. A primeira composição balançou, balançou e saiu de lado. Desgovernada, como uma flecha sem alvo, a máquina voou para dentro do rio.

Antes de ser atingido, Jonas agiu por instinto e se jogou para trás. Caiu de costas na água.

Como um milagre, naquele instante sentiu um alívio. A dor de cabeça cessou.

Mas ele não sabia nadar. E aquele rio era o fim do mundo. Uma imensa baleia veio e num golpe engoliu Jonas. Jonas do esgoto de Hodiohill. Jonas que já era.

## CÃO DE GUERRA

Wagner Merije

Era noite. Acordei tenso, salivando. Tentei falar algo, mas saiu um latido. Levantei preocupado e corri até o espelho: vi uma cara de cachorro.

A memória é dinâmica. Caminho para os cinqüenta. Não sei quanto tempo a mais eu tenho. Cada dia é um dia a menos. Penso que agora posso ser quem eu penso que sou. Cultivar minhas ervas. Viver minhas crenças. E desprender do medo do esquecimento. Minha filha já nasceu num mundo violento, num país violentado desde o berço. Há um genocídio nas periferias mais cruel que a mais cruel das guerras. Duzentos mil são assassinados em Hodiohill a cada ano.

Eu passo a mão no meu rosto e não consigo acreditar que aquele ser com cara de cão pudesse falar e contar que foi cão a vida toda, arquiteto de voltas do rabo, cão pulguento de rua.

O tempo escorre, a caçada está em curso, a crueldade mina a resistência, e aos poucos vai eliminando os outros. As ordens que eu tenho é apavorar e morder, cão de guerra só faz o que foi treinado para fazer.

Mas, espera aí? Este aí sou eu mesmo? Serei eu deste jeito? Vejamos onde eu estava: não estava dormindo nem nada.

Estava numa exposição. Máscaras espalhavam-se pelas paredes: africanas, barrocas e feiticeiras. Eram máscaras que olhavam mais para a gente do que nós para elas. E, quando me

fixei numa delas, entrei em transe, fui teletransportado, coisa de magia.

Quando vi, eu corria por uma floresta densa e sombria. Estava varado de fome, os olhos bem abertos e atentos. Alguma coisa me dizia que se eu continuasse iria ver coisas imensas, violentas e aterradoras, que seria preferível mudar a direção! Mas como?

Como um cão no meio do inferno pode tomar uma decisão certa? Eu não sei o que eu bebi ou comi naquele dia, se teria algum efeito, mas eu sentia muita sede, muita fome, uma vontade de viver e isso não tem explicação.

A máscara me deixava apenas algumas poucas possibilidades quando se olhava para ela, apenas alguns pontos de fuga para fugir de sua secreta magia. No alto, na testa, do lado esquerdo, o cérebro mostrava estar disposto a arejar as ideias. Do lado direito, o ponto de fuga em forma de uma cabeça de alfinete impunha-se para dentro, a dizer: “Raciocine, ligue os pontos, faça os cálculos!” Os olhos, ocultos na escuridão, pouco diziam sobre o que se passava do lado de lá. O nariz buscava um delta na moldura da face, uma passagem para o Pacífico. Obra faraônica. Em baixo, do lado direito do rosto, uma câmara de ar na boca, em caso de precisar dos botes salva-vidas.

Mas o que mais espantava era a boca da esfinge, que soprava para dentro e para fora palavras inaudíveis, suspiros de sílabas no ar, sustentada por uma garganta forte, firme e longa. Só consegui perceber alguns monossílabos, como cão, vão, pão, tão, rão, fão, são, xão, mão.

Urrei! Não sei o que me deu naquele olhar, naquela visão, urrei! Sou cão de guerra, comedor de labirintos. Tenso, tenso, treinado para encarar infernos, florestas densas, caminhos tortuosos, pesadelos e disfunções nas mais cruéis das guerras sujas, no olho da esfinge que midiática meu sofrimento

e me ridiculariza por eu ser apenas um cão de verme, não um de elite ou de madame.

Dou um beijo na máscara. Dou um beijo na fuga, um beijo no diabo, nas putas, nos políticos, nos vermes da indústria qualquer que me usam. Dou um beijo em mim mesmo e acordo.

Como seria se você tivesse nascido assim? Se fosse xingado de tudo quanto é nome já escrito nos livros? Se tivesse, no sangue, ambição e nobreza? Quanto tempo iria demorar para superar essas deficiências que te tiram sarro? Quanto tempo iria demorar para transformá-las em forças e não em fraquezas? Você parece santo, quando quase sempre banca o diabo.

Eu não tenho piedade nem amor nem medo, ouvi muitas vezes minha mãe falar que vim para este mundo atravessado. Na hora do parto, a parteira se espantou e as mulheres gritaram: “Valha-me Deus, ele nasceu com mandíbulas!”

E assim foi! O que claramente significava que deveria rosnar, morder e bancar o cão. E como a divina providência assim moldou meu corpo, que o inferno também me torça o espírito. Eu não tenho pai. E de pai sou diferente. Eu não tenho irmão, e de irmão sou diferente.

E esta palavra ‘amor’, chamada de divina, pode residir em homens em tudo iguais, mas não em mim. Eu mesmo estou sozinho. E um a um liquidarei o resto, chamando a mim mesmo de mau até ser o melhor.

## DESASSOSSEGO

Pesquisadores de várias partes do mundo, reunidos na Universidade de Hodiohill para um colóquio internacional sobre literatura e sociedade, aguardavam que a investigadora da Universidade da Lapa abrisse sua apresentação no grande écran, posicionado acima da cabeça dos que compunham aquela mesa.

Nervosa, ela era o um por cento de origem africana que tinha espaço ali. Contradições do sistema, embora a literatura africana, o pensamento pós-abissal e as epistemologias do sul, fizessem parte dos âmbitos temáticos.

Depois de apresentar Alda Ferreira, o moderador da mesa passou-lhe a palavra.

— Pois bem, bom dia e obrigada. – disse ela, e prosseguiu: eu vou direto à minha comunicação para não atrasar as outras apresentações: Frei Henrique de Coimbra celebrou a primeira missa em Hodiohill...

Ela mesmo percebeu que abrira o arquivo errado, parou a leitura e pediu desculpa aos presentes.

— São os espíritos bagunçando meus arquivos! – disse para tentar descontraír. E ouviram-se alguns risos tímidos.

— Aqui está, o título do artigo que preparei para vos apresentar é “Saltos no escuro: a narrativa hipercontemporânea de Hodiohill”. Buscarei, a partir da análise de um conjunto de obras, uma leitura a respeito da composição dos romances publicados nos últimos 20 anos. Começamos por assinalar que

algumas características, como “a ausência de limites, físicos, morais, de gênero, cria, assim, uma forma de desassossego literário, uma explosão de textos que fogem a uma classificação tradicional”. Dentro dessa grande efusão criativa, aparece de forma dominante na literatura de Hodiohill, mas não só, a violência, a miséria moral e social, numa viagem através de um processo de desumanização, por vezes labiríntico, que nos permite pensar num Neo-Naturalismo construído de modo original na literatura hipercontemporânea.

Uma pesquisadora sentada à frente dela não parava de balançar os pés, acondicionados numa sandália confortável, nova, de pano colorido com motivos africanos.

Alda não podia nem devia se desconcentrar, mas não conseguiu segurar o dique de uma mente cheia de sangue circulando informações para todos os lados, cuja água ia nos limites e vazava fácil pelas entranhas das ideias. No clarão de uns poucos segundos seus olhos seguiram na leitura preparada e repetida mil vezes anteriormente, mas ela se viu de mãos dadas com a filha, passeando num parque com grandes árvores, onde os donos levavam seus cães para passear também, e de mãos dadas com a pequena ia pensando no casamento que se esfacelava depois de dez anos de convivência sempre em ponto de apertar o botão da bomba atômica com o companheiro, já mais para ex.

— Chamamos a atenção também para outras características desse conjunto de obras, a ver, “um intimismo que parece ser um voltar as costas a um mundo que é só dispersão e ausência de sentido”.

Nesse momento as próprias palavras de Alda bateram no alto de sua cabeça, chamando-a para voltar e colocar os pés no chão. Ela pigarreou, tomou um gole de água, olhou para os presentes, e seguiu, prometendo para si mesma manter o foco:

— A busca de raízes, que a globalização tem tendência a tornar incertas; o mundo virtual que toma o lugar de uma realidade a que se prefere fugir; a comunicação em tempo real, que influencia o tempo do romance; a multiplicidade das vozes que criam uma narrativa na qual é possível escolher diversos caminhos, sem que o autor opte claramente por uma via, deixa por vezes o leitor numa indecisão quanto ao verdadeiro sentido correspondente ao objetivo do autor. E vou mais além: a fragmentação do discurso, a pluralidade das vozes, a hibridez genérica, que dificulta as classificações, ou a utilização da metaficção, constroem uma fronteira ténue entre o eco do real e o fruto do imaginário. Novas formas, como as que os anglo-saxões denominam ‘narrative non-fiction’, utilizam amiúde um lirismo surpreendente que contrasta com os aspetos violentos e sórdidos das sociedades que ocupam uma posição central em grande parte dos romances hipercontemporâneos, especialmente os escritos e publicados nas duas últimas décadas em Hodiohill.

Um outro professor sacou o smartphone do bolso, levantou-se para enquadrar melhor, e fez uma foto, despejando um clarão no ecrã, que a essa altura mostrava capas de alguns dos livros analisados.

— Nesse ambiente confuso, um romance começa, mas sabe-se lá como pode terminar...

Para quem estivesse a par da vida particular da mulher, saberia que ela estava misturando sua própria vida no artigo científico, mas também poderia ser visto como se ela estivesse usando as próprias circunstâncias e terminologias do seu objeto de estudo. Em parte, era verdade. Mas tais lapsos também revelavam a confusão mental, social e matrimonial em que ela se encontrava.

O moderador, discretamente, indicou à pesquisadora,

com um papel colocado em cima da mesa, que dez minutos da sua apresentação já haviam transcorridos. Restavam-lhe cinco minutos, portanto.

— Longe de querer chegar aqui a conclusões, essa discussão precisa ser aprofundada, quero muito ouvir a opinião dos nobres colegas sobre o assunto, mas faço notar que no tempo que corre, em que se diz que o género romance já não é o que era, e de facto não o é, não poderia sê-lo, apesar de, naturalmente, continuarem a ser publicados livros que seguem linhas narrativas de índole tradicional, dissolvem-se, portanto, algumas, ou, em certos casos, todas as canónicas categorias narrativas. Narrador, ação, tempo, espaço e personagem implodem em vários níveis e graus, construindo definitivamente um texto de fruição em detrimento de um tradicionalmente apetecível texto de prazer, como bem assinalou Barthes.

Havia muita discussão para ser feita, e para não se prolongar, ela finalizou:

— Vale a pena encarar a leitura, às vezes uma luta corporal, pois é através dela, por meio dos olhares dinâmicos e multifocais dos escritores, que vamos desvendando o que há por trás dos espelhos da realidade. Um livro pode seguir por muitos caminhos, dar vozes a diversas personagens, abrir significados e significantes, mas a matéria de todo livro, em sua génese, é a vida, a vida em suas múltiplas dimensões, como se as páginas fossem uma moldura sem tela que tenta enquadrar o que acontece ao nosso redor e em todas as ruas e cantos onde haja uma história a pulsar. Finalizo com a constatação que todo mundo tem uma história para contar e as histórias vêm sendo contadas com cada vez mais liberdade e desordem, a desordem natural do mundo que construímos e que Hodiohill é um retrato ampliado. Deambular os olhos em fogo-de-artifício porque, afinal, as pessoas-personagens são labirintos

que avançam com dois pés na terra e outros dois instigando a tempestade. Muito obrigada.

Alda tinha mergulhado o olhar no céu puro, sentindo a ressonância completamente diferente nestas condições. A riqueza de sonoridades, o seu poder harmônico eram, de facto grandes, como ela o dera a entender. Naquela solidão íntima, longe dos artifícios de cena, sem as paredes de um teatro, onde o cristal da música parecia soltar o seu canto vibrante e puro, até os picos nevados das montanhas, lá longe no horizonte, sonhavam.

— O que se passa? – perguntou o moderador.

Alda se assustou. Ou voltou à realidade. Não entendeu e perguntou de volta:

— Como assim o que se passa?

— Um raio. E em seguida a noite!

No seu aturdimento pessoal, Alda não estava a olhar para as janelas, mas quando o fez, entendeu a quê o colega de mesa se referia.

Nuvens espessas tomaram o céu de assalto. Num átimo, o auditório estava mais escuro do que uma mina de carvão. E o silêncio que se operou foi profundo e soturno.

## O DIA EM QUE PATRICIA FEZ UMA REVELAÇÃO

Wagner Merijje

Patricia acordou diferente. Parecia normal, porque ela nunca acordava igual. Mas estava diferente. Patrícia achou estranho. Mas como acordou sozinha, não tinha como ter certeza.

Foi para o banheiro olhar-se no espelho. Voltou ao quarto, quis ver-se por inteira. Na porta do armário um espelho maior. Olhou pouco, quase nunca gostava do que via, não se identificava. Na cabeça dela passava um monte de coisas. Eram muitas coisas difíceis de caber dentro e fora dela, muito menos em qualquer espelho.

Enquanto escovava os dentes, olhou para a boca, para os olhos, para o nariz, para a testa, para as orelhas, para o pescoço, para os cotovelos. Parecia cansada. Patrícia então lembrou-se que nem dormira, que havia passado a noite quase toda às claras, mesmo com o quarto todo escuro e deitada na cama grande, gostosa, boa de dormir (e de namorar e passar bons momentos).

Sorriu, Patricia sorriu, sabia ser capaz de certa forma ser feliz. Voltou ao quarto e se jogou na cama novamente. Ela gostava de pensar quando estava na cama, gostava de criar enquanto dormia e sonhava. E quando criava dava vontade de criar mais, de pesquisar, de estudar, de compreender... e quando via, já passava da hora de dormir.

Patricia era assim desde pequena, contava a mãe,

aquela ali no porta-retratos da mesinha de canto cheia de estilo. Fotos da mãe, dos amigos e de momentos especiais se espalhavam por toda parte no apartamento.

Todo dia que acordava lá pelas onze horas e ia tomar café na cozinha americana, Patrícia dava uma volta pelo apartamento todo, olhando nos detalhes da decoração que ela mesma planejou e cuja execução comandou.

Depois do pequeno almoço, com variedade de guloseimas, algo lhe disse que ela precisava de algo mais forte. Abriu uma cerveja e foi para o sofá.

Quando estava na sala, tinha todo um ritual. Punha uma música para tocar, acendia um incenso, passava os pés pelo carpete e depois ia folhear alguns livros. Nas paredes uma bela coleção de obras de arte contemporânea.

Preferiu daquela vez pular algumas etapas e se deixou cair de costas direto no sofá. Ajeitou o corpo, deu mais um gole na cerveja e ficou olhando para uma foto num quadro. Merecia um ensaio sobre a contemplação, se ela fosse ensaísta. Mas não era o caso. Dava aulas de direção cinematográfica. A Semiótica era sua poiesis.

Estranho, mas Patricia sentiu-se meio descompassada, o coração estava batendo rápido como na hora de começar a fazer um novo filme. Ela estava sentindo-se meio sem direção.

Levantou e percorreu todo o apartamento, canto por canto, contando os metros (noventa e oito). Cada pedaço ali tinha um significado para ela. Sorriu e uma lágrima caiu. Estava muito emocionada. Se a chamassem de Helena, um nome que lhe veio à cabeça, ou Clarice, nem ia achar estrando. Tinha horas que ela saía de si e se via em outras pessoas. Pensou: “Deixa rolar, hoje eu vou tirar uma folga!” Trabalhava tanto, que podia curtir se dar o luxo de um dia diferente.

Quando olhou no relógio, já eram três da tarde.

Resolveu trocar a música, beliscar alguma coisa, fazer uma caipirinha, viver algo que nunca havia vivido... Mas o quê?

Um banho, um banho porque Patrícia amava água, era como uma patinha, adorava ficar debaixo da água quente até sentir a pele esfolar de calor. Esse era um dos motivos que a fazia abdicar de morar em algum país frio. O sangue espanhol que se misturou nos trópicos criou seres com caras e corpos de europeu e temperamento hodiophilense. Na hora do banho ela sentia aquilo na pele, imaginava o frio e derretia-se no calor.

Uma toalha felpuda, um aconchegante roupão e ela estava pronta para se conectar. Naquele canto da casa ela costumava passar horas na frente de seus *gadgets*, quer dizer, o *macbook*, o *ipad*, o *iphone*, ligados a mesas de som com microfones.

Mas hoje não. Ela estava mais para não fazer nada.

Aproximava-se das sete da noite e ela estava cada vez mais diferente. Um evento, uma chamada, um e-mail?

Mas não, tinha aquele apartamento imenso que ela mesma havia montado, que tornara-se um lugar sagrado para ela, uma verdadeira pátria para Patrícia, do latim *patricius*, que significa “da classe dos patrícios”, “nobre” ou “da pátria”. Patrícia, ela gostava do nome, achava que combinava com ela, ajudava a compreender quem era a pessoa por trás da identidade.

Na parede de azulejos espanhóis pensava em pendurar algo com uma moldura branca e antiga, algo como ela havia visto na última viagem que tinha feito. Tinha que ser algo que as visitas logo notassem, a intenção dela como mulher emancipada era quebrar barreiras, preconceitos, estereótipos.

Podia parecer ser meio louca, e quem não parecia? Por outro lado, se sentia equilibrada, havia feito doze anos de terapia, devia servir para alguma coisa.

Nove da noite e ela queria ler um pouco de Clarice Lispector, tinha alguma coisa diferente naquele coração que ainda batia descompassado. Como é que se escreve? Que é que se diz? E como dizer? E como é que se começa?

Elocubrava: posso beliscar alguma coisa leve, ver um filme, fazer uma nova caipirinha, tomar outro banho, me olhar no espelho, passar um creme, responder um e-mail, terminar um projeto, alimentar um amor, cuidar de uma casa, ter uma família...

Eram tantas coisas para pensar e ela sabia que podia fazer muito mais, quem sabe Pilates, CrossFit, Rally, escalada, uma (outra) viagem pela Índia ou, quem sabe, uma viagem ao redor do mundo antes que o mundo acabe, quem sabe um dia ter um filho, morar na praia, ter uma ONG, uma obra social...

Onze e quarenta e Patricia sabia que precisava fazer alguma coisa para se acertar. Sentou-se no vaso sanitário, coisa que não havia feito durante todo o dia. Alguma coisa entalada, alguma coisa que ela estava para desembuchar fazia tempo.

“Patricia! Patricia! Patricia!” Ela repetiu com o coração na boca. O dia e a noite eram de Patricia, mas ela não era dona do sentimento que a fazia sentir-se diferente. Ela queria ser prática. Ela se esforçava. Já conhecia cada canto daquele imóvel, estava na hora de conhecer cada parte de si.

Uma lua cheia, dessas imensas, muito próxima, invadiu tudo com luz e força. E inundou Patricia de energias novas e ela sentiu-se pronta para ser forte de novo. Pronta para orientar o vulcão dentro dela para que ele derramasse sua lava na direção certa. Para nascer de novo, é preciso primeiro morrer.

Ela foi até à janela, o roupão aberto, muito calor. E ela não mais se conteve, abriu os braços, esticou a cabeça na direção da lua, abriu bem a boca e de lá bem do fundo veio um grito grave, forte, intenso, longo:

— Eu me amo, eu me quero, eu sou o que sou e vou morrer assim!

E a voz de Patricia ecoou por toda a Hodiohill, que ficou muito mais intensa e vibrante naquela noite. Como nunca antes. Ah, Patricia!

Extenuada, ela correu para o quarto e se enrolou no lençol branco como se o pano fosse alguém jovem, quente e forte.

Antes de adormecer, Patricia olhou no relógio novamente. Um novo dia havia começado.

## EM MIM TODOS OS SONHOS DO MUNDO

Hermano Diego tinha em si todos os sonhos do mundo. Assim sendo, resolveu pegar uma camiseta branca velha e pintar a frase de Fernando Pessoa. Na frente e atrás.

Quando terminou, deu um beijo na mãe, tomou um copo d'água e despediu-se, dizendo que ia encontrar-se com uns amigos.

A mãe, que na noite passada tinha tido um pesadelo em que via um corpo boiando inerte numa piscina, achou estranho, sentiu um negócio esquisito no peito, mas se limitou a dizer:

— Se cuide, meu filho!

O encontro com os amigos daquela vez tinha um propósito definido: protestar. Protestar contra as arbitrariedades em Hodiohill.

Isso mesmo: arbitrariedades. Uma palavra tão cabulosa como essa só pode ter sido inventada em tempos difíceis. Basta repetir: arbitrariedades. A coisa é tão louca que nunca é uma só. São arbitrariedades.

Quando ele chegou no ponto de encontro, já estava em pé de confronto. Na verdade, precisava pouco para isso. A PosPol está sempre esperando a deixa. E alguns vão para o sacrifício.

Passou pelo aglomerado de gente e sentiu a ansiedade no ar, infiltrou-se no meio, chegou na linha de frente.

Parou. Olhou. Acomodou o corpo. Estava de frente para a tropa de choque da PosPol, precisava manter a calma. É treta! Impossível a perna não tremer e o suor não brotejar na testa.

Começou a contar: um, dois, três, seis, oito, treze, dezenove policiais, quantos são, peraí, trinta e três, quarenta e quatro e vem chegando mais. O que está a acontecer mesmo? Qual é meu nome, Hermano ou Diego? A mente turva, a cabeça a milhão, ele na linha de frente do confronto.

A essa hora a mãe, que assistia TV, já estava recebendo flashes do protesto dos estudantes contra o fechamento de escolas. “A situação está tensa”, anunciava uma repórter. E as câmeras mostravam os estudantes sentados em carteiras, no meio da avenida, impávidos, silenciosos, resistentes como Gandhi. “Nunca país algum se elevou sem se ter purificado no fogo do sofrimento.”

Do outro lado, num mar de luzes de viaturas, um batalhão inteiro de policiais, com cavalaria, cães, jatos d’água, blindados, motocicletas, arsenal pesado. Todo mundo rangendo dentes. Movimentações. Palavras de ordem. Ameaças. Negociações. Tempo arrastado.

Nestas horas o inesperado acontece sempre. Um cachorro escapou da mão de um dos guardas e saiu correndo como um foguete. Voou no primeiro que viu. No pescoço. Como um tiro seco. Os estudantes gritaram. Os policiais foram para cima.

A mãe chegou na hora. Que hora é essa, Hermano ou Diego? Hora de se despedir, mãe!

Mães! Filhos e mães, em pedaços, sem ninguém poder fazer nada. Filho. Um filho. Só quem tem filho sabe o que é mexer com um filho seu:

— Onde está meu filho? Me dêem meu filho de volta! Vocês mataram meu filho!

Ela gritava, ajoelhada aos pés dele. O que ela disse quase ninguém ouviu. Outras mães iriam se juntar a ela logo depois. Em meio a muita violência. Muita mesmo.

E eram só estudantes, es-tu-dan-tes! Jovens! Futuro de Hodiohill!! Todos os sonhos do mundo e alguns mais, protestando contra o fechamento das escolas deles. Nada mais justo! E a PosPol atacando, acatando ordens.

— Por que matam as pessoas? - pergunta o sociólogo.

— Quem é que autoriza tudo isso? – indaga a professora.

As respostas, envergonhadas, se ajoelham e rezam pelas almas perdidas.

Oh, Clarice! Porque há o direito ao grito, então eu grito.

## HACKER

A jovem advogada Ângela Cruz estava arrasada. Um jovem como ela havia sido morto na frente dos seus olhos e de centenas de outros e ela não pôde impedir. O mais insano é que, fora ela, ninguém protestou, todos os curiosos e envolvidos naquela cerimônia macabra se assemelhavam com lobos em choque, paralisados, sem reação diante da presa sendo executada.

Ao chegar em casa, abriu o computador, fez *login* na rede, e logo foi fisgada pelo primeiro *link* que apareceu, onde se lia:

“As disputas de territórios físicos e virtuais são intensas em Hodiohill. Nham Bickuaran, de 19 anos de idade, foi um dos hackers mais caçados nos últimos tempos. Cyberativista, ele ficou conhecido depois que seus feitos vieram a conhecimento público e seu nome entrou na lista dos procurados pela PosPol. Sua carreira foi como um flash, mas ainda assim capaz de tirar o fôlego.

Capturado nas montanhas de Hodiohill, ele foi extraditado para os EUA e condenado à morte por se recusar a colaborar com seus acusadores.

Entre suas proezas, o jovem hacker conseguiu entrar nas contas de milionários e banqueiros em 517 bancos ao redor do planeta, desviando a quantia de 24 bilhões de euros, um montante fabuloso que ele compartilhou com várias organizações não-governamentais em África, na Ásia e

América Latina. Só para Hodiohill foram enviados mais de 10 mil milhões de euros.

Nham Bickuaran invadiu também sites de embaixadas e chancelarias de países europeus, chegando a conceder vistos a vários jovens hackers ameaçados em seus países.

Uma de suas realizações mais significativa foi hackear os sites dos serviços de inteligência de Hodiohill e repassar à resistência clandestina informações vitais sobre deslocamentos de tropas nos territórios hodiohillenses ocupados, bem como nomes de pessoas que estavam na lista para serem presas.

Pendurado pelo pescoço por uma corda presa num guindaste, numa praça cheia de curiosos, Nham se despediu com um sorriso no rosto e um aceno de mão, antes de um soldado retirar o apoio de seus pés. A corda que estrangulou seu pescoço cobrou-lhe o preço pela solidariedade internacional.

O jovem filho de Hodiohill, nascido na cidade de Zoumba, é um mártir dos povos que lutam por liberdade nestes tempos líquidos e digitais. Foi alçado à condição de herói e seu nome ficará gravado a ferro e fogo nas nuvens e na lembrança dos combatentes e revolucionários.”

Ao terminar de ler aquele *post*, escrito por alguém que ela não conhecia, as energias de Ângela Cruz despencaram.

Alguns minutos depois, quando despertou e conseguiu abrir os olhos, ouviu uma voz vindo de dentro do computador:

— Excelentíssima Justiceira, a senhora está sendo notificada pela sua própria consciência. Gostaríamos de saber o que levou uma advogada renomada como a senhora a defender aquele hacker por livre e espontânea vontade, sem receber nada por isso?

— Ele era bom! Fiz porque a luta em que ele se envolveu, tão sem recursos, foi tão grande, que eu senti um impulso de conhecer aquela pessoa! Mas não me venha condenar! A justiça foi feita!

— E ele foi para o céu?

— Não sei, só quero que me deixe em paz, seja lá quem você for. Me deixe com meu luto e minha derrota! E deixe o mundo sangrar sobre suas cicatrizes!

— Sua retórica precisa ser aprimorada.

— Retórica... Somos todos reféns de nossas retóricas, somos todos reféns de nós mesmos. Basta!

## A VELHA PRESENÇA

Acordou tarde. Tarde para quê? Não tinha relógio, telemóvel, rádio, TV ou computador, para saber. O quarto estava em silêncio, umas listras vazadas da cortina balançando na parede.

Lá fora não se ouvia mais do que um longínquo ruído de cidade morna. Virou-se de barriga para baixo, a cara apertada no travesseiro, fechou os olhos de novo e ficou quieta.

Lentamente deslizou as mãos para o lado. Queria sentir presença. Como se o toque a pudesse levar ao encontro da plenitude, daquilo que viveu e do que sonhou viver.

Como a primeira roda gigante. Com luzes coloridas que piscavam. E a vontade de rodar naquela novidade, bom para vencer o medo das alturas.

Como as massagens que em casa uns faziam nos outros. O toque sempre foi importante para toda a família. Diziam que eram mãos mágicas, santas.

A primeira discoteca com os primos e primas. As músicas que faziam todos procurar um par ou entrar na coreografia, jogando os braços para o alto.

Levantou-se, abriu a janela, realmente o mundo estava parado, foi à casa de banho, tomou um café, leu notícias, fumou um cigarro e chorou. Chorou como uma criança sentindo-se profundamente só. Chorou por ter sido só por toda a vida.

Mas se ergueu em seguida. Precisava dar um beijo

melhor na vida. Sim! Vibrou, pouco, mas vibrou. Ainda havia tempo. Melhor se ela estivesse descansada.

Tornou a deitar-se, cobriu-se com uma manta e um cobertor. Fechou os olhos e então viu um jardim repleto de borboletas. Imóvel, tentava fixar-se nas imagens que lhe agradavam. Foi quando bateram à porta.

— Toc! Toc! Toc!

— Estou! Quem é? - perguntou com uma voz fora de lugar. Não se lembrava de esperar por ninguém.

— Toc! Toc! Toc!

— Pode se apresentar?

— Chegamos! Viemos conforme o combinado. A senhora ligou lá para a empresa, contratou nossos serviços. O dia chegou! - respondeu uma das vozes lá de fora.

— Quem são vocês?

— Abra! Vai ser rápido!

A velha se levantou, passou a mão nos cabelos, calçou as chinelas e saiu arrastando pelo piso de madeira. A menos de um metro da porta parou e pensou que estava delirando ou agindo como uma sonâmbula.

— Abra, minha senhora, não temos o dia todo! - disse a primeira voz de homem.

— E a senhora já pagou, não vai pagar mais nada! - completou a segunda voz, de mulher, em um tom melancólico.

— Não? Mas então eu já liquidei a fatura?

— Sim! Está tudo certo!

— Agora é a nossa parte, estamos aqui para executar o serviço.

— Me dá mais uns minutos.

— Está nua?

— Não! Não! Preciso tomar um remédio para a dor de cabeça.

— Não se preocupe, temos tudo em mãos!  
— Mas... e o comprimido que o médico recomendou?  
— Já temos tudo em mãos!  
— Certo! Certo! E como é o nome da empresa, podem confirmar para mim?  
— Eutanásios & Irmãos Sociedade Anônima.  
A velha senhora, então, teve certeza do que se tratava.  
Não lhe restava nada mais a fazer.

## CENAS DE UM HOSPITAL

A vaidade e o orgulho são coisas diferentes, embora as palavras sejam frequentemente usadas como sinônimos em Hodiohill. Isso gera uma estranha sensação quando damos uma olhada num hospital.

Dario, 30 anos, vendedor de livros, chegou ao Hospital Público às 22 horas. Foi levado de carro pelo irmão.

Juliana, 18 anos, atendente numa lanchonete, procurou o hospital em busca de um remédio para se livrar da cólica fatal. Desceu do carro velho do vizinho na porta do local às 22h17.

Uma bolada no estômago durante o futsal levou Ricardo, 19 anos, estudante de Engenharia, ao HP, onde chegou de taxi às 22h19.

Taquinho, 14 anos, traficante, tomou uma paulada às 22h30 da mãe da namorada dele, que não o queria ensinando coisa errada para a filha. Teve a cabeça partida e precisou ser levado às pressas para tomar pontos.

Gentil, 39 anos, professor, teve uma paragem cardíaca enquanto caminhava na rua e, se não tivesse sido socorrido por um estranho, poderia ter morrido ali mesmo.

Vanilce, 17 anos, caixa de uma loja de peças para tratores, cortou o polegar esquerdo às 22h43, enquanto preparava um bife de fígado de boi para forrar sua marmita do dia seguinte.

Leonardo, 11 anos, teve um crise de asma como nunca antes. A mãe e o pai correram com o menino para o hospital, onde chegaram às 22h50.

Sandra, 50 anos, enfermeira, Roberto, 27 anos, médico recém-formado, Márcia, 30 anos, médica, estavam no meio de um dos plantões mais movimentados dos últimos tempos.

Antônio, 42 anos, motorista de ambulância, completava a sua quinta viagem desde a hora em que havia começado a trabalhar.

Luciano, 31 anos, operador de maca, já estava com os braços doendo de tanto carregar gente que chegava.

Saldanha, 26 anos, soldado, e Diniz, 28 anos, sargento, registravam a 20ª ocorrência de acidentes com feridos no turno de serviço na delegacia instalada perto da entrada. Alguns casos eram bastante graves, anotaram.

Era quase uma da manhã quando Marlene, 44 anos, atendente de enfermagem, registrou o parto em regime de urgência de Pedro e Pâmela, gêmeos que nasceram de uma das pacientes ali internadas. A mãe, Débora, 42 anos, maquiadora, que havia caído da escada horas antes, não resistiu e veio a falecer minutos depois. Ralf, 45 anos, produtor e pai, não segurou o choro nem as lágrimas.

Toda noite era um entra e sai ali do Hospital de Hodiohill.

Dona Neusa, 64 anos, aposentada que vivia do outro lado da rua, só conseguiu dormir depois de as três filhas solteiras chegarem na casa.

Carlos, 24 anos, publicitário desempregado, e Amora, 22 anos, formada em Farmácia, não chegavam a se divertir com a movimentação bem em frente à janela de onde moravam,

mas parecia que já haviam acostumado. Fizeram amor mais uma vez até depois da meia noite, ouvindo um som que se misturava com o barulho das sirenes.

Aloísio, 29 anos, vigia, passava as noites na guarita do prédio vizinho sonhando acordado em passar no concurso para porteiro do Hospital Público. Para ele seria como viver várias vidas! Enquanto esse dia não chegava, ia estudando entre uma cochilada e outra. Uma frase que leu em uma das apostilhas ficou grudada na cabeça dele: “Um hospital é um corpo e um coração lutando pela vida no meio do caos e da dor...”

## TEIAS

— Demorou, hein!

— Demorei?

— Estava fritando na cama há umas boas horas, que eu sei.

— Como você sabe?

— Aliás, desde que você chegou nesta casa, eu senti o cheiro, parece um bife a fritar ininterruptamente!

— Ih, já fazem uns meses. Para ser sincero, uns anos! Mas quem é você?

— Euzinha? Uma aranha, não está percebendo?

— E o quê você está a fazer aqui na minha sala a esta hora?

— Também sinto que estou a fritar...

— Não me diga!

— É, eu até estava de boa. Mas desde que você veio para este apartamento as coisas começaram a mudar...

— Desenvolva.

— É que... como dizer... eu sou sensível à insensibilidade, e sei que há muita por aí, especialmente por parte dos que estão à sua volta.

— Interessante esse caminho que você está pegando.

— Sei que você tem uma “stillness of heart”, mas percebo sua inquietude, sua solidão, sua incompletude...

— Pois... você quer me fazer chorar a essa hora?

— Não, pára! Sua filha vai se assustar se ouvir o pai a chorar. Vem cá, dá cá um abraço, três minutos de um bom abraço é um baita curativo.

— Poxa, como se pode esquecer a importância de um abraço?! Com tantos braços que você tem, só podia ter um abraço gostoso! Me dá outro?

— Sim, mas olha, lembre-se que eu sou uma aranha, que ando em teias, pulo de uma janela a outra, subo pelas árvores e telhados...

— Oi, oi, já percebi, queres manter distância. Tá tudo!

— Acho que nós dois estamos precisando relaxar e cuidar dessas nossas ansiedades.

— Auto-estima baixa, será?

— Pode ser, mas o buraco é mais embaixo! Tem a ver com um monte de coisas, por trás de tudo está mesmo essa sensibilidade aflorada e aguçada. Afinal, pelo menos estamos na estrada do aperfeiçoamento.

— Ei, demorou a gente se encontrar!

— Toma, dá um trago para você relaxar!

— Uuouou...

— Isso, respira, deixa as energias boas entrarem de novo no seu coração. Pensa leve, seu pensamento é um filtro, tem que ficar nele só o que é bom! Luz! Fluidez! Amor próprio!

— Por quê você está sendo tão agradável comigo a esta hora, Senhora Aranha?

— Moramos sob o mesmo teto, temos que nos consolar, nos ajudar, não acha?

— Entretanto, a senhora não tem medo de mim, nem eu da senhora, e isso é bom sinal!

— Ótimo! Além do mais, sei fazer um cafuné extraordinário! Queres ver e sentir?

— Please! Posso deitar minha cabeça no seu colo?

— Pode!  
— Mas, pensando bem, já está tão tarde... acho que é hora de voltar para o meu quarto...  
— Mas, já?  
— Antes eu vou escovar os dentes novamente.  
— Se estás a sentir-te melhor, é o que importa!  
— Sim, sinto um certo alívio...  
— Agora que sabes que podes contar comigo, não fiques fritando tanto.

Depois de dizer isso, ela pegou-me pelas mãos e me conduziu até à casa de banho. Colocou pasta na minha escova, lavou meus dentes e secou minha boca com a toalha.

Com um gesto delicado, ela me carregou no colo e me levou até a cama. Em silêncio, com muito cuidado, ela ajeitou meu corpo, me cobriu, e se despediu com um beijo suave em minha testa.

Fechei os olhos e, relaxado, finalmente consegui pegar no sono.

## A DESADAPTAÇÃO DE P e H

Queremos, tentamos controlar a situação, ou seja, estar em domínio do sentido da narrativa, mas partilhámos da mesma perdição face ao modo como o tempo deixa de obedecer a uma lógica humana; o tempo que confere sentido à vida e às suas rotinas e que se dilui. “Estão a viver em Hodiohill?” “Salve-os Deus...”

Nessa perdição de sentidos, passamos a ser todos cúmplices. Um e outro, temos a mesma perplexidade face à derradeira frase escrita sob a imensa ponte estaiada: “Ó, vós que entrais, abandonai toda a esperança.” “Vá-se embora depressa.”

— Adaptar-se a Hodiohill é quase impossível para uma pessoa normal! - comentou H.

P disparou a rir.

H não entendeu e olhou para P com cara de espanto.

— Por nada! - retrucou P, que estava de bom humor.

— Me conta a graça? - pediu H.

— É que em Hodiohill uma coisa que aprendi é que, se olho a vida com humor, isso deve ser passado às pessoas que estão ao meu redor. - disse P.

— E a depressão?

— Depressão, a insegurança no trabalho, a insegurança fora dele, a precarização das relações sociais, a ansiedade, a ansiedade de status, a ansiedade de *likes*, a bruta sensação de se sentir longe e perto ao mesmo tempo de tudo e de ninguém.

Mas parece que muita gente hoje tem uma relação neurótica com o humor! Sem humor, acho que não vou nunca conseguir me adaptar a Hodiohill ou a qualquer outro lugar! - falou P, com um tom melancólico na voz.

— É uma pena que muita gente ainda não percebeu o desígnio mais importante: o coletivo. Uma sociedade que é capaz de garantir alguma estabilidade econômica permite que as pessoas estejam mais relaxadas, que se desliguem de preocupações financeiras e sejam capazes de planejar o seu futuro. Isso não erradicará todos os sentimentos negativos, mas estes não serão activados ou exacerbados pelo realismo capitalista. - rebateu H, no mesmo tom.

P e H, de pés na terra e cabeças nas nuvens, passavam horas a conversar pela casa.

A vida morde, a vida estraçalha. O mundo é um moinho. Desfrute a busca coerente de manter-se apenas no presente. E assim ganhe o seu viver! A matéria vai dormir, a alma vai fluir, parte fica na coberta, a outra sai para a descoberta.

— É preciso entreter, ser irónico. Mas se o nosso pai for um padre, não há lugar para piadas! - lembrou P.

Atento ao lado mais insólito da existência humana, aos detalhes que conferem perplexidade e inquietação diante do real, H manifestou-se:

— Às vezes eu tenho a impressão que quem criou Hodiohill se inspirou em *A Maldição de Hill House*, de Sherley Jackson, ou em *The Willows*, de Algernon Blackwood. Há fantasmas, mas os fantasmas estão lá por outro sentido. Sabe como?

— Se o tempo já não é fiável, então o mundo transforma-se, deixa de haver lógica para as coisas e esse é o verdadeiro horror.

— A ideia de que as pessoas estão sempre a enganar-se umas às outras, fascina-me. Tudo o que aconteceu no contexto do que chamamos História humana é tão remoto e, num certo sentido, tão mítico... - completou ela.

Depois de alguns minutos de silêncio, H começou a assobiar um rock antigo. Mas ele não se lembrava da letra e tinha dificuldades em simular a melodia. P tentou acompanhá-lo. A gata da casa, Carolina, aproximou-se e enroscou na perna dela, ronronando.

P pegou a gata no colo e começou a passar a mão pela barriga da felina. Baixinho, como se não quisesse acordar ninguém, ela sussurrou:

— Podemos entender, mas continuar a achar que as pessoas são ridículas. Empatia em alemão é uma ótima palavra, *mitleiden*, que significa sofrer com. Estamos num momento sensível! Apesar de eu saber que empatia é atualmente uma palavra armadilhada quando aplicada a Hodiohill, creio que é necessário mais empatia.

— Tu tens uma poderosa força realista!

— Isso é uma declaração de afeição?

— Acho que viver em Hodiohill tem me ajudado a definir-me mais como estrangeiro, como estranho no ninho. Eu sei, todos somos estrangeiros em algum lugar. Estou certo de que sabe do que estou a falar, as diferenças entre Hodiohill e os outros lugares são grandes, e quanto mais tempo se passa aqui, mais percebemos isso.

— Às vezes eu me pergunto como é que duas pessoas como nós foram se encontrar na sala de embarque de um aeroporto. Que história é essa, quem é o roteirista, haverá final feliz? - indagou P, encostada na janela, de costas para a rua.

— Tem vida aqui dentro... - disse H, colocando a mão direita na altura do coração. - e tem vida lá fora. Só nos resta viver o que tiver para viver!

# LIVRO III

A vertigem é uma  
constante em  
Hodiohill

## A DANÇA DA SOLIDÃO

Dor, violência, tristeza, desesperança, solidão, quem aguenta isso? Enquanto há os que cantam que não existe amor em Hodiohill, outros correm pelas madrugadas afixando cartazes e pintando stencils com frases como “O amor é o x da questão”.

O exército dos solitários e infelizes é cem vezes maior do que o dos que lucram com esse desamor vendido em garrafas, latas, pinos de plástico e em maços como cigarros.

E por quê não há protestos maiores nas ruas? E por quê as pessoas parecem tão paralisadas? Será o tal gás que inibe as pessoas de pensarem e tomarem atitudes? Será que este gás está sendo usado massivamente em Hodiohill?

Fazer amor com H deixava P leve. Da casa de banho ela veio dançando seguindo o rastro da luz do sol que entrava por uma janela do quarto e saía pela outra. Usava apenas uma camisola transparente e cantava sem acompanhamento uma canção que ouvira acidentalmente, e que logo a envolveu pela elegância do cantor, pelo ritmo marcado com caixinha de fósforos e pela letra simples e direta:

— Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim. Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.

— Uhu! Showtime!

— Meu mundo é hoje, não existe amanhã para mim. Eu sou assim, assim morrerei um dia. Não levarei arrependimentos nem o peso da hipocrisia.

H, os antebraços a escorar seu dorso nu por sobre a cama, entrou no clima:

— Te amo, P! Sou teu admirador!

— Tenho pena daqueles que se agacham até ao chão...

Nesse momento, P troca os passes de aprendiz de sambista pelo movimento das popozudas do funk e desce rebolando até ao chão. P se empolga, ajoelha sobre o lençol, enfia um dedo na boca e o chupa, olhando todo voluptuoso nos olhos e no corpo de P, que sensualiza ainda mais, sacando a camisola e a jogando na direção de H, que a agarra ainda no ar.

— Enganando a si mesmo por dinheiro ou posição. Nunca tomei parte desse enorme batalhão, pois sei que além de flores, nada mais vai no caixão. Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.

Da beira da cama, P pulou na direção de H, que a tentou segurar, mas sem sucesso. A madeira do estrado da cama fez barulho de que não aguentou o tranco e se partiu, afundando com os dois, que desabaram a rir.

Quebrado estava, quebrado ficasse, os dois se abraçaram e se beijaram com todo o desejo do mundo. E se lamberam, se engoliram, se amassaram e se amaram com calma e profundo prazer, como se não tivesse hora nem dia para acabar.

E assim ficaram até tarde. Até a noite ir pelo meio rumo a madrugada.

H estava enfeitiçado, e aproveitou a ocasião para fazer uma pergunta que o cutucava:

— Por quê a gente nasceu gay, hein?

P fez que não entendeu,

— Vai, arrisca, diz algo lá – desafiou H.

P fez um sinal com a mão, a querer dizer, deixa de ser tolo, cala-te, para quê racionalizar nessa hora em que estamos relaxados, e voltou a cantarolar:

— Pois sei que além de flores, nada mais vai no caixão.  
Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.

Era aquele “q” de geminiano que H tinha. Por outro lado, P tinha um “q” de sagitário também.

P prosseguiu, como a dizer, olha, presta atenção aqui:

— Meu mundo é hoje, não existe amanhã pra mim.

— Sabia que nós seremos, provavelmente, uma das últimas gerações de Homo Sapiens. No próximo século ou dois, os seres humanos ou se destroem a eles mesmos ou evoluem para algo completamente diferente.

— Com efeito, entregar-se a toda forma de prazer é uma completa irracionalidade, mas fugir a toda forma de prazer é também uma insensatez completa. O sexo torna-se um veículo para a libertação do corpo e da mente, e não uma mera fonte de prazer carnal e subjugação.

H não precisava ouvir mais nada. Só queria beijar muito aquela boca:

— Vem cá, eu te amo, amooooooooo.... muitooooooooo....  
vem, me dá cá um beijo com essa sua boca linda! E não pára nunca mais!

## PREPOTÊNCIA

Desejos não são proibidos nem impossíveis em Hodiohill, ainda mais para os jovens de Prepotência, uma província mais ao sul.

Com o que estás sonhando? É um sonho, é um sonho! Diante de alguns olhos as palavras são sons tentando acordar, com força, com tristeza contida, com corações penetrados de flechas e anseios. Braços achatados, teias de aranhas, plenitude da pele, mitologias sensuais.

Um brinde ao culto, ao belo e ao inalcançável! As dores da solidão são pura sutileza, expressiva lascívia, perturbadora consciência da passagem do tempo, do vazio existencial que permeia nossas relações humanas.

Inebriado em seus desejos, Gustavinho passou muitos anos com uma palavra a tilintar na cabeça: gueixa. E quando ela vinha ao topo de seu cérebro, sentia-se desperto por completo, mergulhado em arco-íris.

O corpo era o recanto dele, adormecia a contemplar a necessidade de conhecer uma gueixa. Ela vinha de braços abertos, abraçava-o, e ele como num consolo fugaz do prazer, entregava a ela toda sua vida. Sono semi-eterno.

E quando acordava, parecia um cavalo insensível, pronto para derrubar o maior vaqueiro de suas costas e sair cavalgando como um louco pelas pradarias.

No entanto, o perigo era ele nunca encontrar uma gueixa, pensava, ainda imberbe, ainda a ter mais vida nas

descobertas de dicionários de japonês do que no habitat de seu mundo ocidental.

Veza por outra Gustavinho se prometia que um dia ia expulsar o vazio da solidão e domar o desgosto do intocável. Nesse dia, ele alcançaria a glória após a morte, que meninos também pensam em caminhos e despedidas. Mergulhar na surpresa, atiçar a curiosidade das pessoas, receber o que há a oferecer. Não era possível calcular o quanto ele teria de prazer, mas ele apostava alto nisso.

Na sociedade japonesa, as gueixas são mulheres que se dedicam às artes e à preservação das tradições milenares. São cultas, dominam o canto, a dança, a música e a poesia. E, por isso, sua presença sofisticada é apreciada pela elite local em festas e recepções. Elas são parte fundamental da cultura japonesa desde o final do século XVII. Cortesãs de lábios vermelhos em forma de coração e pele branca, as gueixas carregam mistérios que até hoje fascinam e seduzem pela postura elegante, passiva e recatada, mas ao mesmo tempo sedutora.

Uma gueixa diz muito, mesmo que não seja em palavras; mostra muito, mesmo sem se despir. É daquelas sensualidades silenciosas e cheias de segredos bem guardados a sete chaves. Entretanto, uma gueixa não é mulher submissa, seu objetivo na vida não é satisfazer um homem. Gueixa que é gueixa não se casa, vive em sonhos vivos, em existência muito independente, tão anônima quanto for possível.

Nunca pergunte a uma gueixa qual o seu nome verdadeiro, qual sua identidade. Elas provavelmente se farão de desentendidas. Isso ajuda a dar-lhes um ar de mistério, faz com que os homens fiquem ainda mais fascinados.

Na fantasia daquele macho alfa, aquilo tudo vinha sendo repassado há anos, noites e dias. Entretanto, para ele, encontrar uma gueixa não era apenas a realização de um desejo profundo, significaria a conquista do império do oriente por dentro.

Passados alguns anos, a roda da fortuna girou e tocou as mãos daquele jovem homem branco, ele ficou poderoso depois que inventou uma nova fórmula de lavar dinheiro.

Um dos seus primeiros feitos foi reservar a suíte de um hotel famoso e ligar para um número mágico que um amigo lhe passara, com as melhores recomendações e garantia de satisfação.

Três garrafas de espumante em balde de prata com gelo logo foram servidas na suíte vermelha, mais lagosta e caviar.

Pouco tempo depois bateram na porta, ele foi abrir, eram dez lindas gueixas, prontas para massageá-lo de cima a baixo.

Que delícia!, pensou alto, vinte mãos de gueixas lindas apertando a pele e a carne dele. – Sou livre! Sou poderoso! Sou rico!

Enquanto elas entravam com suas maletas de óleos e uniforme especial, ele se permitiu fechar os olhos em busca de ampliar toda a sua força e sua condição de homem, predador, realizador pleno de desejos e sonhos, na máxima condição de príncipe da prata!

No instante seguinte, ao fechar a porta e se voltar para dentro, viu seu reflexo no gigantesco espelho sobre a cama, e não gostou do que viu, pois era um rosto duro e completamente sozinho, desterrado numa terra desconhecida, como um explorador solitário sem bússola nem mapa.

Deu uns goles no espumante enquanto as gueixas arranjavam tudo e, sem demora, deitou-se sobre a maca que uma delas havia preparado.

O dia D havia chegado. Basta! Já temos o inferno no coração! Viva o novo rei!

Gustavinho de olhos fechados, cada poro de sua pele sendo estimulado por mãos quentes e óleo penetrante, o céu.

Acontece que a mão direita boba dele começou a escorregar pela cintura fina da jovem mulher de bunda magra que lhe acariciava o peito. E, sem se impor limites, seguiu fazendo movimentos de agarrar e soltar, de alisar e beliscar, seu rito de misturar realidade e imaginação.

Aquelas mulheres eram excelentes cumpridoras das funções que lhes cabiam – massagistas profissionais escolhidas entre a comunidade japonesa de Hodiohill. Mas não eram mulheres fáceis, usáveis e manipuláveis.

Para se defenderem, elas praticavam Ninjutsu, o que lhes agregava qualidades extraordinárias, fora do comum, surpreendentes, pois ser ninja é resistir, aguentar.

— O senhor não tem autorização para se exceder! - disse a gueixa que estava a ser bulinada.

De olhos fechados ele estava, assim continuou e recolheu as mãos. Mas passados cinco minutos, ele começou a tocar no corpo de outra, que a seco repetiu da mesma maneira:

— O senhor não tem autorização para se exceder!

— Prestem atenção, eu tenho muito dinheiro! Relaxem, que a festa está só começando! Eu compro cada uma de vocês e ainda dou um apartamento de troco para cada uma.

— O senhor quer que nós continuemos com a massagem? - perguntou uma delas.

— Não parem de jeito nenhum!

— Está certo, o senhor é o cliente. Sigamos, meninas!

— Isso, estamos nos entendendo! – falou Gustavinho, e desta vez pegou com a mão cheia no peito de outra delas.

É nessas horas que se misturam realidade e imaginação.  
Para quê?

— Senhor, nessas situações somos obrigados a pedir ajuda...

— Não, não e não! Quem manda aqui sou eu!

Gustavinho fora acostumado sem limites, sem noção do perigo, achando que o outro estava sempre à sua disposição. Mas daquela vez ele quebrou a cara.

Aquelas gueixas lindas começaram a bater nele, e quanto mais ele tentava se impor, mais elas usavam suas habilidades de defesa para estancar a virilidade abusiva daquele macho alfa.

Pai do céu, ele não poderia nunca imaginar que aquele sonho que esperou tanto para realizar acabaria de forma tão violenta e melancólica, com ele todo roxo e o corpo partido em mil pedaços.

— Perdão! Perdão! Pelo amor de Deus, me deixem em paz! Suas loucas, suas assassinas! - gritava.

Depois que viram que ele não seria capaz de se levantar e se manter de pé, as gueixas recolheram suas maletas e a maca, e sem dizer nenhuma palavra, se retiraram todas em fila indiana. A última a deixar a suíte vermelha bateu a porta atrás de si.

No meio de um estado de perturbações e alucinações, Gustavinho começou a chorar. Sentido e significado, desejo e necessidade, nunca foram a mesma coisa, mas ele nunca soubera distinguir uma coisa da outra.

E então aquele patético homem viu seu século se apagar em silêncio.

## CABEÇA DURA EM BANDEJA DE PRATA

*Hodiobill, tarde de primavera do nosso ano*

Minha amada flor rara,

Permitirias que eu beijasse tua boca, minha rainha? Bem, eu vou beijá-la agora. Eu vou mordê-la com meus dentes como se morde uma fruta fresca. Sim, eu vou beijar tua boca, Sá. Foi o que eu disse. Ah! eu vou beijá-la agora...

Mas por quê não olhas para mim, Sá? Teus olhos que eram tão terríveis, tão cheios de raiva e desprezo, estão fechados agora. Por quê estão fechados? Abre teus olhos! Ergue tuas pálpebras, Sá! Por quê não olhas para mim? Tens tanto medo, Salomé, que não olharás para mim?

E tua língua, que era como uma cobra vermelha espalhando veneno, aquela víbora escarlate que cuspiu seu veneno sobre mim, já não se move, não diz uma palavra, Sá? É estranho, não achas? Como pode a víbora rubra não mais se mexer? Nada querias comigo, Sá. Me rejeitastes! Dissestes palavras más contra mim!

Bom, não sei se ainda estou vivo, mas você está pálida, desossada, desonrada. Na verdade, tua cabeça me pertence. Mesmo que pareça o contrário. Posso fazer com ela o que quiser. Posso jogá-la aos cães e aos pássaros do ar, de dia ou de noite, a qualquer hora. O que os cães deixarem para trás, os pássaros do ar devoram.

Ah, Sá, Sazinha, fostes a única que amei entre as mulheres! Todas as outras me eram distantes. Tu era bela! Teu corpo era uma coluna de diamante posta sobre pés de ouro; era uma fonte de água fresca em meio ao deserto; era um jardim cheio de canários e rosas de verdade; era uma montanha encantada de vida. Sim, tinhas vida. Nada havia no mundo de tão sublime quanto teu corpo. Nada havia no mundo de tão tocante quanto tua alma. No mundo todo nada havia de tão vermelho quanto tua boca. Tua voz era um incensário que exalava selvagens perfumes, e quando olhava para tu eu ouvia uma estranha música.

Ah! Por que não olhas para mim, Sá? Com o manto das tuas mãos e com o manto das tuas blasfêmias, escondestes teu rosto. Pusestes sobre teus olhos o velame daquele que via teu Deus. Bem, você viu teu Deus, Sá, o ‘Negócio’, a ‘Auto afirmação’, o ‘Egoísmo’, e não mintas mais, por que a mim, a mim nunca vistes.

Se me tivesses visto, tu me amarias. Eu te vi e te amei. Oh, como te amei! Eu te amo ainda, Sá. Amo apenas a ti... eu tenho sede da tua beleza; eu tenho fome do teu corpo; eu sinto o cheiro da flor que eu vi desabrochar. E nem vinho nem ervas podem aplacar o meu desejo. Desejo por ti, Sá, minha flor, meu bebê!

O que devo fazer agora, Sá? Nem as pequenas nem as grandes águas podem saciar minha paixão. Há um oceano profundo sob nossos pés. Eu era um príncipe, e me desprezastes. Era um virgem, e não quisestes tomar de mim a minha virgindade. Era vazio, e enchestes minhas veias de fogo. Era calmo e me tornastes num ajahlá acelerado.

Ah! ah!, por que não olhastes para mim? Se me tivesses olhado, tu me amaria. Sei bem que me terias amado, e o mistério do Amor é maior do que o mistério da Morte (...)

Quantas vezes beijastes minha boca, Sá, beijastes minha boca. Havia um sabor amargo nos teus lábios. Seria o sabor de sangue? Não; mas talvez fosse o sabor do amor. Dizem que o amor tem um sabor amargo... Mas o que importa? O que importa? Beije tua boca, Sá, beije tua boca.

*Do seu enlouquecido e pobre JB*

## ASCENDENTE EM CÂNCER

O caso das mandatárias envolvidas num escândalo sem precedentes voltou aos media. “Não tem coração que não tem uma porta de entrada”, escreveu um colunista misógino e virulento. Um deputado caluniador e corrupto tentou jogar mais lenha na fogueira, ao declarar: “Essas senhoras são uma vergonha para Hodiohill, um péssimo exemplo para nossas famílias.”

A verdade é que elas haviam sido perseguidas. E maltratadas. Mas não só, foram defenestradas.

Tudo começou quando mensagens anônimas enviadas para a imprensa denunciaram que a primeira-ministra, Julia Sant, e a presidente de Hodiohill, Nicole Ker, eram amantes.

Foi um desmoronar de peças como num lego, como um castelo que é tomado pelos invasores, como se o amor fosse em si uma grande traição.

Seus opositores fizeram uma campanha ruidosa e violenta para derrubá-las, obtendo apoio massivo do parlamento, formado por noventa por cento de homens, e de grande parte da população, manipulada para condenar sem piedade os “desvios” daquelas senhoras, mães e avós dedicadas, que até então mantinham uma reputação ilibada, tanto no meio político quanto no social.

Muitas foram as vozes que se ergueram para dizer: “Se o corpo é da mulher, ela dá para quem quiser, inclusive para outra mulher.” Mas, no final, as duas acabaram perdendo seus empregos.

Depois que alguns mal intencionados divulgaram em redes sociais seus endereços e telefones particulares, elas passaram a ser perseguidas por conservadores onde quer que punham os pés. Como loucura pouca é bobagem em Hodiohill, suas vidas viraram um inferno, e elas acabaram tendo que fugir, cada uma por si, sem paradeiro, para evitarem que o linchamento virtual chegasse às vias de fato.

Foram meses e meses de sofrimento, de medo, de fugas, enfrentando todo tipo de ameaça, todo tipo de incerteza, impossibilitadas de se comunicarem uma com a outra por terem certeza de que estavam sempre a ser vigiadas e grampeadas.

Até que um dia, um embaixador amigo, ciente da localização de cada uma delas pelo mundo, ao encontrar-se com a ex-primeira-ministra, ofereceu-se para tentar colocar as duas em contato, em linha sigilosa, como um gesto de amizade, humanitário até. Mas advertiu:

— Minha querida, amo vocês duas e não aguentava mais saber de tanto sofrimento, de tanta injustiça. Vai, conversem, mas saiba que o perigo ainda é grande, e se descobrirem que estou envolvido nisso, pedirão também minha cabeça. Mas aproveitem, matem vossa saudade, sem se alongarem demais.

— Alô... Bonita? - falou Julia, com a voz titubeando.

— Satisfação em ouvir sua voz! - respondeu Nicole.

— Quanto tempo!

— Sim, estou aqui, Julia, estou bem. Só quero ouvir sua voz!

— É um mundo cruel! Vejam o que fizeram conosco!  
- disse Julia, a voz enbargada.

— E machista, patriarcal, violento...

— Estou me sentido num turbilhão de emoções, é muito forte o que estou sentindo... Nicole, está insuportável

isso aqui! O mais angustiante e assustador é que eu não consigo entender a mente dessas pessoas. De nenhuma delas: os ultra-reacionários teocratas, os sociopatas neoliberais, os lambedores de coturno, ou qualquer alienado em geral que vai lá e vota em fascistas por um motivo delirante qualquer. Eu ando na rua e sinto que estou cercada por gente que gostaria de ver sabe lá que tipo de barbárie... e não tenho mais aquele sentimento de que existe uma maioria de boa gente simples em algum lugar por aí. Eu sinto que não estou mais gostando do ser humano. É um mundo atroz, antiestético. Parece-me haver um denominador comum para as diferentes hordas reacionárias que dominaram Hodiobill, além do desprezo pela igualdade social: um anti-intelectualismo brutal e prepotente. Eles não só acreditam exclusivamente em soluções simples para problemas complexos, mas também odeiam os que jogam nas suas caras a complexidade do mundo: professores, artistas, jornalistas, cientistas, ambientalistas, ativistas, etc. Eles desdenham do conhecimento e parecem ter um ressentimento profundo por quem o valoriza. Então exigem, de uma forma até política, que todas as suas ações, demandas e opiniões contrariem frontalmente todo conhecimento e toda razão - na educação, na arte, na ciência, na informação, nos relacionamentos e em tudo mais. Outro traço comum é que, para negar essa complexidade das coisas, eles vivem num outro mundo, que não é o mundo real. Criam um universo povoado por alucinações e assombrado por monstros imaginários, onde vivem guiados por narrativas políticas simplórias que não precisam ter nenhuma correspondência com a realidade. Parece um tipo de surto psicótico coletivo. Dá-me muita, muita angústia! - era muita coisa para dizer e Julia deixou sair.

— Julia, jamais saberás como poderia ser diferente. Fizestes tuas escolhas. Fizemos! Mas teremos que nos ajudar

a cuidar do museu da escravidão que deixamos para trás. Somos escravas do machismo. A sua imunidade? A sua aposentadoria? Pois, e quem é que vai descascar esse abacaxi e devolver a Hodiohill o direito ao próprio destino? Depois de todos os protocolos que assinastes, depois de todo apoio aos bombardeios indiscriminados... Acho que o rio está vermelho. E se tu não gosta dessa cor vai ter que retirar os cadáveres da beira. Para nós, cada dia vai ser dia para tentar esquecer os erros que cometemos. Teremos cometidos tantos assim? Para muitos de nós vai ser difícil esquecer os danos causados. Recuará esse rio? Encobriria a cara na sepultura de lodo, sem memória, sem o passado, só olhos na água ou ar visíveis (como orifícios na onda)? Pois tudo o que se vê logo desvia o olhar do pântano possível.

— Credo, tu parece tão fria e tão forte e tão calma, Nicole!

— São as cordas de água que se ouvem com a força de um rio no mesmo ouvido; nada ressoa aqui quando o instrumento cega esta retina; nada apressou a hera (de Heráclito) após o muro; nada é alheio. Corre para um subúrbio distante o rio, que sempre nasce. Nem secará a pele. E só o corpo há de perder o pensamento sob a erosão da água que vemos descontínua.

— Tu parece tão estranha, querida! – tornou a repetir Julia, meio receosa de ter perdido Nicole na noite profunda da solidão e do medo. As palavras soavam estranhas na boca da outra.

— Só o sangue! É demais e se reúne ao rio, e passa entre vista e ouvido e o junco. - Nicole prosseguia, num fluxo descontínuo de pensamento, típico de quem está sob trauma.

— Batem na porta. Ouvistes? É aqui ou aí? - perguntou Julia.

— Nem poderá deter-se tal como sozinho o cisne canta por ser morto no corpo branco em carne nua...

— O que está acontecendo, quem chegou aí?

— ... com que canto o dom ou o declínio.

Vendo que um leito é submergido e que a espessura: o tempo, os limos, aí flutuam, pensarei: As palavras de um pensamento em corpo preso ao fluxo e à rede das raízes são jogadas contra um muro, humilhadas, metralhadas e depois queimadas, para não deixar nenhum vestígio...

— Nicole, Nicole... fala comigo, tu estás aí?

Do outro lado da linha ouviu-se um ruído parecido com um corpo abatido sendo ensacado para viagem.

Depois, como já era conhecido nas ações dos inimigos, uma gravação foi executada, tal como uma mensagem anódina repetida por um robô:

— Nesta terça-feira acontece um eclipse solar total no signo de câncer, um dos mais fortes do ano. Este eclipse virá trazendo uma percepção do que nos nutre emocionalmente e do que precisamos trabalhar em nosso interior. Um grande chamamento para olharmos com mais carinho para nossa Missão de Alma, nosso propósito de vida. Neste momento, o nosso poder de co-criar a realidade está MUITO ALTO! O eclipse solar traz oportunidades de novos inícios, então é uma oportunidade única para que novos caminhos alinhados à sua essência possam vir à tona. Perceber que, na verdade, onde estão nossos medos é onde mora nossa maior força e poder pessoal. Momento bom de deixar para trás o que não nos nutre, o que não tem sustentação emocional e psíquica.

Julia sabia o que estava acontecendo, sabia o poder de seus opositores, conhecia a maldade que eles propagavam pelos corredores do poder. Entregou o aparelho telefônico ao embaixador, que estava ao seu lado, e caiu no chão chorando descontroladamente. Nunca mais veria seu amor da maturidade, sentiu.

Era certamente uma boa história. Mas Susana Macieira não estava satisfeita com a construção daquela narrativa. Parecia que algumas peças estavam faltando naquele quebra-cabeças. Como juntar as muitas pontas de uma história real acontecida no meio do caos e que envolvia duas mulheres alçadas a cargos de liderança em posições até então só ocupadas por homens?

Susana estava envolvida numa reportagem de investigação e não se podia desviar do rumo, perder o foco, meter-se em território controverso. O bom jornalismo exige clareza.

Mas ela não conseguia entender o que havia acontecido com Nicole. Aquela mensagem truncada de astros estava a dar-lhe um nó na orelha. Mas quanto mais próximo ia chegando ao centro do novelo, mais ela sentia a pressão de portas fechadas, onde conversas sussurradas escondiam segredos de estado, perseguições, disputas financeiras e ciúmes doentios.

O Diário de Hodiohill tinha uma nova e talentosa repórter, que em sua primeira oportunidade de ir para a rua propôs uma pauta que todos por lá, os antigos, da direção à redação, pretendiam estar esquecida, morta e enterrada.

Acontece que Susana já chegou com novos dados apurados, com documentos conseguidos não se sabe onde, com anotações e diários até então aguardados por amigos atentos, com pistas de envolvimento de gente da situação e da oposição, inclusive das próprias famílias.

Colocado contra a parede, o editor se viu obrigado a deixá-la prosseguir. Muito a contragosto, com um forte sentimento de estar colocando lenha na fogueira das vaidades.

E eis que pelas palavras de reportagem de Susana, uma bela manhã Hodiohill acordou com o cheiro de pólvora a tomar o ar, sobrepondo-se e expulsando o cheiro de rosas que aquelas mulheres emanavam. As perguntas que não queriam calar eram: quem matou Nicole Ker? E quem mandou matar Nicole Ker?

## GENTE DE BEM

“Por aqui não se passa sem que se sofra o calor do fogo!”

Glorinha Evangélica repetia essa frase sempre que podia. Nem sei se ela havia lido Dante, ou se fazia parte da estratégia de doutrinação dos pastores incutir algumas frases de efeito na mente vazia das ovelhas para elas terem o que repetir, e assim, caírem na armadilha da fé com mais requinte.

— Tem muita coisa que precisa ser queimada no fogo do inferno, precisa ser destruída, para ter o direito de existir! Vivemos no coração do inferno.

A vizinha por quem P nutria curiosidade e simpatia era um grilo falante: falava, falava, falava igual a um pobre na chuva. Na porta do bar, onde se encontraram por acaso, depois de mais uma sessão de sermão, P interveio:

— Ei Glorinha! Despertai! Você já ouviu que odiar as pessoas é como atear fogo à casa para livrar-se de um rato?

— É nada! Orai, irmã!

P achava piada naquela senhora que se vestia com saias longas e lenço no cabelo, comprido até a cintura. A pobre mulher vivia de um lado para o outro com uma bíblia debaixo do braço.

— Amar é mais importante que odiar! Não sei se me explico bem? - perguntou P.

Mas Glorinha era uma evangélica radical, daquelas em que a lavagem cerebral sofrida nos porões das igrejas havia surtido todo o efeito. Ademais, estava sempre pronta para

converter uma “alma perdida”, e P era um alvo em potencial. Replicou:

— Sabe o que eu aprendi? Que se não podemos arrancar uma página da vida, podemos jogar o livro inteiro no fogo.

P tentava dissuadí-la daqueles pensamentos, mesmo sabendo que era uma causa perdida:

— Tem um provérbio chinês que diz: “Nunca acendas um fogo que não possas apagar.” Percebe onde quero chegar?

— Filha de Deus, aleluia, e não sei? O demônio está a te tentar, pega na mão do nosso senhor Jesus, que ele te dá forças para não sucumbir nessa tentação, nessa miséria, nessas trevas!

— Nietzsche...

— O quê? Repete. Está me xingando?

— Espera, não vá por aí, estou me referindo a Friedrich Nietzsche, “Não poríamos a mão no fogo pelas nossas opiniões: não temos assim tanta certeza delas. Mas talvez nos deixemos queimar para podermos ter e mudar as nossas opiniões.”

— Menina, cá entre nós, eu ganhei um vibrador da esposa do pastor. Eu nunca tinha visto aquilo. Que coisa fantástica! Estou quase a me tornar a rainha da siririca. Você já experimentou?

— Então existe uma mulher aí dentro dessas roupas cinzas ou escuras que você usa dia e noite? - provocou P, com um sorriso no rosto e uma vontade grande de ver aquela mulher se soltar.

— Deus todo poderoso que me perdoe a mim e a você também! Será que a esposa do santo pastor está a testar-me? Deus seja louvado e o capeta seja vencido!

A identificação de P com Glorinha se dava pelo fato de que P estava em uma travessia, numa espécie de tomada de consciência da verdade e da liberdade, ou mais precisamente,

da verdade que liberta, e identificava na outra muitas das amarras a que esteve presa até há pouco tempo.

— Às vezes eu olho para a P e a vejo tão distante, parece um pássaro cego - disse Glorinha, rosto quase colado no de P, as duas de pé.

— Eu estou aqui, na verdade estava a viajar, mas já estou de volta.

— Voltando ao que é sério - falou Glorinha - eu me fio é no meu Deus, em nome de Jesus Cristo, eu me seguro é nas orientações do meu pastor e bispo. O homem é um santo e a gente tem que saber reconhecer um homem de fé, para evitar ser enganado por um impostor. O que ele diz para mim e para os outros irmãos e irmãs são palavras de luz, são o caminho da verdade e da vida. Você devia ir lá na nossa igreja conhecer, comungar da nossa fé, você vai gostar, vai ver! - disse com uma entonação de confissão na voz, técnica de persuasão muito bem apreendida.

— Eu respeito você e sua religião, Glorinha! Também sou uma pessoa de fé! - tentou dizer P, mas foi surpreendida pela mão esquerda da crente colocada sobre sua cabeça.

Com movimentos coordenados, Glorinha levantou o braço direito na direção do céu, palma da mão aberta e, de olhos fechados, ela iniciou o que para muitas vistas de fora poderia ser um ritual de exorcismo:

— Não deixe seu fogo se apagar, faíscas por insubstituíveis faíscas, na troca perdida pelo que não é exato, pelo que ainda não é, e nunca há de ser. Não deixe o herói na sua alma se extinguir numa frustração pela vida que você mereceu e nunca pôde alcançar. O mundo que você deseja pode ser alcançado. Ele existe, é real. Não se asfixie. Não cometa suicídio. É possível. Esse dom é todo seu!

O fanatismo sempre deixava P constrangida. Por isso ela ficou quieta, a observar, até a mulher voltar de seu transe.

— É isso, amada que veio do estrangeiro, eu te abençoo em nome do Espírito Santo! – e fez o sinal da cruz na testa de P com a mão direita.

Enquanto isso, ela aproveitou e com a sua esquerda segurou na mão direita de P. Mas aí algo deu errado.

Quando os olhos de Glorinha se fixaram nas mãos translúcidas e finas de P, a evangélica fez um sinal de desaprovação, mas não se conteve:

— A mão queimada ensina melhor. Depois disso o conselho sobre o fogo chega ao coração.

H, que havia entrado no bar para comprar justamente um isqueiro, ao sair do estabelecimento se deparou com as duas mulheres de mãos dadas e achou bastante estranha aquela frase que ouviu. Ficou mesmo aturdido.

Ao vê-lo, Glorinha lembrou-se que tinha pressa, e olhando bem no fundo dos olhos de P, falou:

— Olha amada, hoje lá pelas dezoito horas, hora do angelus, vai ter um culto diferenciado lá no Cais do Alagado. Vai lá e leva seu amiguinho - e quando disse assim, tornou a olhar para H, que a fitava sério. - E agora me dê sua licença, deixa eu ir, que tenho que passar antes na FEBEM e dar um salve, quero dizer, um beijo e um abraço, nos meus filhos. Deus proteja e guie a senhorita e o senhorito, amém, aleluia!

De braços estendidos para frente, Glorinha Evangélica saiu caminhando com dificuldades, consequência das varizes. Era uma figura frágil, com um rosto sem vida, com os ossos fracos.

— O que ela queria com você? - perguntou H.

— Não consegui entender muita coisa! Ela convidou-nos para ir ao Cais do Alagado daqui a pouco. Fiquei curiosa para ver o que ela e sua gente de bem é capaz. Parece que os lobos com pele de cordeirinhos da igreja dela estão planejando uma “ação de purificação” contra os inféis. Me dá o maior

bode só de pensar nesses “cidadãos de bem”. Vamos embora daqui! Fiquei irritada! Mas uma coisa eu gostei de saber: ela me contou que usa um vibrador quase todos os dias!

P saiu na frente, com um sorriso insinuado no rosto, e puxou H pela mão esquerda, que a olhava com um semblante de quem gostava de saber mais dessas intimidades onde só há proibições. Seguiram na direção contrária ao caminho em que havia ido a vizinha crente.

Uns passos à frente e H falou:

— Ponha fogo no teu sermão ou ponha teu sermão no fogo!

O calor era grande e a brisa que soprou por entre os dois provocou um arrepio na espinha de cada um.

Duas esquinas à frente, os dois passaram próximo de um parque de diversões onde uma roda gigante iluminada fazia seus movimentos rotatórios. Um olhou para o outro, sincronia pura, como se estivessem a imaginar a mesma cena: o mundo está girando, então é como se tudo estivesse seguindo um sentido definido pela roda. O risco de pular fora com a coisa em movimento é grande, tanto quanto permanecer naquele movimento insano.

De vez em quando H entrava em órbita e, nessas ocasiões, quase tudo que falava parecia premonição:

— Se você quiser ir para o cais, eu vou consigo, vou junto. Mas é bom a gente ir preparado, porque o ar está carregado!

— Então vamos! - respondeu P.

Por uns segundos ela esperou que ele dissesse o contrário, algo como “vamos para casa, vamos cuidar um do outro”, mas no ímpeto, acabou achando melhor mostrar que nada temia. A curiosidade mata, dizia um antigo ditado.

O Cais, como era mais conhecido, era uma área bem ampla que havia ficado esquecida por anos a fio até que alguns

grupos de arte de rua começaram a se apresentar por ali. Em pouco tempo o lugar ganhou nova vida, novas cores, e passou a ser frequentado também por populares em busca de brisa fresca e de namoros fortuitos. Em paralelo, surgiu ali um ponto de venda e consumo de substâncias proibidas.

“Contra toda essa bandalheira”, como eles gritavam nas rádios, televisões e nas redes sociais, estavam os pastores das igrejas das redondezas, dispostos a tudo para expulsar dali “os impuros”.

Por trás deste discurso escondia-se o que interessava aos empresários da fé: aquelas velhas docas espaçosas, aqueles galpões antigos, que serviram ao porto, constituíam o maior desejo dos interesseiros, que imaginavam criar ali uma espécie de circuito neo-pentecostal.

Como não pagavam impostos, haviam os que calculavam as arrecadações de dízimos e doações na casa dos milhões, lucro limpo e abençoado. A guerra, acreditavam eles, era santa, e tudo devia ser feito para “vencer o demônio”.

Isso nos faz pensar nessa curiosa Hodiohill: as pessoas costumavam ser cordiais e alegres, seus habitantes até eram chamados de “os bons selvagens”. Mas algo mudou, e tal mudança mexeu com os monstros mais profundos da população.

Eram exatamente dezoito horas quando H e P colocaram o pé no marco zero, à beira do Cais. Sentiram o cheiro do mar e respiraram fundo.

Não demorou nem três minutos, e uma sirene disparou de uma das docas, fazendo um barulho ensurdecedor.

Em silêncio, de umas tantas camionetes do tipo caravan estacionadas em pontos estratégicos, desceram grupos de sete a nove elementos de cada uma delas, portando fuzis e metralhadoras.

Glorinha ia à frente, impávida, fria como uma barra de gelo. Pobre mente deturpada pelos pastores, os mesmos que transformaram Jesus em intolerante e disseminador de ódio, diferente do que ele foi ou pregava. Para Glorinha Evangélica, a palavra certa era a dos bispos, dos sacerdotes, que diziam como as famílias deviam ser e agir, que sabiam o que era certo e o que era errado.

Às 18h05, sem pestanejar, os grupos abriram fogo sobre quem se mexia à sua frente.

Desprevenidos, sem estar esperando por aquilo, os populares ficaram paralisados, o que facilitou o massacre. Corpos e mais corpos tombaram.

P e H estavam de frente para o mar, de costas para os atiradores, quando tudo começou.

Tinha muita gente próxima, ao lado, atrás, na frente, e os primeiros atingidos pelos disparos tiveram seus corpos precipitados sobre os dois. Sem reação, P e H foram ao chão também. Foi a salvação deles.

Não fosse o fato de terem caído e a gritaria que irrompeu, o que ajudou a distrair os atiradores, eles poderiam ter virado estatística. Aqueles grupos de matadores demonstravam uma sanha louca para consumir a farta munição que carregavam para dizimar os seus semelhantes “diferentes”.

Já houve alguém que disse acertadamente que o absurdo não tem sentido em Hodiohill. No passado, a linha de sanidade já havia sido ultrapassada por bárbaros e vikings, por espanhóis, portugueses, ingleses e franceses, por alemães, russos e italianos, depois por americanos e israelitas, parecia que era hora da loucura guiar Hodiohill.

Foi tudo uma ação planejada, rápida, bem executada, que certamente contou com o apoio de agentes das PosPol, envolvidos no intuito de minar os brios dos opositores e espalhar o pânico.

Para facilitar a fuga, a “gente de bem” espalhou coquetéis molotov e bombas de gás lacrimogêneo na área e nas redondezas. Ficou tudo cinza, não se podia ver mais do que um metro à frente, não se conseguia distinguir quem era quem naquele quadro insano.

Algumas horas depois, ainda não refeitos do susto e profundamente abalados pelos inocentes dizimados, P e H encontravam-se sob atendimento médico. Sem conseguir sentir alívio pelo fato dele e de P terem sobrevivido, H se voltou para o paramédico que o avaliava e abria seus olhos para olhar lá no fundo:

— Como o senhor está se sentido?

— Dolorido, com a alma em prantos! - respondeu H.

— O amor era puro e ingênuo / Até que resolveram complicar / Inventaram o veneno e o revólver / Mas não precisa nada disso / Para matá-lo. - recitou o paramédico, de nome Hélio.

— E se a gente não desse ouvidos a Deus... / Seria um adeus? - questionou a paramédica Magda, que atendia P.

Um outro paramédico que passava por ali, já conhecedor daquela conversa, perguntou:

— E o Senhor da Morte, já veio pedir desculpas?

— Não, ainda não!

O colega nem ouviu a resposta no meio da correria para atender aqueles que ainda tinham alguma chance de vida.

Batendo queixo como faz alguém que está com frio na alma, P estava em choque. H teve forças para perguntar para Magda:

— Quem é esse Senhor da Morte?

— Não conhece? - perguntou a paramédica, olhando bem no fundo dos olhos de P e depois nos de H - é o irresponsável que criou as armas de fogo. Sabem quantas pessoas ele já mandou para o cemitério? Não queiram nem

saber. Vocês vão se perguntar como foi possível chegarmos até isso. Eu posso dizer que já estou acostumada. Hodiohill sempre teve tendência para se auto-extermidar, mas agora estamos vendo isso acontecer na frente dos nossos olhos. É real a matança! Qualquer dia somos nós! Vários alertas foram dados às autoridades sobre os ataques que estavam sendo planejados por esses fanáticos, mas ninguém quis tomar providência, ignoraram como se não se importassem com quem seria abatido. No fundo, a cada dia tornamo-nos cada vez mais animais, animais de abate, sem valor humano!

H, que estava sentado no chão, ao pé da ambulância, com as roupas todas rasgadas e sangue colado em várias partes do corpo, juntou forças e se levantou. Estava fraco, mas conseguiu aproximar-se de P, deitada na maca.

H beijou-a na testa. P manteve-se de olhos fechados, e no seu rosto tenso dava para perceber que ela fazia força para se imaginar longe dali e daquele pesadelo.

De repente, H lembrou-se do Senhor D de Destino, e na mente dele veio a imagem do velho arrastando-se por um corredor mal iluminado, tão devagar como se o ancião não quisesse seguir, temeroso do que sabia que encontraria pelo caminho. E as lágrimas verteram dos olhos de H, pingando como cera quente na pele macia do rosto de P.

As premonições são tão terríveis quanto os maiores pesadelos.



## JARDINS EXTREMOS

O festival na Cinemateca de Hodiohill acabou cedo, tinha muita gente ainda na pilha.

— Para onde a gente vai agora?

— Poxa, está cedo, vamos curtir.

— É verdade essa história?

— Sim, ela disse: “Vamos fazer uma festinha lá na casa do meu sócio, uma mansão. Vou te enviar o endereço pelo whatsapp.”

— Boa, bora lá!

— Cara, não tem coisa mais cafona do que ter mansão em Hodiohill! Eu vivo em 100 metros quadrados em Barcelona e quase não dou conta de manter. Lá não tem mão-de-obra barata, essas coisas como aqui, tem não – comentou um dos artistas mais festejados da noite.

Dandara ouvia aquele diálogo e lembrava da quebrada dela, das dificuldades dessa cidade em transe, e a galera falando de mansão.

— Ó, a Paula enviou o endereço e disse que já está a caminho.

— Vamos lá, depois a gente vai para outro lugar.

— Então vamos!

— Dandara, vem aqui com a gente – chamou uma amiga que estava de carro.

Estavam na Vila Mariana. No whatsapp veio escrito Jardim Europa, mas no waze apareceu Jardim América. Cerca de quatro quilômetros separava-os da festa.

No carro, entre formulações e piadas, reinava uma curiosidade, que logo foi saciada quando eles chegaram no tal endereço.

O muro ia de uma esquina a outra. Na garagem estavam uns 20 carros, e ainda cabiam mais uns dez. O imóvel tinha três andares para o alto e certamente um ou dois de bunker para baixo. E era cercado de torres de vigilância.

Da garagem se caminhava por um jardim criado por Burle Marx, que levava até à piscina, quase do tamanho de um campo de futebol. Num canto, um quiosque com mesas, sofás, vários freezers e armários com copos e talheres reluzentes. Parecia um restaurante chic.

Aquela residência, alguém lembrou de ter visto numa revista, havia pertencido a um dos maiores industriais do país. Há poucos anos fora comprada por um empresário jovem, misterioso, ligado a importações e casado com uma herdeira de uma família quatrocentona. O casal tinha apenas um filho. Era a casa de João, um dos organizadores do festival.

Dandara notou que quando ela chegou ele olhou para ela diferente. Ele notou que ela era tímida, mas que olhou para ele com curiosidade. Algumas dessas coisas inexplicáveis que acontecem num segundo do encontro de duas pessoas.

Numa sala de estar com mesas de jogos, instrumentos musicais e um pequeno bar, estavam dois casais quase na intimidade, que se assustaram com a entrada de mais seis pessoas que vieram a convite de Paula, sócia de João.

Ela foi logo avisando:

— São artistas, escritores, músicos.

Mas nenhum era proveniente daquelas ruas vizinhas. Foi o que os outros pensaram, não escondendo o desconforto.

Ao ver aquelas pessoas desconhecidas em sua casa, João chamou Paula num canto e perguntou:

— Duas eu vi no festival. Quem são as outras pessoas?

— Sei lá. Devem ser amigos do Mick Jagger! Mas ele foi o único dessa trupe aí que eu convidei, os outros vieram de penetas! – respondeu ela, bêbada, rindo alto na cara dele. – Relaxa! Vamos comemorar!

— Meu pai não vai gostar disso! - disse ele.

E um pigarro se ouviu, emitido no segundo andar.

Num átimo, Paula disse:

— People, acho melhor a gente ir para o Rex, lá nós vamos poder beber à vontade!

— Rex? - alguém perguntou.

— É um barzinho cool que fica na Consolação, não conhece? - perguntou um jovem de corpo grande, com cara de estrangeiro, chapéu preto de judeu na cabeça, com um baseadão na mão.

— Então vamos, vai ser melhor! - concordou a maioria.

Um clima de “invasores na área” dava para notar nos olhos de quem estava na casa, tanto que eles e elas se sentiram entrincheirados.

Enquanto caminhavam em direção ao portão de saída, João pegou no braço de Dandara, chegou no ouvido dela e disse:

— Fica!

Ela olhou para ele e deu um sorriso, mas não entendeu direito o que ouviu.

Ele insistiu:

— Não quer ficar? Gostei de você! Amanhã cedo vou para a Ilha de Angra, você podia vir comigo.

Dandara parou. Os da frente continuaram. A lua estava cheia, com um halo grande em volta, brilhante, linda, a temperatura da noite estava gostosa.

— O que você disse? Repete por favor.

— Gostei de você!

Crec! Alguém fechou o portão por fora. Ela percebeu e tentou andar rápido. Ele ficou a olhar para ela, iluminada pela lua.

Quando eles se olharam de novo, perceberam que haviam ficado só os dois. E o contraste que a luz iluminava era grande.

Cabelo black com lindas tranças cuidadosamente mantidas em cor de ouro, piercing no nariz, olhos claros, Dandara, 27 anos, era poeta, slammer e produtora cultural formada em Comunicação Social. Atuava com literatura independente há alguns anos, quando conheceu o movimento dos saraus e se apaixonou. Descobriu nas palavras um refúgio do chicote da vida e, desde então, as mantém como fortaleza. Teve suas poesias publicadas em mais de dez antologias, formou o coletivo Poetas Mágicos, que realiza intervenções poéticas dentro dos transportes públicos de Hodiohill, e é uma das organizadoras da batalha de poesias voltada para o gênero feminino, Slam das Emponderadas. Dandara nasceu e cresceu no Jardim Ângela, uma das regiões de Hodiohill com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo.

João tinha 32 anos, usava cabelo de bentinho, era feio, magro e baixo, mas seguro de si. Administrador de empresas formado na Columbia University, nos Estados Unidos, se apresentava como investidor em bons negócios, inclusive culturais. Nascido em São José dos Campos, morava há cinco anos no Jardim América.

A luz no quarto dos pais no segundo andar continuava acesa e ele disse:

— Vem comigo, vem por aqui.

— Onde você quer me levar?

Ele pegou ela pelas mãos e a puxou. Caminharam,

passaram por debaixo de uma cobertura de jardim vivo que cobria uma Ferrari vermelha, e entraram por uma porta lateral.

A porta era de metal, larga e alta; ela observou que era tal qual a porta de um cofre desses imensos que se vê em alguns filmes de Hollywood. Por dentro, na parede de um corredor extenso, estavam pendurados vários quadros impressionistas, possivelmente de artistas europeus do passado que ela não conseguiu identificar de imediato.

Ele continuou na frente puxando ela, quando apontou para uma escada do lado esquerdo e disse:

— Por aqui, desça com cuidado.

Quando ela percebeu, haviam voltado para o mesmo lugar, a sala de estar multiuso. Ele serviu uma champagne para os dois. Mal ela tomou o primeiro gole, ele a beijou. Mais um gole e os dois estavam se abraçando e rolando no tapete.

No outro dia, quando ela acordou, uma bandeja de café estava servida ao lado da escrivaninha da cama onde os dois dormiram depois de se amarem muitas e muitas vezes.

Devoraram rapidinho os pães, as geléias, o café e a salada de frutas, tomaram banho e se vestiram. Ele deu um beijo nela e disse:

— O motorista está esperando para levar a gente até o Campo de Marte, onde embarcaremos no meu helicóptero. Em noventa minutos estaremos em Angra. Você vai gostar de nossa casa de praia!

Quando saíram do quarto, a mãe estava de pé na porta do escritório.

— Filho, vem cá!

Ela o chamou e se virou para dentro, não sem antes dar um olhada fulminante no fundo dos olhos da visitante.

João apertou as mãos de Dandara e foi ao encontro da mãe, entrando no escritório e fechando a porta atrás dele.

Nesse instante, um segurança apareceu e pegou Dandara pelo braço, quase a suspendendo no ar, e a levou para fora da casa. Um carro preto estava com a porta aberta e ele a conduziu até o banco de trás, fechando a porta em seguida.

João viu a mãe sentada na grande poltrona de couro azul de olhos fechados. Pegou uma almofada no sofá que ficava na lateral e sem dar chance de defesa a ela, apertou o objeto contra a boca e o nariz da progenitora, esmagando a base do crânio no meio da cadeira.

A mãe era frágil e nem demonstrou reação. Logo despencou sem sinais vitais, batendo a cabeça no tampo de vidro da mesa, que de tão espesso nem trincou.

Ele jogou a almofada de lado e saiu em passos rápidos. Nem olhou para trás. Abriu a porta com força e foi na direção da garagem.

O portão principal ainda estava sendo aberto quando alcançou o carro. Puxou o empregado da família pela gravata e o lançou para fora, de costas na brita. Parecia possuído de forças extras. Pulou no volante e saiu acelerando pela rua deserta.

Um tempo depois de rodar sem rumo, olhou pelo retrovisor e perguntou para Dandara:

— E aí, para onde nós vamos agora?

— Nós passamos por uma placa que dizia Zona Sul à esquerda - respondeu ela assustada e quase sem voz.

— Então vamos! - e foi entrando cantando pneu na rua à esquerda.

Seguiu duas quadras e pegou a Marginal. Ultrapassou três carros até atingir a pista expressa e pisou fundo na direção do extremo da Sul.

Andaram um bocado, mas como o trânsito estava carregado, resolveram entrar num motel. Lá eles deram uma

relaxada, fizeram amor, beberam, almoçaram, fizeram amor de novo e apagaram.

Quando acordaram, era fim de noite. Ele ligou a TV. Ao trocar de canal viu imagens de carros de polícia e ambulâncias numa mansão mostrada do alto por drones. Escrito embaixo na tela: “Motorista mata patroa”.

Na hora ele deu um grito de dor, se ajoelhou e começou a chorar. Ela abraçou-o, sentindo na pele a tragédia.

— Estou livre! - sussurrou ele, as lágrimas caindo entre espasmos de seu corpo nu.

O pai devia ter arranjado tudo. O pai o libertara, pensava João no fundo da alma.

Deu mais um grito, desvencilhou-se dos braços dela, pegou o copo de whisky em cima do frigobar e o jogou na parede. Em seguida despencou na cama.

João sentia uma dor que nunca havia sentido. Pesada. Mas era como se o peso estivesse diminuindo e ele ficando mais leve. Parecia uma lagarta que se transformava em borboleta marrom e grossa.

Toda travessia tem dor, ele pensava, só não sabia se doía pela mãe, por ele ou pelo pai.

O pai que comprara o silêncio de um dos empregados para livrar a cara do filho. O pai que também se libertara e agora se tornaria um dos homens mais ricos do Jardim América e de toda a Hodiohill.

## ADEUS

Esta é uma carta de adeus. Reticências...

Eu já passei da violência e cheguei à compreensão do que sou e do que somos. E estou me sentindo aliviada.

Coloquei um disco para tocar, fazia tempo que eu não fazia isso. Encontrei um charuto no armário e fumei.

Mesmo que eu riscasse um fósforo em mim, eu não pegaria mais fogo. Parecia que eu já era só espírito.

E se assim o era, eu devia ter alcançado parte das minhas buscas: ser leve, ter o estado da leveza!

Água pura éramos nós quando nos encontramos no alto da montanha prontos para ir abaixo como nuvem de gotas e, lá embaixo, depois de refrescar os aventureiros, somar na vontade de virar cachoeira, rio, vida, mar. Foram tantos dias incontáveis para contarmos um para o outro.

E contamos... como gases atmosféricos, solos de guitarra, fermentação de uva, quase imperceptíveis, muitas vezes intocáveis.

Minha decisão ou a sua não mudam nada nos caminhos do destino, nem nos desvios do universo. Para muitos, como nós, a vida é só um “Prelúdio em Sol Maior” de Bach, tocado no bandolin. É hora de parar de dar atenção à dolorosa luz das cadeiras elétricas.

Os raios de sol deste domingo estão promovendo

perfeitamente uma luz bonita. Meu corpo vai parecer-te bem interessante com essa moldura, e você vai imaginar como seria nossa derradeira trepada vírgula, mesmo que isso já nem importe mais.

O amor e os cuidados podem não significar a mesma coisa se você não for capaz de abraçar a Terra, não for capaz de evitar a colisão de planetas e comportamentos.

Oi, tudo bem, meu fantasma? Eu abro a geladeira, preciso de algo para estancar esse fogo que começou no meu coração e me foi consumindo por dentro, jogando-me labaredas pelas ventanas, chispas quentes pelos poros e fumaça pelos olhos.

Deixa eu ver se desliguei os botões do fogão, os vizinhos não precisam saber de nada antes de você.

Estou te esperando para o jantar. A refeição hoje sou eu, como naquele filme do Peter Greenaway.

Não sei se você se lembra, mas amanhã é seu aniversário. Aproveita e marca com os amigos uma noitada, talvez você precise ficar muito louco, beber até cair e esquecer um pouco esse monte de besteira que acumula nessa sua cabeça.

Faz pelo menos um brinde para mim, em minha homenagem.

Se tiver uma jukebox, compra uma ficha e toca a minha música bem alta. As pessoas não precisam saber de mais nada. Angústia é fala entupida.

# LIVRO IV

## Dentro do fogo

## SIGA A SETA

Logo na primeira hora da manhã a edição online do Diário de Hodiohill estampava a manchete: “As taxas de suicídio e auto-eutanásia sobem”.

O efeito foi bombástico, provocou agitação nas redes, os partilhamentos já chegavam aos 30 milhões.

Como era de se esperar, da comoção se passou para a polémica, da discussão de dados e ideias se passou para as ameaças das milícias virtuais, e as vozes das ruas incomodaram os governantes, sempre incisivos em negar dados negativos aos seus planos eleitoreiros.

Acontece é que anjos existem, e algumas horas depois uma esquadrilha de aviões não militares tomou o céu de Hodiohill.

Imaculada, a mulher que estava sempre menstruada, foi quem primeiro viu as pequenas máquinas voadoras e saiu pelas ruas gritando e chamando os vizinhos.

As máquinas voavam em formação de seta, mais baixo do que o habitual, carregando as nuvens nas costas.

Muita gente saiu das casas, dos apartamentos, dos prédios de escritórios e das repartições públicas, desejando olhar para o alto em busca de pistas e motivos para tantos aviões.

A certa altura, certamente calculada, os pilotos começaram a despejar sacos e mais sacos de embrulhos por sobre todos e tudo que estava abaixo.

Aquilo assustou as pessoas, que saíram correndo em busca de abrigo.

Mas, assim como apareceram, em questão de minutos, os aviões sumiram.

Para alívio de muitos, logo se constatou que se tratavam de uns simples folhetos, onde se lia a frase escrita em tinta vermelha: **NÃO DESISTAM!**

Os semblantes da maioria era de estranhamento, mas havia os que se decepcionaram, especialmente os que esperavam que fossem notas de euro ou dólar. *I m a c u l a d a* estava dividida, entre aliviada e um bocadinho decepcionada, e foi ela quem primeiro se manifestou, ao perguntar ao irmão:

— Ó Jorge, você que é ligado em astrologia, que significado tem esse acontecimento?

— Tem sempre muita coisa por trás de cada significado, ó irmã *Imaculada!*

O velho Machado de Assis, se estivesse vivo, diria: “A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.” Ou talvez preferisse aconselhar desse modo: “Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa; o essencial é que saiba amar.”

*Imaculada* desandou a chorar.

Jorge então se dirigiu a ela:

— Ó *Imaculada*, lágrimas não são argumentos!

Pedro Doravante Otimista, oculista de profissão e ganha pão, normalmente calado, também quis se manifestar:

— Quem são essas pessoas que se dispuseram a nos enviar essa mensagem? Vocês conseguem ver a grandeza, literalmente, deste gesto?

— Qual o verdadeiro significado de **NÃO DESISTAM?** – perguntou um jovem, com ar de curioso.

— Pois, trata-se de um belo conselho! - interveio a

sábria e sensual Cleusa. – Se não desistirmos, se voltarmos a nos amarmos, teremos mais capacidade de resistir às agruras de Hodiohill!

— Não me admiro! - quis ser simpático o homem de cabelos grisalhos e piercing na orelha.

Quando se viu, aquelas pessoas reunidas começaram a debater com paciência, com respeito e humildade aquele ocorrido, mas não só.

A conversa foi fluindo e de um assunto passaram a outras questões importantes para o coletivo. Por todos os lados, as praças viraram ágoras.

Belo e melancólico episódio! Pena que já era tarde. Hodiohill estava a caminho do desatino.

## UM MUNDO EM COMUM PARA P e H

A lua estava bonita como há muito não se via. Aliás, o dia foi todo azul, imensas nuvens brancas a flutuar no céu e a formar mil figuras, chamando a atenção dos olhos, fazendo muita gente imaginar coisas.

O verde das árvores no verão, as folhas ainda coladas aos troncos, o vento que não descola uma sequer, pássaros acomodados, aquietados na criação dos filhotes que nasceram faz poucas semanas. As casas nas colinas, os prédios em segundo plano, os moinhos de vento gigantes a coletar ar em tubulações brancas, o pouco barulho de quem quer um pouco de tempo calmo para respirar, para tentar voltar à tona desse caixão que estava no fundo do mar. A temperatura suficiente para acobertar a pele para ela entrar em ponto de *siesta*, se possível.

— Estão a falar que o governo vai estimular os estrangeiros a deixarem Hodiohill... - manifestou-se P.

— Ventos que nos trazem, ventos que nos levam!

— Lá vem você H com suas metáforas, seu trocadilhos!

— A gente vai, a gente vem, e o que fica é o que gente fez de bom!

— Gostava de poder saber o dia que a gente vai ter paz!

— Vai ver a paz, tal qual a guerra, sejam mesmo construções semânticas dos humanos. Vai ver o que não é normal se tornou normal!

— Temos sempre que tomar decisões. A vida é um avatar, somos aquelas personagens dos games, você aperta um botão, escolhe gênero, tipo físico, estilo de roupa: logo tem uma personalidade pronta para sair pela selva e pelas cidades devastadas, enfrentando todo tipo de obstáculo, sofrendo para burro, mas sempre com uma possibilidade de vencer e parecer com os melhores, os *The Best!*

— Nós somos ficção. Isso faz com que as escolhas das personagens sejam complexas e determinantes, e faz parte da vida ter que se resignar com algumas delas. No fundo todos somos sentimentais ou resignados e vamos aguentando os trancos. Quem chega a Hodiohill logo percebe algo estranho no ar. Esse lugar está mais para uma imensa panela de pressão pronta a mandar tudo pelos ares do que um reino da fantasia. O problema é que tudo pode acontecer e a gente nunca sabe como isso vai acabar. À beira do abismo, aumenta a adrenalina e a dúvida: chegamos ao fim? Temos salvação? A verdade está escondida dentro de cada um de nós.

— Somos seres suspensos no tempo e sem lugar para se esconder ou sem lugar para esconder a confusão de nossos corações. Em Hodiohill a cada esquina a vida morde, dá suas dentadas. Os acontecimentos se sucedem no meio do caos. É a tragédia que dá valor à vida neste século ainda sem nome, nem luz. De um jeito ou de outro, as histórias destas personagens estão entrelaçadas, em toda a sua glória e fascínio.

— Perguntar onde termina a vida e onde começa a imaginação. Narrar é talvez o estado humano que mais se parece à levitação. Contamos histórias uns para os outros porque não queremos morrer. É esta a razão profunda do ato de narrar, de escrever. Nenhum ferro pode penetrar no coração humano de maneira tão gélida como um ponto colocado no momento exato.

— H, meu amor!

— Diga, P, diga, meu bem!

— Há muita coisa em jogo... o poder, a riqueza, a religião...

— A liberdade e o amor! São demasiadamente explosivos esses seres. Atravessaram as páginas e tomaram as ruas. Ou das ruas vieram e tomaram as cascas das árvores por onde se escrevem os devaneios e desvarios desse mundo.

— Nós vamos voltar? Ou vamos ficar?

— Ir ou ficar? Eis a questão!

— Atenas? Copenhague? London?

— Será?

— Lisboa? Coimbra? Porto?

— Perdestes a bússola?

— Voltar? Voltar para onde?

— São Paulo? Belo Horizonte? Rio de Janeiro?

— Ou se perder de vez?

— New York? Barcelona? Tóquio? Xangai?

A cara dos dois era de desolação.

— Ouvi dizer que essas cidades já não existem mais. Cada uma teve um destino trágico. A terra estava exaurida, os pesquisadores já estavam cansados de alertar.

— Acho que nunca me senti pertencente a nenhum lugar...

— Não havia lugar mais emblemático desses tempos para a gente se encontrar do que no saguão de um aeroporto! - comentou P, envolta em choro e lágrimas.

— It's sign of the times. It's a wonderful time! - H chegou mais perto de P, que estava sentada de frente para a janela, e abraçou-a.

A lua estava bonita como há muito não se via.

— Acho que nunca mais vamos sair de Hodiohill!

Como o senhor D, se calhar, vamos morrer nesse inferno! - comentou P, amargurada

O nó na garganta não impediu H de tentar dizer algo que fizesse sentido:

— Rufem os tambores! Nós mesmos somos todos e os outros. Somos nós mesmos aqueles outros. Nós mesmos somos aqueles que parecem existir num lugar que não reside em cada um de nós. Nós também somos aquilo que criticamos. Somos, ao mesmo tempo, juízes e julgados. Somos todos aqueles que julgamos em alguma medida, porque numa sociedade todos somos um. Este juízo reflexivo é o que nos dá um mundo em comum. Aqui estamos para fazer a nossa parte: inventar o futuro. Bem aventurados os que têm sede de justiça. Mesmo na noite mais triste, em tempo de servidão, há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não. Há vilões entre nós e heróis dentro de nós. Neste claro enigma haveremos de confrontar a falta para que o mundo se recomponha.

Nisto, uma nuvem espessa cobriu a lua. Uma nuvem vinda não se sabe de onde, mas que já havia cegado muita gente na Europa, nos Estados Unidos, na Ásia e na América do Sul.

P levantou a cabeça num solavanco, olhos vermelhos, havia lido algo sobre isso. Preocupada, ela disse:

— Um dia chegaremos lá. Mas, não antes de uma grande e violenta reviravolta nos levar à beira do abismo. E, quando isto acontecer, devemos escolher o perdão e a vida, ao invés da morte.

— Trust the Universe!

— Sim. Mas o melhor a dizer é...

E os dois disseram em uníssono suas frases favoritas:

— Trust the MultiVerse! Acredite em MultiVersos!

## MEMÓRIAS DO FOGO

Eu vos digo: o fogo gosta que falem dele, gosta que o provoquem. O fogo se alimenta de oxigênio e saliva. O fogo se alimenta de rancor e ódio. O fogo começa com a fagulha da ambição. Ou não!

Há pelo menos quatro fogos: o dos relâmpagos; o das pedras; o dos homens e o das almas. O fogo nasce para queimar, queimar até tudo virar brasa. Nada mais, nada menos. Consumir tudo até onde conseguir expandir as chamas.

Nero e seus seguidores são apenas fantoches. O fogo deu a eles a fama, os louros, os lugares na História. Torta, retorcida, diga-se de passagem, mas eles estão lá graças ao fogo.

Mas hoje a verdade não será escondida ou aliviada: todos nós alimentamos o fogo. Todos nós damos a ele o que comer: nossas posses, nossas matas e nossas almas.

Ah, o fogo gosta disso! Do que vale e do que não vale, o fogo não faz distinção. Passa por cima do que vê e do que é imperceptível, mas destrutível.

O fogo não tem hora para começar nem para terminar. Não tem quem o controle. Não tem dono nem patrão. Faz o que lhe apetece.

E quando os quatro fogos se encontram, o céu vira fumo, o calor consome os nervos, e tudo arde, arde, arde.

P foi pegar umas velas aromatizadas que havia comprado para uma ocasião especial, enquanto H abria uma garrafa de vinho. Logo as luzes das velas faziam as sombras

dançarem nas paredes do quarto ao compasso dos sopros do vento, que ainda estava fraquinho.

— Um brinde... - propôs H.

— A quê? - quis saber P.

— A nós, ao nosso encontro.

— A quê mais? - insistiu P.

— A esse amor louco e a esse sexo como nenhum outro, que a gente transa! - respondeu H, com um sorriso provocador no canto da boca.

— Vem cá, toma um gole e deixa eu te dar um beijo bem longo - falou P e foi se aproximando mais de H, que fez o que P pediu.

H gostava daquele jogo. As velas, o aroma suave no ar e o vinho faziam eles relaxarem e permitiam que seus corpos se tornassem um só.

Nessas ocasiões se amavam, longa e prazerosamente, como se fosse a primeira e a última vez.

E tanto amaram, que horas depois caíram esgotados de energia em um sono profundo.

O ar estava fresco, mas seco. Há meses que não chovia em Hodiohill. O vento começou a crescer, soprando para todo lado, para dentro, por cima das velas. E numa dessas lufadas, as chamas pularam para as cortinas vermelhas. Foi como ver o amarelo misturar com o vermelho e ambas as cores ficarem mais intensas ainda, ululando nas variações de intensidade das chamas.

Como está tudo intimamente conectado na atmosfera, no céu um raio veio riscando tudo. Ó céus!

O fogo estava com fome. De repente, pareceu apressado. As chamas, bailarinas que são, pularam para dançar no tapete. E subiram pelos lençóis.

Dentro do pequeno quarto que ocupavam desde que

havia chegado a Hodiohill, aquelas duas almas lindas, tão cheias de vida, tão sem controle de qualquer coisa, muito menos de suas vidas, dormiam como para sempre e, por isso, nem tiveram tempo de acordar. Entraram em ebulição!

O fogo foi fogo! Puro! Intenso! Nem um pio deixou que algum dos dois desse.

Entretanto, mostrando sua eterna insatisfação, o fogo não conteve suas chamas. E de dentro saiu para fora, para a mata vizinha ao Penedo da Saudade. As chamas davam saltos e rodopiavam no ar, como pombas sem paz. Mesmo que chegassem a tempo, não haveria corpo de bombeiros que fosse capaz de conter aquela algazarra.

Pouco a pouco, mas rápido e certo, o fogo alastrou-se por toda Hodiohill. E assim exerceu seu poder destrutivo por dias e noites. Até virar tudo cinzas.

## MUSEU DO NADA

Voltar atrás é melhor do que perder-se no caminho.  
O que foi isso que aconteceu? Como foi tudo isso acontecer?

Foi por que Deus não quis, que a água fria não chegou  
a tempo de ser remédio?

E agora? Quem vai sentir saudade, quem vai falar da  
saudade? Onde guardar tanta saudade do que foi ou fomos?

O oxigênio acabou. O vento já não sopra mais. O ar  
dissolve-se em partículas de tão seco. O calor é insuportável.

Ouve-se ao longe apenas um ruído indecifrável.



## NOTAS & AGRADECIMENTOS

Este livro foi escrito em língua portuguesa, entre Brasil e Portugal. Em algumas frases há um natural misturar de palavras, expressões, grafias e acentuações, provocando um certo desacordo com o Acordo Ortográfico. O que pensamos, entretanto, é que este encontro de culturas, esta amálgama de oralidade com erudição, só pode ser enriquecedor. A língua portuguesa está a navegar livre, como deve ser.

Os meus sinceros agradecimentos:

Aos amigos, de várias partes do mundo, aos professores que estimulam nossa criatividade e nos incentivam a pensar no próximo, aos que nos inspiram a reinventar o mundo.

A todos os meus leitores, ouvintes e interlocutores, para quem dedico esse trabalho.

A Olivia, Walda, Vanessa, Valquíria, Roberta, Gabriel, Miguel, Dora, Ana Clara.

A Paulo Branco Lima, Hélder Santos (Grau), Maria Alexandra Nogueira, Ana Luisa Delgado, Hérica Jorge Pinheiro, Jule Cerise Gay, Letícia Malard, José Santos, Rômulo Garcias.

Namastê!

*Publicado no ano de “Parasite” (Dir. Bong Joon-ho), “Joker” (Dir. Todd Phillips), “Bacurau” (Dir. Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles), e “Democracia em Vertigem” (Dir. Petra Costa).*

# CONSTELAÇÃO DE PENSAMENTOS, PALAVRAS E IDEIAS - Trabalhos feitos pelo autor

## Romance

Psyché e Hamlet vão para Hodiohill (2019)  
Cidade em transe (2015)

## Poesia

Mexidinho (2017)  
Viagem a Minas Gerais (2012)  
Torpedos (2011)  
Turnê do Encantamento (2009)

## Jornalismo cultural

Astros e Estrelas – Memórias de um jovem jornalista em Londres (2017)

## Educação e comunicação

Mobimento – Educação e Comunicação Mobile (2012)

## Participação em antologias

70 x Caio - Antologia poética com 70 poetas em homenagem a Caio Fernando Abreu (2019)  
DiVersos - 71 Poetas do Brasil (2019)  
Coimbra em imagens (2019)  
Coimbra em palavras (2018)  
São Paulo em imagens (2018)  
São Paulo em palavras (2017)  
Pedaladas Poéticas (2017)  
Penas, fluídos e bisturis (2017)  
Trinta Anos-Luz: Poetas celebram 30 anos de Psiu Poético (2016)  
Poetas do Sarau Suburbano: vol. 4 (2016)  
The flame trees are in the blossom (Formosa International Poetry Festival 2015)  
Antologia 28º Salão Nacional de Poesia Psiu Poético (2014)

## Prefácios, Posfácios, Apresentações

Fernando Pessoa - 31 poemas selecionados (2019)  
Sonetos, de Camões (2019)  
Clepsidra, de Camilo Pessanha (2019)  
Coimbra em imagens (2019)  
Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita (2019)  
Tia Geralda, a morte e o gato, de Rômulo Garcias (2018)  
Coimbra em palavras (2018)  
São Luís em palavras (2018)  
São Paulo em imagens (2018)  
São Paulo em palavras (2017)  
Trinta Anos-Luz: Poetas celebram 30 anos de Psiu Poético (2016)  
Poetas do Sarau Suburbano: vol. 4 (2016)

## Edições

Breve, de João José Cochofel (2019)  
O garoto Regulus - Freireando a vida, de Paulo Rafael (2019)  
Origem e Ruína, de Paulo Branco Lima (2019)  
Os Segundos Nomes, de Anthony Clown (2019)  
Fernando Pessoa - 31 poemas selecionados (2019)  
Sonetos, de Camões (2019)  
Clepsidra, de Camilo Pessanha (2019)  
Peregrinação Crioula, de Paulo Branco Lima (2019)  
Coimbra em imagens (2019)  
Tia Geralda, a morte e o gato, de Rômulo Garcias (2018)  
O cárcere de Newton e outros contos, de Bruno Macêdo Mendonça (2018)  
Coimbra em palavras (2018)  
São Luís em palavras (2018)  
São Paulo em imagens (2018)  
São Paulo em palavras (2017)  
Almas da liberdade, de Paulo Rafael, Romildo Ibeji e StiãoJS (2017)  
Pedaladas Poéticas (2017)  
Trinta Anos-Luz: Poetas celebram 30 anos de Psiu Poético (2016)  
Pelas periferias do Brasil vol. 6 (2016)  
Poetas do Sarau Suburbano: vol. 4 (2016)



**Wagner Merije** é autor de uma série de trabalhos diferentes e, ao mesmo tempo, em constante diálogo. Talvez esta seja uma palavra boa para descrever suas propostas literárias, artísticas e educativas: dialogar para compreender o outro, para reconstruir o mundo. Publicou os livros *Astros e Estrelas - Memórias de um jovem jornalista em Londres* (2017), *Mexidinho* (2017), *Cidade em transe* (2015), *Viagem a Minas Gerais* (2013), *Torpedos* (2012), *Mobimento - Educação e Comunicação Mobile* (2012) - finalista do Prêmio Jabuti 2013, e *Turnê do Encantamento* (2009); organizou, editou e prefaciou mais de duas dezenas de livros, entre os quais estão obras de Fernando Pessoa, Camões, Camilo Pessanha e João José Cochofel, e títulos como *Coimbra em palavras* (2018), *Coimbra em imagens* (2019), *São Paulo em palavras* (2016), *São Paulo em imagens* (2017), *Trinta Anos-Luz - Poetas celebram 30 anos de Psiu Poético* (2016) e *Pelas periferias do Brasil vol. 6* (2016); escreveu canções e peças de teatro; dirigiu filmes; trabalhou para jornais, revistas, rádios, TVs e sites. Nesse percurso, já apresentou trabalhos em diversos países e foi agraciado com alguns prêmios. É investigador na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, autor de ensaios e artigos sobre literaturas de língua portuguesa, inglesa e grega. *Psyché e Hamlet vão para Hodiobill* é seu segundo romance.

“Uma alegoria de tempos estranhos com palavras potencialmente explosivas”

*American Literary Review*

“Um jeito de narrar impressionante e totalmente distinto”

*Lettres France Express*

“Insano e acachapante”

*London Books Alternative Circle*

“Poderoso! Louco! Inacreditável! É preciso coragem para acompanhar as personagens nesta travessia”

*Tokyo Buzz*

“A visão do apocalipse contemporâneo por um autor audacioso e misterioso”

*La Literatura Latina*

**Aquarela Brasileira Livros**  
Brasil - Portugal

Conheça nossas publicações.



**Psyché & Hamlet vão para Hodiohill** é sobre seres suspensos, sem lugar para esconder a confusão de seus corações.

É sobre um tempo e um lugar em decomposição.

É a história de duas almas sensíveis, P & H, que se conhecem num aeroporto, pouco antes de embarcarem para Hodiohill.

Como muitos de nós, P & H tinham feito suas escolhas, todos nós fazemos escolhas, o difícil é conviver com elas.

Mas os dois não seriam capazes de prever o que os esperava. Tudo o que se pode dizer é que Hodiohill talvez tenha sido o maior paraíso e o maior inferno que já se teve notícia.

De um jeito ou de outro, as histórias de Hodiohill e das personagens que P & H vão encontrando pelo caminho estão entrelaçadas, em toda a sua glória, declínio e fascínio.

[www.aquarelabrasileira.com.br](http://www.aquarelabrasileira.com.br)

ISBN 978-859255220-6



9

788592

552206